

**UFRRJ INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR – CAMPUS NOVA IGUAÇU CURSO
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO, CULTURA E SOCIEDADE**

DISSERTAÇÃO

**A IDENTIDADE DE INTEGRANTES DO “GRUPO CULTURAL BATIDAS E
RIMAS” DE QUEIMADOS/RJ: A RELAÇÃO ENTRE CULTURA E SOCIEDADE
NA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO**

SARAH MARTINS CASSIANO 2022



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO – UFRRJ INSTITUTO
MULTIDISCIPLINAR – CAMPUS NOVA IGUAÇU PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO, CULTURA E SOCIEDADE – PPGPACS**

**A IDENTIDADE DE INTEGRANTES DO “GRUPO CULTURAL BATIDAS E
RIMAS” DE QUEIMADOS/RJ: A RELAÇÃO ENTRE CULTURA E SOCIEDADE
NA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO**

SARAH MARTINS CASSIANO

Sob a orientação da Professora Dra.

Elis Regina Barbosa Angelo

Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação em Patrimônio, Cultura e Sociedade da UFRRJ, como requisito obrigatório para obtenção de título de Mestre em Patrimônio, Cultura e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Patrimônio Cultural:
Identidades e Sociedade

Nova Iguaçu, RJ

Julho de 2022
FICHA CATALOGRÁFICA

305.5098153

C345i

T

Cassiano, Sarah Martins

A identidade de integrantes do "grupo cultural batidas e rimas" de Queimados/RJ : a relação entre cultura e sociedade na construção do sujeito / Sarah Martins Cassiano. - 2022.

84 f. : il.

Orientador: Elis Regina Barbosa Angelo.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Patrimônio, Cultura e Sociedade.

Bibliografia: f. 81-84.

1. Classes sociais - Queimados (RJ) - Teses. 2. Identidade social - Queimados (RJ). - Teses. 3. Hip-hop (Cultura popular) - Queimados (RJ) - Teses. I. Angelo, Elis Regina Barbosa. II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Patrimônio, Cultura e Sociedade. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada por Andréia da Silva Furtado Barreiros (CRB-7/5888)

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de financiamento 001”.

TERMO DE APROVAÇÃO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO,
CULTURA E SOCIEDADE



TERMO N° 909/2023 - PPGPACS (12.28.01.00.00.00.22)

N° do Protocolo: 23083.052254/2023-31

Nova Iguaçu-RJ, 08 de agosto de 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR

PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO, CULTURA
E SOCIEDADE

Sarah Martins Cassiano

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Patrimônio, Cultura e Sociedade (PPGPACS), no Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, como requisito parcial à obtenção do título de **Mestre em Patrimônio, Cultura e Sociedade**. Área de concentração Patrimônio Cultural: Memória, Identidade e Sociedade.

Dissertação *defendida e aprovada* pela Comissão Examinadora em 11/07/2022.

Prof.ª. Dra. Elis Regina Barbosa Angelo (Orientadora)

Prof.ª. Dra. Raquel Alytios Pereira (Examinadora UFRRJ)

Prof. Dr. Thiago de Souza dos Reis (UVA - Examinador externo à Instituição)

Prof.ª. Dra. Conceição Aparecida Barbosa (UFMA - Examinadora externa à Instituição)

Nova Iguaçu – RJ, julho de 2022.

(Assinado digitalmente em 03/08/2022 11:29)
ELIS REGINA BARBOSA ANGELO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptAdT/IM (12.28.01.00.00.82)
Matricula: 1744846

(Assinado digitalmente em 03/08/2022 08:44)
ISABELA DE FATIMA FOGACA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptAdT/IM (12.28.01.00.00.82)
Matricula: 1771910

(Assinado digitalmente em 23/08/2022 15:14)
RAQUEL ALVITOS PEREIRA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptH/IM (12.28.01.00.00.88)
Matricula: 1862824

(Assinado digitalmente em 01/08/2022 14:33)
THIAGO DE SOUZA DOS REIS
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 106.055.867-05

(Assinado digitalmente em 03/08/2022 21:43)
SARAH MARTINS CASSIANO
DISCENTE
Matricula: 20191000334

(Assinado digitalmente em 29/08/2022 10:06)
CONCEIÇÃO APARECIDA BARBOSA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 096.044.358-41

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número:
3213, ano: **2022**, tipo: **ATA**, data de emissão: **01/08/2022** e o código de verificação: **7b7df226f8**

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus porque não chegaria até aqui sem sua ajuda. É ele que me sustenta e mantém de pé, apesar das adversidades. Gratidão pela força que me dá para lutar batalhas que surgem diariamente.

À minha mãe Ana e meu pai Tamar, minha base na vida, por acreditarem em momentos que eu mesma não acreditava ser possível. Meus parceiros, pelo apoio que tive em todos os anos de minha existência, pelo amor incondicional, pelo incentivo, paciência e pela criação que me proporcionaram.

À Lucas Matheus, meu companheiro, pelas palavras de incentivo que não me deixaram desistir, pela cumplicidade, parceria e compreensão em todos os momentos.

À Luísa, minha filha que me dá forças para continuar lutando e por renovar minhas esperanças a cada dia.

À UFRRJ, e em especial ao PPGPACS pelas experiências e pelo aprendizado.

À minha orientadora, Dra. Elis Regina Barbosa Angelo, obrigada pela competência, humildade, e compreensão em todos os momentos desta pesquisa.

Aos membros da banca pela pronta disponibilidade e contribuições assertivas e cuidadosas: Dra. Raquel Alvitos Pereira, Dr. Thiago de Souza dos Reis, Dra. Conceição Aparecida Barbosa, muito obrigada.

Aos sujeitos dessa pesquisa que me acolheram de forma afetuosa em todas as etapas do processo, pela abertura e pelas experiências compartilhadas que levarei por toda a minha vida.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

CASSIANO, Sarah Martins. **A Identidade de Integrantes do “Grupo Cultural Batidas e Rimas” de Queimados/RJ: A Relação Entre Cultura e Sociedade na Construção do Sujeito**, 2022. p.93. Dissertação (Mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade). Instituto Multidisciplinar, Programa de Pós Graduação em Patrimônio, Cultura e Sociedade – PPGPACS, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, Nova Iguaçu, RJ, 2022.

O presente trabalho é um estudo sobre o modo como o sujeito oriundo e morador da periferia se coloca em sociedade, sua percepção sobre elementos culturais, sociais e sobre sua própria identidade. Observa-se que o modo como se enxerga enquanto indivíduo está mudando, em especial se comparado a gerações anteriores. Constata-se uma relação entre cultura e sociedade, associadas à identidade que se reflete nos modos de falar, de vestir, de agir e de se posicionar, sejam no campo político ou social. Este texto busca compreender os aspectos identitários de parte de um grupo cultural específico, conhecido como Batidas e Rimas, criado e localizado no município de Queimados, Baixada Fluminense do Estado do Rio de Janeiro. O coletivo origina-se da cultura Hip-Hop: música, *break* e *grafitti*, mas também como uma forma de vida que gira em torno de uma linguagem, de símbolos e códigos próprios que possibilitam identificações que fazem parte do que seus integrantes são. Esses agentes produzem cultura e a expressam por meio de uma identidade. As práticas sociais carregam uma dimensão cultural que se alastra e gera impacto direto na construção do sujeito e no modo como o mesmo se posiciona como ator social. Tanto o “Batidas e Rimas” como outros coletivos que serão mencionados fazem a diferença na periferia e enxergam a cultura hip-hop como um modo de vida, de ser e estar no mundo. Discutir sobre cultura e identidade na Baixada não representa um ineditismo, mas faz parte de um processo de desconstrução da concepção de que esse território reduza a criminalidade.

Palavras-chave: Identidade. Cultura. Sociedade. Batidas e Rimas.

ABSTRACT

CASSIANO, Sarah Martins. **The Identity of Members of the “Batidas e Rimas Cultural Group” from Queimados/RJ: The Relationship Between Culture and Society in the Construction of the Subject**, 2022. p. 93. Dissertation (Master in Heritage, Culture and Society). Multidisciplinary Institute, Graduate Program in Heritage, Culture and Society - PPGPACS, of the Federal Rural University of Rio de Janeiro – UFRRJ, Nova Iguaçu, RJ, 2022.

The present work is a study on the way in which the subject from and resident of the periphery places himself in society, his perception of cultural and social elements and his own identity. It is observed that the way you see yourself as an individual is changing, especially compared to previous generations. There is a relationship between culture and society, associated with the identity that is reflected in the ways of speaking, dressing, acting and positioning, whether in the political or social field. This text seeks to understand the identity aspects of part of a specific cultural group, known as Batidas e Rimas, created and located in the municipality of Queimados, Baixada Fluminense in the State of Rio de Janeiro. The collective originates from the Hip-Hop culture: music, break and graffiti, but also as a way of life that revolves around a language, symbols and codes that allow identifications that are part of what its members are. These agents produce culture and express it through an identity. Social practices carry a cultural dimension that spreads and generates a direct impact on the construction of the subject and on the way in which it positions itself as a social actor. Both “Batidas e Rimas” and other collectives that will be mentioned make a difference in the periphery and see hip-hop culture as a way of life, of being and being in the world. Discussing culture and identity in the Baixada is not unprecedented, but is part of a process of deconstructing the concept that this territory reduces crime.

Key words: Identity. Culture. Society. Beats and Rhymes.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
METODOLOGIA	3
DELINEAMENTO DA PESQUISA	3
2. CAPÍTULO I	4
2. HISTÓRIA E IMPACTO DA CULTURA HIP-HOP: “GRUPO CULTURAL BATIDAS E RIMAS”	4
2.1. ATUALMENTE EM NOVA YORK (EUA)	6
2.2. KING MANO BROWN E OS PRIMEIROS PASSOS DO HIP-HOP NO BRASIL	7
2.3. HIP HOP NA BAIXADA FLUMINENSE	10
2.4. OS QUATRO ELEMENTOS CULTURAIS QUE SÃO A BASE DO MOVIMENTO HIP-HOP	13
2.4.1. RAP	13
2.4.2. MC - <i>MASTER OF CEREMONY</i> (MESTRE DE CERIMÔNIA) E DJ - <i>DISC JOCKEY</i> (<i>DISC</i> – VINIL, <i>JOCKEY</i> - OPERADOR DE MÁQUINA OU EQUIPAMENTO)	14
2.4.3. GRAFFITI	15
2.4.4. BREAKDANCE/BREAKING – B.BOY, OU B.GIRL	16
CULTURA HIP-HOP: INICIATIVAS NA PERIFERIA E ALGUNS DE SEUS RESULTADOS	18
2.6. INSTITUTO ENRAIZADOS E O PIONEIRISMO DA CULTURA HIP-HOP NA BAIXADA FLUMINENSE: ATIVISMO E MILITÂNCIA PARA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL	21
2.7. GRUPO BATIDAS E RIMAS: TRANSFORMAÇÃO SOCIAL POR MEIO DA PRODUÇÃO DE CULTURA NA PERIFERIA	24
2.8. RETOMADA DAS ATIVIDADES APÓS DOIS ANOS DE PANDEMIA COVID-19	29
3. CAPÍTULO II	36
3. A CULTURA NA INTERFACE DAS RELAÇÕES HUMANAS AO LONGO DAS GERAÇÕES	36
3.1. CULTURA COMO OBJETO DE ESTUDO DA ANTROPOLOGIA	38
3.2. CULTURA DOMINANTE, CULTURA DOMINADA NA FORMAÇÃO E (TRANS)FORMAÇÃO DE SENTIDOS	42
3.3. OS ENFOQUES BOURDIEUSIANO NA COMPREENSÃO DOS SENTIDOS, TERRITÓRIOS E DIVERSIDADES	44

3.4. UM POUCO SOBRE BERNARD LAHIRE NA COMPREENSÃO DO HOMEM PLURAL _____	47
3.5. OS ESTUDOS CULTURAIS COMO BENESSES NA AMPLIAÇÃO DO POPULAR, SIMBÓLICO E TERRITORIAL NA MÚSICA, ESTILO E GRUPO _____	48
3.6. EDWARD P. THOMPSON E CULTURA A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DOS SUJEITOS DO HIP-HOP _____	50
3.7. A CULTURA E SOCIEDADE EM DEBATE NA FORMAÇÃO SOCIAL DAS IDENTIDADES E CIRCULARIDADES DA CULTURA _____	52

4. CAPÍTULO III _____ 54

4. ENTENDENDO E CONTEXTUALIZANDO O CONCEITO DE IDENTIDADE _____ 54

4.1. A PSICOLOGIA E SUA VERTENTE SÓCIO-HISTÓRICA NA COMPREENSÃO IDENTITÁRIA _____	55
4.2. PSICOLOGIA SÓCIO-INTERACIONISTA E O “BATIDAS E RIMAS” EM PERSPECTIVA _____	63
4.3. LEMBRANÇAS E MEMÓRIAS COMO ELEMENTOS CONSTITUINTES DA IDENTIDADE _____	69

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS _____ 72

6. REFERÊNCIAS _____ 74

1. INTRODUÇÃO

*Meu bairro é perigoso
Típico de um rapper grande
Sempre tive nome, mas me chamam de meliante
Política, qualquer direção é nós que sofre um monte
A lista é negra e nós vai botar o nome de racista Nós é leão, zebra e nós vai devorar sua listra
Por causa de um bolo meu bairro eleger fascista
Começa com M a palavra e rima com polícia
Eu sou V de vingança
O sangue é o cheiro da fragrância
Existe uma diferença entre ser vendido para quem quer vender
É simples, escolha qual dos dois você quer ser
De onde eu venho, nós só tá tentando aparecer
Não me valorizaram eu resolvi fazer sem escolher e fé
Grupos de Rap se desfazendo por grana e mulher
Ligo o carro com sentido ao topo sem dar marcha ré
Através do rap eu curei duro e sou planta guiné
Eu canto sobre a guerra pois eu vivi ela
Eu sou vítima dela aqui no Rio é f* e nem sou de favela
O Estado inteiro sangra
Numa dessas perdi meu irmão
Acostumado com perdas desde criança
Dei a volta por cima, Mano
Se a minha mente é uma oficina
Eu estou tão rico que coloco cinco camaros para mostrar que corre e não foi sorte
Hoje minha mãe sorri de ponta a ponta eu fiz tristeza no diabo
Lutando para sintam minha presença e não minha falta
Depois do suicídio vão dizer que te ajudavam
A vida é curta, viva sem ser um filha da p*
Acredite na arte, apoie um artista de rua
Eu não sou criticado, mas lanço crítica ao hit Gostando ou não trouxe autoestima, Queimados City.*

Artista: Dipaul4

O interesse pela produção deste trabalho surgiu a partir da constatação de que as pessoas estão mais “politizadas”, apresentando maior consciência e interesse por questões sociais. Percebeu-se uma mudança de comportamento, em especial se comparado a gerações anteriores. Após um breve diálogo, ficou nítido que os meus avós não discutiam racismo e desigualdade social mesmo sentindo na prática o seu impacto. As preocupações eram outras, era com a subsistência.

A geração da autora do presente estudo teve uma qualidade de vida um pouco melhor, foram os primeiros da família a ter acesso ao ensino regular, entretanto, os esforços estavam concentrados em conseguir um emprego para ajudar em casa. Os nascidos nos anos de 1990 e 2000 puderam dedicar-se mais aos estudos, tiveram maior acesso aos meios de comunicação e consequentemente acesso à informação. Na atualidade, a mídia é uma das instituições responsáveis pela educação no mundo moderno, sendo responsável pela transmissão de valores, padrões de conduta e comportamento. Vale salientar que pessoas com pensamento reflexivo sempre existiram, contudo, se fala aqui sobre o perfil de uma família típica moradora de Queimados-RJ.

Esta introdução começa com a letra de um jovem compositor e *rapper* que se intitula “Dipaul4” e também é conhecido como “Baby Puto”. A produção é a primeira faixa do álbum “Armas e Rosas”, lançado em 2021. Nos versos é possível ver um pouco de suas experiências cotidianas e um forte posicionamento crítico sobre algumas questões sociais, todas através da ótica de um negro, pobre e morador da periferia. No trabalho em questão, esse perfil será ouvido e suas falas serão aprofundadas por meio de discussões a respeito de cultura e identidade de um grupo específico conhecido como “Batidas e Rimas”.

O “Batidas” é um grupo cultural cujas práticas são baseadas na cultura hip-hop. Há dez anos, o coletivo parte da arte como um meio de modificar a realidade das pessoas e do território. O que iniciou em uma rádio, “por curtir um som” expandiu-se, foi para a rua e hoje faz a diferença na comunidade. Deu-se então o início de um grupo que utiliza a música como base para trazer mudanças, melhorias e assim transformar a sociedade.

Logo, se faz necessário ir a campo, ouvir os sujeitos unidos pela cultura hip-hop expressos no grupo musical Batidas e Rimas. Objetivou-se vislumbrar na prática a relação entre cultura e sociedade, associadas à identidade expressa no modo de falar, de vestir, de agir e de se posicionar, seja no campo político ou social. Qual o impacto da filosofia hip-hop na construção de uma cultura na periferia que busca pela ruptura de uma lógica excludente? De que maneira os jovens do município de Queimados conectados pelo hip-hop se enxergam como detentores de uma identidade? Sujeitos importantes para a história do hip-hop foram entrevistados e compartilharam o que viveram em diferentes momentos até o ano presente.

Como ponto de partida, o **Capítulo I - História e Impacto da Cultura Hip-Hop: “Grupo Cultural Batidas e Rimas”** se propõe a compreender a história da cultura hip-hop nos Estados Unidos, em São Paulo e na Baixada Fluminense, demonstrando que sua influência gera impacto no território desencadeando transformações. O capítulo também discorre sobre a história do Batidas e Rimas e os relatos dos seus agentes e atores. A perspectiva de autores como Pierre Bourdieu, Stuart Hall, Edward Thompson e Raymond Williams que desmembram a cultura e a identidade a partir de uma visão histórica, antropológica e sociológica relacionando-a ao indivíduo e ao meio social em que está inserido.

No **Capítulo II - A Cultura na Interface das Relações Humanas ao Longo das Gerações**, buscou-se compreender as interações entre o coletivo e seus agentes ativos que produzem cultura, conhecimento e expressam uma identidade do “Batidas e Rimas” internos e externos. Compreender essa cultura que caracteriza o coletivo é importante para apreender as dinâmicas presentes nas sociedades que perpassam distintos campos, como o político e econômico. Logo, a cultura é atravessada por um conjunto de componentes que estão em constante relação, entre eles: hábitos sociais, crenças e modos de pensar que consequentemente geram determinados tipos de comportamento.

De acordo com Stuart Hall (1997), as práticas sociais carregam uma dimensão cultural que se alastra para distintos pontos da vida social, gerando impacto direto na construção do sujeito e o modo como o mesmo se posiciona como ator social. Nessa perspectiva, buscou-se no **Capítulo III - Entendendo e Contextualizando o Conceito de Identidade** integrar conhecimentos identitários, os movimentos coletivos que giram em torno de uma linguagem, de símbolos e códigos próprios que possibilitam identificações que fazem parte do que seus integrantes são. Assim como os contextos de gênero, orientação sexual, etnia ou raça e classe

exemplificam movimentos que contestam a realidade, mas de maneira coordenada que buscam uma mudança na sociedade.

METODOLOGIA

Discutir sobre cultura e identidade na Baixada não representa um ineditismo, mas faz parte de um processo de desconstrução da concepção de que esse território se reduz à criminalidade. Ainda é mais fácil encontrar material na mídia, como em matérias em jornais por exemplo, que abordam mais a questão da violência e pauperismo se comparado a produção e disseminação de cultura. Para falar a respeito da mesma é essencial compreender e discutir a ocorrência dos eventos nesse território, será utilizado o discurso de agentes que não só vivenciaram, como também fazem a história. Ao longo dos capítulos será anunciado o nome dos sujeitos e a forma como foram abordados.

Delineamento da Pesquisa

No início pensou-se em discorrer sobre uma identidade negra, contudo, cabe aqui uma identidade coletiva pela integração social, pelo compartilhamento de costumes, ideais, em conformidade com o vínculo estabelecido entre seus adeptos e/ou integrantes e pela noção de pertencimento e apropriação. Individual ou coletiva, a identidade em sua complexidade e dinamicidade está presente em todas as sociedades. Sua construção é atravessada por fatores internos, externos, culturais e políticos.

Tanto o “Batidas e Rimas” como outros coletivos que são mencionados neste texto fazem a diferença na periferia e partem da filosofia do hip-hop estadunidense, eles apropriam-se e se adaptam de acordo com a realidade de seu território. Pois, o hip-hop é um meio de vida, e um dos seus objetivos é passar o conhecimento, ele está na rua, na favela, nos lugares mais precários. É feito pelo excluído e para excluído, de favelado para favelado. Para conseguir atingir os objetivos propostos por este estudo, optou-se pela realização da pesquisa em três capítulos, já mencionados e resumidos anteriormente, além de visitas ao território, entrevistas semiestruturadas, pesquisa documental/bibliográfica e captação de acervo de imagens, fotografias e músicas dos participantes.

O recorte aqui empreendido objetivou a análise das experiências e práticas culturais e identitárias por meio das expressões culturais e artísticas do hip-hop na baixada fluminense, em especial, da cidade de Queimados-RJ. Para isto os critérios norteadores da pesquisa foram:

1. Levantamento de bibliografias, documentos e acervos audiovisuais dos temas para análise e discussão para as revisões bibliográficas compatíveis com os temas abordados nos três capítulos;
2. Identificação e seleção de organizações e/ou coletivos que contribuem com a perspectiva cultural e identitária do hip-hop na baixada fluminense.
3. Elaboração e aplicação de entrevistas e questionários semiestruturados para levantamento de informações que auxiliam com os objetivos propostos deste estudo.

2. CAPÍTULO I

2. HISTÓRIA E IMPACTO DA CULTURA HIP-HOP: “GRUPO CULTURAL BATIDAS E RIMAS”

Quando se ouve a expressão “mexer os quadris”, tradução integral do termo “Hip-Hop”, a mente resgata, de maneira intuitiva e imediata a ideia de música, que se desdobra em ramificações como: melodias e composições, algum cantor (a), *rapper* brasileiro ou norteamericano que seja familiar, danças, *grafittis*, e demais elementos associados ao estilo. Logo, o que no princípio é associado a música se divide e se aprofunda para além de um gênero musical.

Como já mencionado, a manifestação artística hip-hop é popularmente conhecida por suas canções de letras marcantes, batidas particulares e movimentos corporais específicos. Esses são alguns dos componentes visíveis e representativos de uma postura, uma perspectiva com posicionamento político, a partir da articulação e ação conjunta de agentes que criticam elementos tanto materiais quanto imateriais presentes no âmbito social. Logo, o hip-hop é música, dança, arte, cultura, história e educação.

Diante de referenciais amplos e subjetivos, se torna difícil conceituar seu significado uma vez que uma possível delimitação de sentido pode resultar em reducionismos e generalizações. O movimento Hip Hop nasceu nos bairros pobres, de população predominantemente negra na cidade de Nova York, nos Estados Unidos, no final dos anos 1970 do século XX. Já no Brasil, eclodiu na periferia de São Paulo, se desenvolvendo no decorrer dos anos 80. O ponto de partida em ambas as partes é a periferia, que adentra a cidade com sua contestação e resistência.

Os Estados Unidos da América (EUA) se formam, preliminarmente, por colonos ingleses, que fugiram de seu país de origem em função de um tenso panorama religioso e político. Fundadas no decorrer do século XVII que originaram as Treze Colônias Americanas ou Britânicas. Diferentemente do Norte, onde o modelo assumido foi de pequena propriedade, a Colônia do Sul adotou as grandes plantações, denominadas *plantation*, monocultura de produtos. Logo, contava-se com expressiva mão de obra escrava se comparado ao Norte.

O reduto da escravidão era o Sul do país, principalmente nas regiões produtoras de tabaco e algodão, na Virgínia, Geórgia e Maryland. Nessas regiões, ter um escravo era o mesmo que ter um valioso bem e a quantidade de escravos simbolizava posição de prestígio social do proprietário (KARNAL, 2007, p. 124).

O fim da escravidão veio com a guerra civil (Guerra de Secessão 1861-1865), a 13ª Emenda foi um documento assinado pelo presidente dos Estados Unidos da América, Abraham Lincoln, em 1º de fevereiro 1865. Ainda assim, os negros eram vistos como uma classe subalterna, inferiores diante dos brancos e sujeitos à sua autoridade. Nota-se o delineamento de dois grupos livres, mas que assumem posições antagônicas: de um lado, a população branca, procurava reafirmar privilégios por meio da exclusão, e por outro, a comunidade negra, que estabelece como bandeira a luta por direitos garantidos em forma de lei. O documento de 1865, não representou, de fato, o fim da exclusão, uma vez que, políticas segregacionistas surgiram com o intuito de separar os indivíduos ou coletivos de uma mesma sociedade com base em critérios raciais.

No Tennessee (EUA), as primeiras leis segregacionistas após a abolição da escravatura foram promulgadas. Em 1870 a lei contra o casamento inter-racial entra em vigor, e posteriormente a Lei *Jim Crow* levou a segregação já existente ao nível constitucional. A contraditória ideia de “Separados, mas iguais” estabeleceu o distanciamento entre negros e brancos, com severa punição aos que ousadamente tentassem infringir os estatutos. “Para manter a supremacia branca, racistas, frequentemente com a colaboração da polícia e políticos, espancavam, enforcavam ou queimavam os negros suspeitos de crimes (...)” (PURDY, 2007, p. 181). O impacto na rotina dos “separados” era imenso já que a limitação ao acesso estava presente em vários ambientes, que variam desde o transporte público até o uso de banheiros e bebedouros. Expressões como: *only white* (somente brancos) eram usadas para auxiliar a memória dos negros, um lembrete de seu devido lugar.

(...) o princípio “separados, mas iguais”, estabelecendo afastamento entre negros e brancos nos trens, estações ferroviárias, cais, hotéis, barbearias, restaurantes, teatros, entre outros. Em 1885, a maior parte das escolas sulistas também foram divididas em instituições para brancos e outras para negros. Houve “leis Jim Crow” por todo o Sul. Apenas nas décadas de 1950 e 1960 a Suprema Corte derrubaria a ideia de “separados, mas iguais” (KARNAL, 2007, p. 145).

De acordo com o professor e historiador Sean Purdy, 90% dos 10 milhões de negros nos Estados Unidos moravam nos estados sulistas, em 1900. Eles trabalhavam nas terras dos brancos por meio de uma parceria, em que o proprietário da terra cede espaço para aquele que quer produzir por um determinado valor ou pelo fruto de sua produção. A possibilidade de trabalho em indústrias do Norte, impulsionada pela pobreza e desejo de melhores condições de vida, fez com que houvesse um êxodo de negros que se retiraram do Sul no início do século XX. Ainda assim, o racismo persistia e seus reflexos estavam presentes na restrição aos tipos de serviço que poderiam executar.

Conectados pela realidade que compartilhavam, diante da indiferença e subalternidade, os negros começaram a se organizar em busca de direitos e pelo exercício da cidadania. Um dos líderes na busca por direitos civis foi Martin Luther King, evangélico, ativista político, ganhador do Prêmio Nobel da Paz em 1964 e autor da famosa frase “*I have a dream*” (Eu tenho um sonho) dita em 1963, no discurso em que enfatizou a igualdade entre negros e brancos em uma sociedade onde o preconceito e racismo eram preponderantes. Logo, a cor da pele se torna a ponta de um complexo iceberg, onde a “limpeza” de costumes, modos de ser e viver são utilizados para maior controle e dominação. De acordo com Munanga (2020), após a abolição da escravatura, o negro vivencia momentos distintos. Em um primeiro momento, os esforços são centralizados na ruptura de barreiras socialmente construídas, enquanto o segundo permite uma autopercepção, abraçar sua cor e se afirmar como sujeito detentor de cultura, com moral, elementos físicos e psíquicos constituintes, assim como os brancos.

De modo não pacífico, mas compartilhando os mesmos objetivos, Malcolm X foi uma importante figura no ativismo da resistência afro-estadunidense.

(...) movimentos “*black power*” (poder negro) emergiram na segunda metade da década no enalço de Malcolm X, combinando “nacionalismo cultural” (que valorizava tradições afroamericanas) e luta militante contra a discriminação racial” (PURDY, 2007, p. 247).

Na década de 1960, os movimentos sociais desabroçam, e a contracultura surge como um meio para contestar a cultura hegemônica. De acordo com o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002), a cultura dominante possui mecanismos e instrumentos para legitimar sua cultura como padrão, como referência, e para paralelamente distanciar as demais expressões culturais, vistas como subculturas e subalternas. Aqui, “o poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo e em particular do mundo social” (BOURDIEU, 1989, p.09).

A partir de instrumentos simbólicos estruturantes (relacionados à construção de um mundo objetivo) e estruturados (meios de comunicabilidade e correspondência), os sistemas simbólicos refletem a estrutura hierárquica das classes sociais pois asseguram a imposição e a dominação de um grupo sobre outro. Segundo Purdy (2007) boa parte do que a indústria cultural produzia, procurava fortalecer o modelo “branco”, reconhecido como ideal. Uma forma de controle sobre a sociedade estadunidense.

Na contracultura, novos valores, comportamentos e desdobramentos do que é cultura são impulsionados por insatisfações políticas, econômicas e sociais, componentes esses indissociáveis. É uma “revolta” fruto de um processo de conscientização, de reflexão acerca da sociedade em que se vive, que se corporifica em ações contra a dominação presente na área cultural. Assim, de maneira acalorada, a voz de sujeitos que se identificam em determinados movimentos sociais ecoa: “O espírito da rebeldia encontrou espaço na literatura, no jornalismo, nas artes plásticas, no cinema e até na televisão, mas foi a música popular que expressou mais brilhantemente as correntes políticas e sociais do período” (PURDY, 2007, p. 252).

Neste contexto, o movimento hip-hop nasce na periferia da cidade de Nova York, nos Estados Unidos da América, na década de 1970. Esse novo gênero musical consiste em expor um posicionamento a respeito de fenômenos políticos e sociais por meio de canções críticas, que referenciam a história, o presente, uma bandeira contra a desigualdade e a discriminação. O artista Afrika Bambaataa (Lance Taylor) é reconhecido como pai do movimento, ao fundar em 1973 a organização não governamental “*Zulu Nation*”, que prega a educação, justiça e liberdade. O prédio conhecido como ponto de partida para a consolidação do hip-hop fica localizado no bairro Bronx, na Avenida Sedgwick, número 1520, na cidade de Nova York.

Além da busca da identidade cultural e da ação política, o terceiro objetivo fundamental da negritude é o repúdio ao ódio e a procura do diálogo com outros povos e culturas[...] Primordialmente, os negros apoiam-se no mundo inteiro. Mas o negro não quer isolar-se do resto do mundo. A questão é contribuir para a construção de uma nova sociedade, onde todos os mortais poderão encontrar seu lugar (MUNANGA, 2020, p. 54).

2.1. Atualmente em Nova York (EUA)

O trecho a seguir foi elaborado com base no depoimento de um conhecedor da cultura hip-hop e morador da cidade de Nova York (EUA). Como uma figura de referência neste universo, por meio de três encontros, em chamadas de áudio, Luck compartilhou sua experiência no Brasil e também nos Estados Unidos.

A partir de seu relato, a ideia é acessar dados que os livros não fornecem, ter acesso ao que aconteceu por quem de fato estava lá, a energia envolvida, a dinâmica da região e a interação entre as pessoas. Além de frequentador dos eventos, Luck é especialista em *Break* e estúdio

da cultura hip-hop e seu impacto na sociedade. De acordo com o relato do ativista, o *Rap* antigo ainda toca, todavia de maneira pontual. Luck, aponta:

As pessoas se reúnem, foi necessária uma adaptação por causa da pandemia covid-19, mas a essência da cultura permanece íntegra. Aqui as pessoas fazem acontecer, mas não toca na grande mídia, o *Trap* é mais focado e veiculado. O *Graffiti* permanece e o *Break* também. Na sede da *Zulu* tudo isso está acontecendo, o hip-hop vivo. Vários eventos de *break* estão acontecendo, o pessoal treina e dá aula no Brooklyn, no Queens, Bronx - bairros nova iorquinos. O pessoal faz do mesmo jeito de antigamente, mas a mídia não mostra (sic).

Por um contexto marcado de violência e tensões raciais, pelo histórico de iniciativas governamentais arbitrárias e excludentes, baseadas na escravidão e em leis segregacionistas, a ONG valoriza, exalta e fornece espaço para que a cultura afroamericana possa ser vista e ouvida. Um espaço feito e compartilhado por negros procura por meio da arte (dança, *graffiti*, música) expressar suas vivências e perspectivas de modo não violento. Com o lema “paz, amor, união e diversão”, a entidade desenvolve diversas atividades culturais, mas não se limita ao espaço físico que ocupa, permanecendo aberta aos que se identificam com suas premissas. Por transcender muros, a “*Zulu Nation*” chegou ao Brasil em 2002, fundada sob os esforços de Joaquim de Oliveira Ferreira, mais conhecido como King Mano Brown, em Diadema, município paulista. O ativista concedeu uma entrevista por chamadas de áudio, expondo um pouco de sua trajetória e perspectiva sobre como o hip-hop se desenvolveu no estado de São Paulo.

2.2. King Mano Brown e os Primeiros Passos do Hip-Hop no Brasil

Nascido em Pernambuco, Joaquim deslocou-se para São Paulo aos 12 anos de idade, em 1974. Com pais nascidos no nordeste do país, a migração para uma capital ocorreu em função da busca por melhores condições de vida. Sua irmã mais velha, junto com outros familiares, deslocaram-se para o estado um pouco antes, em 1969. Inicialmente, Joaquim morou em Pinheiros-SP, próximo ao Pacaembu, campo do Palmeiras. Explica que seu nome, King Mano Brown é uma construção. “*King*” (rei em português) é uma homenagem prestada pela *Zulu Nation*, “Mano”, apelido atribuído por sua mãe, e “Brown” tributo ao cantor James Brown.

A ideia de contar um pouco de sua história é justamente contextualizar o aspecto social e econômico que circunda o universo hip-hop, o meio em que emerge, e mostrar que o mesmo transcende uma visão estereotipada de riqueza, ostentação e glamour. King Mano Brown, afirma que para além da arte, o hip hop é uma cultura que transforma a vida das pessoas. Sua complexidade e relevância não está presente apenas no fazer *rap*, *graffiti* ou na dança, e sim no que está intrínseco, na compreensão da história, luta e memória em que se baseiam essas expressões.

Diante da impossibilidade de custear o aluguel da moradia em Pinheiros-SP, deslocaram-se para a favela do Jardim Calux (Figura 01). King Mano salienta a importância de distinguir a comunidade de favela. A primeira é caracterizada por ser uma área geográfica urbana, com bairros e condomínios. Em contrapartida, a segunda é reconhecida pela ausência do Estado, de saneamento básico, de política habitacional e sistema de transporte coletivo hábil. Mano Brown, explica: “na favela não há endereço, logo, você não existe” (sic).



Figura 1 - Favela do Jardim Calux. Marcação verde: moradia de King Mano Brown.

Fonte: Acervo pessoal King Mano Brown, 2021.

Dos 14 aos 18 anos Joaquim trabalhou como metalúrgico, e no ambiente de trabalho conheceu um rapaz, seu nome era Valdir, e por ser frequentador de *Bailes Black* sempre o convidava pelos seus traços físicos, especialmente por seus cabelos cacheados.

Primeiro Baile - A entrada de menores de idade em bailes não era permitida, ainda assim, aos 15 anos, em 1977, King Mano Brown começou a frequentar e considera uma das melhores coisas que já fez em sua vida. Durante a “balada Black” ocorria a seleção musical: samba-rock, música lenta e *soul funk*. Especificamente, nesse primeiro baile frequentado por Joaquim, o DJ fez uma breve introdução e depois começou a tocar James Brown, então abriu uma roda e cada um dançou seu estilo. O interesse pelo cantor e por outros artistas da cultura negra começou logo em seguida. O evento também foi o ponto de partida para uma coleção que se tornou um vasto acervo pessoal.

Em 1978, James Brown se apresentou no Brasil, no Arena Palestra Itália (atual Allianz Parque) e no teatro Aquarius, ambos localizados em São Paulo. King Brown destaca a energia presente no ambiente, a ideia de irmandade, de família: “como se fosse um grande quilombo; cada um sai de uma localidade e juntos formam uma grande família, tanto que chamamos uns aos outros de “*brothers & sisters*” (irmãos e irmãs)” (sic). Nos anos de 1980, o *Rap* era conhecido como funk falado por sua instrumentalidade. Artistas como Kool Moe Dee, James Brown e Kurtis Blow se apresentaram no Brasil, em 1988. A aceitação do *rap* nos bailes *black* ocorreu gradativamente. King Mano Brown, complementa:

(...) ouvir uma pessoa cantar sobre uma base (batida) causava certa estranheza. O *rap* vindo a partir do trecho de uma música facilitou a compreensão dos ouvintes. O estudo e difusão de uma cultura hip-hop veio como um resgate, visto que os grandes bailes *black* foram reduzidos a pequenos encontros (sic).

São Paulo é considerado o berço do hip-hop no Brasil, mas movimentos semelhantes também aconteceram em diferentes estados do país, como no Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Brasília e Minas Gerais. Paulatinamente, uma divisão e entendimento sobre os elementos *Rap, Graffiti, DJ, Break* começou a acontecer, mas não de maneira bem definida e objetiva. Ouvia-se sobre *Zulu Nation*, todavia nenhum contato tinha sido realizado com a ONG norteamericana.

No processo de conscientização sobre a cultura hip-hop, alguns grupos desempenharam importante papel. Os coletivos eram fragmentados, divididos em “posses” que funcionavam como uma espécie de ONG. Aliança Negra, Consciência Black 1 e Consciência Black 2 são alguns exemplos.



Figura 2 - Fundadores da Posse Hausa em junho de 1993.

Fonte: Acervo pessoal King Mano Brown, 2021.

O termo “posse” representa se apossar se apropriar do movimento e do espaço. Em São Bernardo do Campo-SP, a posse iniciada por King Mano Brown, em 1993, recebeu o nome de Hausa (Figura 02). A nomeação é uma homenagem aos Hausas, originários da Nigéria e que se deslocaram para a Bahia. São os Malês (termo designado aos negros mulçumanos no século XIX) que organizaram uma revolta de escravizados em Salvador, no ano de 1835.

Com a posse, o levantamento de resumos biográficos foi realizado, e surgiu a oportunidade de enviar uma carta para a sede da Zulu Nation. Em uma semana, se obteve resposta, a ONG solicitou que um questionário fosse respondido, e em 1994 um encontro com Afrika Bambaataa se tornou realidade (sic).

Posteriormente, o contato com outras posses, foi realizado para difundir as informações, manter vínculo e saber como foi o processo nessas distintas localizações. Ao mesmo tempo, campanhas sociais com arrecadação de alimentos e agasalhos aconteciam nas

palestras e encontros realizados em pistas de skate, escolas e praças. Até então, não existia casa de hip hop, centro cultural e editais.

Como objeto de estudo, a primeira pessoa que se interessou em pesquisar academicamente a Posse e tudo que circunda o movimento hip-hop, foi Elaine Nunes Andrade, estudante da Universidade de São Paulo (USP). O Trabalho desenvolvido por ela gerou outras pesquisas que resultaram no livro “Rap e Educação”. Para Joaquim, a verdadeira consciência de si e do movimento consiste em conhecer as origens, a luta, o trabalho de seus antepassados e passar adiante essa história.

Primeira casa de Hip-Hop - Um mês após o contato com a *Zulu Nation*, em 1999 a primeira casa do hip-hop foi fundada para difundir seus elementos, e King Mano Brown atuou como historiador da cultura nesse processo, por 10 anos especificamente. O DJ Dri, irmão do Lino Cris que cantava com os Racionais, atuava como DJ, Taíde atuava no rap, Chorão no grafiti, Marcelinho e Banks no break e Man Soul no funk original. Por uma questão política, a equipe da casa se desfez.

O evento “*Dulôco*”, realizado no Sesc Belenzinho e Sesc Itaquera (ambos no estado de São Paulo), expôs discos, revistas e matérias de jornais. Foram três dias de festa (06, 07 e 08/08/1999) e um representante da ONG estava presente. Na mesma ocasião, palestras também foram realizadas. Como o primeiro evento que reuniu música e conhecimento no estado de São Paulo, o “*Dulôco*” impulsionou o hip-hop no país. Encontros entre as posses, batalhas de *DJs* e conferências tinham como objetivo conscientizar e transmitir a historicidade do povo afrodescendente. Atualmente, há uma parceria com a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e todo o material -existente está sendo catalogado para exposição. Hoje, King Mano Brown, como ancião, atua como conselheiro na *Zulu Nation*, prestando assistência aos outros grupos.

Em São Paulo, há o mês do hip-hop. Os esforços neste momento estão concentrados na tentativa de patrimonializar o hip-hop paulista. O samba-rock já passou por esse processo e já é registrado como patrimônio cultural imaterial da cidade de São Paulo.

2.3. Hip Hop na Baixada Fluminense

Narrar a chegada e o desenvolvimento do hip-hop na Baixada Fluminense do estado do Rio de Janeiro não é uma tarefa fácil, visto que há carência de material acadêmico cuja ênfase seja esse tema e região. Embora se esteja desconstruindo a concepção de que a Baixada se reduz à criminalidade, ainda é mais fácil encontrar discussões que abordam violência e pauperismo se comparado a produção e disseminação de cultura. Para discutir a ocorrência dos eventos neste território, será utilizado o discurso de agentes que não só vivenciaram, como também fizeram a história.

Obviamente, os diferentes pontos de vista impossibilitam que a narrativa seja igual, homogênea, mas conta como o olhar de quem estava lá, especialmente a partir de ângulos distintos, a partir das áreas e eventos onde há maior identificação. Os três relatos expostos aqui são de pessoas que acompanham o Hip-hop ao longo dos anos, são agentes ativos na disseminação dessa cultura que fazem da mesma seu estilo de vida e a utilizam como instrumento para transformar e melhorar a sociedade em que vivem. Flávio Eduardo da Silva, mais conhecido como “Dudu de Morro Agudo” realiza um trabalho social no município de Nova Iguaçu-RJ. Morador do bairro Austin, localizado na cidade de Nova Iguaçu-RJ.

Sobre os primórdios do Hip-hop no país e a teoria que coloca São Paulo como o primeiro e principal Estado a recebê-lo, todos os entrevistados refutam veementemente essa concepção, deixando claro que a capital paulista é erroneamente considerada o berço por questões simples e objetivas, como por exemplo ser o principal centro financeiro, corporativo e mercantil da América do Sul.

Em todas as falas, o que se perpetua é o fato de que o hip-hop não chega ao Brasil de forma gradual, um estado por vez. A cultura chega simultaneamente em diferentes regiões do país. Dudu de Morro Agudo, acrescenta: “ (...) o hip-hop chega no Brasil, simultaneamente, em meados de 1983. Por mais que se diga que os primeiros registros são de São Paulo. A visibilidade midiática de fato é em São Paulo” (sic). Luck, complementa:

É totalmente equivocado o discurso de que o hip-hop chega primeiramente em São Paulo. Acontece que lá a estrutura era melhor, eram mais organizados. Isso trouxe uma maior visibilidade. Em Brasília-DF o hip-hop também era muito forte, assim como em Porto Alegre-RS, por exemplo (sic).

Os primeiros passos no universo hip-hop foram dados a partir de 1986, na Baixada Fluminense. Nessa época, já havia influência dos bailes *Soul* e *Black Music*, especialmente na cidade do Rio de Janeiro. De acordo com Dudu de Morro Agudo, a cultura hip-hop chegava aos jovens de diferentes maneiras, por meio da TV a cabo, fitas de vídeo (VHS) e de formas “presenciais”, como em ambientes de compartilhamento de informações, ideias e conhecimento, como nas escolas e especialmente em bailes.

Ainda segundo o ativista Luck, os elementos *DJ*, *Break* e *Rap* chegaram na Baixada Fluminense separados, e por último o *Graffiti* chegou na região. Independente da chegada, Luck afirma que na essência da cultura Hip-hop os 4 elementos estão interligados: o B.boy, grafita e também faz *rap*. Logo, não há uma apropriação seletiva, pois ainda que exista maior identificação em determinada categoria, a cultura é composta por fragmentos que fazem parte de um todo a ser compreendido e incorporado, uma espécie de Gestalt¹ do hip-hop. Luck também comenta:

Existe um fundamento, uma postura e não uma ideia fabricada de hip-hop para comercialização. Não é utilizar e adaptar os quatro elementos para vender, o autêntico hip-hop consiste em transmitir essa história, a irmandade, os valores e não se reduzir a um palco” (sic).

Nas décadas de 1960 e 1970, as pessoas dançavam nas rodas, movimentando o corpo ao som de James Brown. Falecido em 2006, James foi considerado por muitos como um dos cantores mais influentes do século XX. Sem Brown e o *Soul* não há dúvidas de que não haveria hip-hop. Em Queimados-RJ, especialmente em 1985 e 1986 se tocava muito *Soul* no Casa Grande e no Queimadão, locais de eventos e entretenimento. Para Luck: “nos fundos de um parque de diversão da cidade havia um baile chamado “Cueirinha”, os residentes inclusive do bairro de Austin se deslocavam para Queimados-RJ para curtir a música” (sic).

A princípio, haviam grupos de *Soul* e posteriormente eletro funk cujo som era mais eletrônico, como por exemplo as produções de Afrika Bambaataa. Os municípios de

¹ De origem alemã, a palavra Gestalt refere-se à forma de algo. Ela sugere que o todo é maior que a soma de suas partes. Antes de se compreender as partes, é preciso compreender o todo. Ênfase em fornecer atenção a como colocamos o significado e damos sentido ao nosso mundo e às nossas experiências.

Queimados-RJ e Nova Iguaçu-RJ, assim como os bairros de Engenheiro Pedreira (Japeri-RJ), Austin (Nova Iguaçu-RJ) foram considerados por revista, em 1985, o grande palco do *Break* carioca. No mesmo ano, o *break* se popularizou significativamente e passou a colecionar de forma exponencial admiradores em diversas regiões do país. O lançamento do filme americano “*Beat Street*” (A Loucura do Ritmo) de 1984 foi fundamental na disseminação da cultura hiphop e de seus elementos.

Em 1988, a coletânea "Hip Hop: Cultura de Rua" (Figura 03), trazia Thaíde e DJ Hum, Código 13, MC Jack e O Credo. Após o lançamento, se começou a falar a respeito do *Rap* brasileiro. Como no filme de 1984, “Cultura de Rua” se alastrou por todo o país, fazendo sucesso na Baixada Fluminense e despertando o interesse pelo *Rap*.

A partir da segunda metade dos anos 90 o hip-hop se alastrou pela Baixada Fluminense fazendo emergir uma série de artistas e grupos organizados que estão em atividade até hoje. Grupos estes que tiveram acesso a filosofia do hip hop norte americano e então adaptaram às suas realidades e começaram a buscar novas formas de valorização para região em que viviam, inclusive através de seus nomes artísticos e de seus grupos, como podemos citar os grupos Fator Baixada, Da Baixa e Baixada Brothers, além do coletivo M2HBF (Movimento Hip Hop da Baixada Fluminense) e o próprio Slow da BF, onde BF significa Baixada Fluminense, que até o ano de 1994 era conhecido como MC Cacau e cantava funk nos bailes de Duque de Caxias (ASSIS, 2020, p. 26-27).

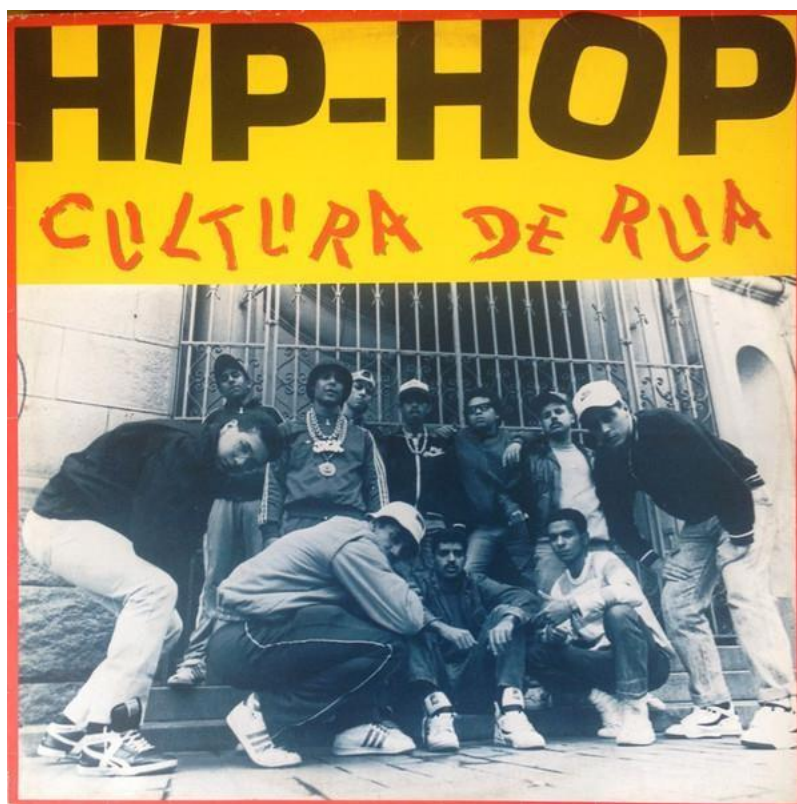


Figura 3 - Capa do vinil da coletânea “Hip-Hop: Cultura de Rua”.

Fonte: Fonte: Anomalia Distro, 2021.

Os bailes funks foram importantes para o Hip hop na Baixada Fluminense, funk e Hip hop estavam interligados, não havia uma distinção clara entre um e outro. Nesses eventos os

DJs, MCs, e dançarinos de Break se encontravam. Vale destacar a importância dos DJs na transição dos ritmos, por misturar Soul com Eletro e posteriormente funk. Para Luck, no meio dos anos 90 o hip-hop começou a ser abafado pelo funk, e a Furacão 2000² como se conhece hoje começou sua trajetória musical pelo hip-hop, tocando *rap*. Eventos na Rocinha (bairro periférico do município do Rio de Janeiro), no “Zuera”, e em outros locais passaram a retomar o gênero nos anos 2000.

Os DJs foram personagens fundamentais para o movimento hip-hop no Brasil, contudo sem as demandas da juventude da Baixada Fluminense, sem a história da música negra brasileira, sem o movimento soul, talvez o hip-hop não encontrasse a força necessária para se desenvolver por aqui, pois ainda que aqui chegue coisas de fora, elas precisam de alguma forma se relacionar com as nossas redes, pois nossas redes estão sendo tecidas há muito tempo (ASSIS, 2020, p.24).

Embora não haja rica literatura sobre a expansão do hip-hop na Baixada Fluminense, os discursos dos convidados, agentes ativos neste processo, mostram que esses municípios cariocas acompanharam outras regiões do país. A chegada dessa essência gera automaticamente uma identificação com vários indivíduos, e ainda que exista uma especificidade ao "abraçar" a nova cultura visto que cada ser é único, é inegável que se supre uma falta, carência que não se limita ao aspecto musical para um coletivo.

2.4. Os Quatro Elementos Culturais que São a Base do Movimento Hip-Hop

Como manifestação cultural, o hip-hop se expressa sobre quatro pilares essenciais: o *Rap*, o *DJ* (djing), *Breakdance* e o *Graffiti*. De acordo com o pensamento do antropólogo e músico Ricardo Teperman, a palavra *RAP* concentra a junção de três siglas com o seguinte significado Rhythm And Poetry = ritmo e poesia, tendo como local de origem o já mencionado distrito nova-iorquino do Bronx, nos Estados Unidos da América.

2.4.1. Rap

O uso da palavra “*Rap*”, remonta ao século XIV referindo-se a algo como bater ou criticar. Artistas entrevistados afirmam o poder e a energia que uma “roda” proporciona, e o fascínio que é a troca entre irmãos. Pode-se considerar a ocasião terapêutica, pois é um momento de catarse³ onde se expressa percepções e sentimentos sobre o que incomoda, sobre o que dói. Ao seguir a lógica excludente, esses sujeitos silenciados se tornam ativos, exercem o direito a ter voz, são ouvidos e acolhidos por seus semelhantes que compartilham as mesmas vivências.

As palavras soletradas são recuperadas de uma semiótica de rua, transgressiva por natureza, palavras encavalitadas em palavrões para melhor insultar, atingir, provocar. Palavras são vozes da consciência, que se vestem de queixumes, que se revestem de revolta (SANTOS, 2017, p. 87).

Na minha perspectiva, o Rap na atualidade perdeu 40% das letras de protesto. As letras falam sobre namorada, abordam coisas que não se falava antes. Um dos problemas da Black Music no Rio de Janeiro é que ela não tem uma memória, e em muitos casos as

² Produtora e gravadora musical caracterizada por produzir coletâneas e shows de funk. Uma das principais responsáveis pela divulgação do funk carioca nos anos de 1990.

³ Na psicologia se refere à estratégia terapêutica em através da fala se liberam frustrações, emoções negativas que perturbam a vida e os conflitos que nos impedem de avançar.

gerações não dialogam entre si, então ela vai se descaracterizando com o passar do tempo” (sic) (Marcio Graffiti).

2.4.2. MC - *master of ceremony* (mestre de cerimônia) e DJ - *disc jockey* (*disc – vinil, jockey - operador de máquina ou equipamento*)

Como um porta-voz dos seus, o mestre de cerimônia, mescla ritmo e poesia, suas composições são críticas e incisivas, a respeito da realidade da sociedade e buscando uma conscientização coletiva. Seu trabalho como MC é orientar e deixar claro que há noção sobre os problemas, que não existe silêncio e alienação diante da injustiça social, da violência e do racismo. Muitas vezes, o *MC* é confundido com o *DJ* embora a diferença entre eles seja clara: o *MC* escreve; é um compositor, enquanto o *DJ* elabora um plano de fundo, seleciona as músicas que serão tocadas e faz mixagens, alterações de velocidade e outras modificações na música, como a realização de junções próprias.



Figura 4 - Campeão da batalha temática de MCs. Evento chamado “Ocupa Praça” realizado em Queimados-RJ (janeiro de 2020). Fonte: “Batidas e Rimas”, 2021.

Atualmente, o hip-hop veiculado pela mídia pouco apresenta a figura do *MC*, pois a atenção concentra-se no rapper, todavia, há um hip-hop que continua sendo feito, íntegro aos elementos. Neste caso, o *MC* permanece ocupando papel fundamental na cultura e na produção de música e arte. De acordo com Santos (2019), o *MC* exercia um papel de animador nos bailes e o *Rap* surge a partir de sua figura de contador de histórias sobre suas experiências cotidianas. Para o entrevistado Luck:

O *MC* nasce com os caras se expressando na rua, fazendo rimas, animando e atraindo as pessoas. Colocava-se para fora um sentimento, uma sensação, poderia ser sobre amor ou sobre violência, e não é necessariamente sobre protesto a todo momento. Os *DJ* compravam vinil, pegavam as músicas tocadas nas rádios e transformavam em

outra coisa. Hoje se fala em *multimaker*, mas é o nome dado ao *DJ* original, de antigamente. Os *DJs* de antes produziam e eram mais importantes do que os *MCs* pois antes mesmo de serem *MCs* já eram *DJs* pois estavam com o microfone animando a festa.

2.4.3. Graffiti

Pinturas em paredes foram realizadas por seres humanos desde a pré-história. A arte rupestre, do latim *ars rupes* “arte sobre rocha” é formada por representações artísticas realizadas nas superfícies das cavernas. São gravuras de animais, de objetos celestes, pessoas e da junção entre humanos e animais. O *graffiti* que é feito e contemplado hoje é uma evolução na forma de passar uma mensagem, é uma forma contemporânea de comunicar-se por imagens. Plural da palavra italiana “graffito”, grafite significa escrita feita com carvão. Associado ao mineral e ao que está dentro dos lápis ou separado, nas lapiseiras, difere-se do graffiti pois o segundo representa palavras ou desenhos feitos em espaços públicos.

O Membro Universal da *Zulu Nation* e grafiteiro “Márcio Graffiti” compartilhou um pouco sua experiência. Conhecedor e admirador do trabalho realizado no “Batidas e Rimas”, afirma que o *graffiti* no RJ começou entre 1997 e 1998 com a disseminação em âmbito nacional da primeira edição da revista “Fiz Graffiti Attack”, elaborada pelos gêmeos Otávio e Gustavo Pandolfo e por Alex Hornest, também conhecido como Onesto, todos grafiteiros de São Paulo. No mesmo período, encontros na Lapa, Riachuelo 19, local conhecido como “Zueira” foi importante uma vez que o surgimento do metrô possibilitou a ligação entre Rio (capital), Zona Sul, Zona Norte e Baixada. As reuniões no Zueira, reuniam pessoas das mais distintas localidades, e além de Hip-hop e Break representavam também uma troca de informações entre adeptos.



Figura 5 - Grafito de Márcio Graffiti em parceria com Bruno Brol.

Fonte: Márcio Graffiti, 2021.

Para Márcio, São Gonçalo-RJ pode ser considerado o verdadeiro berço do *graffiti* no Estado do RJ, onde os maiores grafiteiros se encontravam e replicavam aquele conhecimento no "Zueira". Entre 1998 e 1999, *12 Green*, um grande grafiteiro de Nova York (EUA), integrante *Rock Step Crew*. Uma das primeiras *Crew de Break* de Nova York (EUA) esteve no Brasil e no "Zueira". Até então não existiam tantos adeptos e interessados, a informação era difícil e discriminada tanto que os shows eram de total militância, com discussões aprofundadas. Marcio Graffiti, diz:

O meu estilo de graffiti hoje é voltado para o estilo gravura. Os nova iorquinos sempre falaram sobre termos nossa assinatura. Entender que a origem é americana, mas criarmos nossa identidade, nossa visão e assinatura. O estilo de *graffiti* dos gêmeos por exemplo é diferenciado e faz sucesso no mundo todo (sic).

No início dos anos 2000, Afrika Bambaataa esteve no Rio de Janeiro e reconheceu seu *graffiti* e o agraciou com a certificação *Zulu Nation*, em 2004. Em sua fala, Márcio sinaliza a importância da "subjetividade" no sentido de entender a história, respeitar o passado, mas deixar sua marca. Nas diferentes regiões do Brasil, o *graffiti* se manifesta de uma maneira diferente, contribui para a cultura de uma forma, adaptando elementos de acordo com sua cultura e realidade. Segundo Marcio Graffiti, "(...) em Manaus-AM tem o *graffiti* indígena, em algumas áreas do Nordeste o estilo é gravura, em Recife existe um grafiteiro cego que faz um outro tipo de trabalho, no Maranhão tem um misto com cultura indígena também (sic)". Marcio, complementa:

Nos eventos de hoje, o pessoal acha os melhores no *graffiti*, mas não sabem dos perrengues, das duras que a polícia dava. A pessoa compra uma tinta spray e se acha grafiteiro. A vida é por visibilidade, tudo vai para o Instagram. São 10, 15 mil seguidores, mas esse cara está mudando a vida dele, mas e a realidade ao seu redor? (sic).

2.4.4. Breakdance/breaking – B.boy, ou B.girl

O termo de B.boys e B.girls foi criado por Clive Campbell, mais conhecido como *DJ Kool Herc*, *DJ* Jamaicano. O *break* é um tipo de dança que se refere à uma das bases e essência da cultura hip-hop. Inicialmente, o *break* era praticado por rapazes, os *B.boys* realizavam acrobacias na roda formada enquanto a música tocava. As *B.girls* surgiram um pouco depois. Praticado majoritariamente com os pés e mãos no chão, há também movimentos acrobáticos ao redor do próprio corpo.

"Ou seja, um agrupamento de movimentos que variam de planos (plano alto e baixo), agregando giros com apoio (cabeça, mãos, pés), acrobacias (com apoio e sem apoio), sincronizados e compassados a um estilo musical específico (SANTOS, 2017, p. 83).

A originalidade do *break* está presente na dança praticada na rua, no chão, por crianças e jovens pobres, da periferia e que inicialmente não sabem a carga cultural do ato que praticam, mas enxergam na manifestação corporal um refúgio e uma forma de luta. Referência na Baixada Fluminense, Luck Gbcr é *B.boy* e líder de um grupo chamado "Breaking Consciente da Rocinha" (Figura 06). Para o ativista, o que se conhece e o que é veiculado nos meios de comunicação é uma perspectiva estereotipada do que de fato é *Breaking* e *Hip-Hop*. Para Luck:

O autêntico hip-hop é transmitir essa história, a irmandade, os valores e não se reduzir a um palco. Todo mundo pode ser artista e famoso, mas e depois? E o cara da favela, pobre criado pela mãe, em situação de vulnerabilidade cujo a escola não representa

sentido porque não se identifica e a linguagem utilizada não é feita para que ele compreenda?



Figura 6 - B. boy dançando *break* cujo plano de fundo é uma *graffiti* que ironiza o expresidente dos EUA, Donald Trump.

Fonte: Grupo Breaking Consciente da Rocinha, 2021.

Luck compartilhou um pouco de sua perspectiva sobre o *break* e afirma que deu seus primeiros passos na dança em 1986, e gradativamente, o país inteiro estava dançando *break*, desconstruindo a concepção de que seu berço foi em São Paulo. Uma revista em 1985 falava sobre o *break* no Brasil e a publicação continha fotos do Rio de Janeiro, mostrando que o estado era ativo na dança. Para exemplificar, quando Taíde lançou o seu CD no RJ em 1988, houve um racha de aproximadamente 70 pessoas, onde 60 representavam o estado, enquanto apenas 10 retrataram o *breakdance* de São Paulo.

Por aqui, o contexto da época foi de grande influência na conquista de adeptos. O extermínio na Baixada, especialmente de corpo negro fez da dança e da cultura hip-hop um meio de fuga diante da realidade. Neste período, as pessoas queriam dançar, mesmo sem possuir uma compreensão aprofundada sobre termos, conceitos e nomenclaturas. “A dança e a cultura Hip-hop salvaram muita gente. Eram jovens que diante da falta, da privação começam a se identificar com esse novo gênero, e desenvolver o interesse pela dança e rima”, comenta Luck.

Ao longo dos anos, as danças e batalhas foram se aperfeiçoando, grupos foram se organizando e podem ser vistos em competições dos mais diversos níveis. Recentemente, o Comitê Olímpico Internacional tornou o *Break* uma modalidade olímpica, que estará presente pela primeira vez no programa esportivo da Olimpíada de Paris-2024. O objetivo é “trazer a rua”, um público até então distante e que pouco se interessa em olimpíadas. Para Luck, não há

problema em querer tornar o *break* mais “acessível”, contudo, é preciso deixar claro que esse tipo de dança não corresponde a um dos pilares do hip-hop, assim como o *graffiti* estampado em telas e camisetas; não representam a essência de um elemento feito na rua por uma razão. Luck, adverte:

(...) *break* como modalidade olímpica possui pontos positivos e negativos. O lado bom é a visibilidade, e o negativo é bem simples: tudo que a mídia toca, estraga. O hip-hop midiático não é aquele de luta, protesto por uma causa, de harmonia, conscientização e especialmente passar essa história adiante (sic).

2.5. Cultura Hip-Hop: Iniciativas na Periferia e Alguns de Seus Resultados

É perceptível que o hip-hop encontrou adeptos em distintos países, no Brasil e mais especificamente na Baixada Fluminense em função de uma falta, da demanda por algo que pudesse trazer identificação, que pudesse dar sentido aos questionamentos e inquietações. No princípio havia um perfil de jovens interessados e simpatizantes, características como: ser negro, filho de mãe solteira, figura paterna ausente, dificuldade no desempenho escolar e pobreza. Diante de tal panorama, algumas ações dos entrevistados buscaram e ainda buscam justamente mudar essa realidade e fornecer meios para a transformação e melhorar a vida dessas pessoas. Os grupos: Break consciência na Rocinha, Enraizados e Batidas e Rimas, são exemplos em que a cultura hip-hop faz a diferença no território evidenciando que se trata de música, mas vai muito além.

Em 1986 surge o grupo de Breaking Consciente da Rocinha (GBCR) que realiza trabalhos sociais em diferentes localidades do Rio de Janeiro. A equipe conta com *B.boys*, *B.girls*, *MCs*, *DJs* e grafiteiros. São alunos que recebem instrução e aulas para potencializar suas habilidades. Na definição do GBCR (2020, s/p.) o seu trabalho objetiva:

Ao longo dos anos, o grupo foi o responsável pela propagação do Hip Hop no estado Carioca. Na sua caminhada já promoveu: ações de prevenção à Tuberculose através de apresentações de dança (*Breaking*), pelos bairros do Rio; o espetáculo RESPEITO, onde se critica as formas como o Hip Hop é visto e tratado pela mídia; palestras sobre o lado social do Hip Hop; o campeonato de dança Original Breaking Jam; e conseguiu possibilitar aos alunos uma viagem a São Paulo para participar do campeonato de dança Battle Of The Year, graças à aprovação de um projeto na época (GBCR (2020, s/p.).

Em 1991 alguns integrantes do (GBCR) deslocaram-se para a comunidade Rocinha com o intuito de realizar um trabalho social. Logo, firmaram base em um CIEP⁴. O projeto alcançou uma média de 150 pessoas discutindo sobre a cultura hip-hop sem compreender claramente conceitos e definições. O conhecimento aprofundado a respeito veio a partir dos anos 2000. De acordo com o entrevistado Luck, o trabalho que não foi divulgado na Baixada, alcançou visibilidade na Rocinha, e o projeto foi amplamente divulgado. Assim, houve uma espécie de valorização. Luck, acrescenta:

Os eventos começaram a cobrar entrada e passamos a ser convidados. Começou a virar uma profissão, uma fonte de renda. Posteriormente levamos o Break para a Maré, em 2003. Oficinas nas escolas também foram realizadas. Trabalhei por 9 anos e de lá surgiram MCs, B.boys, B.girls e cantores de Rap que estão no Hip hop até hoje (sic).

⁴ Centros Integrados de Educação Pública. Também conhecidos como Brizolões.



Figura 7 - Grafite realizado pelo Instituto GBCR no CAPS da Rocinha.

Fonte: Instituto Breaking Consciente da Rocinha, 2021.

No Centro de Atenção Psicossocial (CAPS - Figura 07) da Rocinha foi feito um trabalho terapêutico de redução de danos⁵. Como uma iniciativa legitimada pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Os CAPS são um dos pilares da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) e é caracterizado por fornecer um serviço de saúde comunitário cujo atendimento é direcionado às pessoas em sofrimento psíquico grave e aquelas com necessidades de assistência em função do uso de álcool e outras drogas. São oficinas terapêuticas de cunho artístico-cultural e são consideradas uma das formas de tratamento mais essenciais. Aqui, a cultura hip-hop está sendo usada em prol da saúde mental, a serviço da autonomia e emancipação dos sujeitos.

Durante os anos de trabalho, 10 eventos foram realizados e os usuários apresentaram melhora significativa no tratamento por meio das oficinas de expressão musical e corporal. Em 2004, Afrika Bambaataa reconheceu o trabalho realizado, foram batizados e Luck foi agraciado com o título *King Zulu Nation*. “As ações renderam inclusive um documentário e uniu a galera do *soul* da antiga junto com o hip-hop no barracão da Rocinha. Levamos a tocha olímpica e produzimos o primeiro evento de *break* no Rio de Janeiro, chamado “Batendo de frente (sic)”, reconhece Luck.

Para os entrevistados, o hip-hop é feito pelo excluído para excluído, de favelado para favelado. Os jovens não tinham o que fazer, o tempo era ocioso então começaram a rimar e a se expressar. O *graffiti* por exemplo nasce da pichação, cuja finalidade era invadir um local,

⁵ A Redução de Danos propõe um olhar voltado para a pessoa e não para a substância. É um conjunto de políticas e práticas cujo objetivo é reduzir os danos associados ao uso de drogas psicoativas, é uma abordagem terapêutica humanista que respeita o sujeito e sua autonomia.

marcar território e expor seu descontentamento, sua crítica. Nasce o hip-hop em um ambiente de vulnerabilidade, na pobreza e como um sinal de esperança diante de uma realidade excludente. Márcio Graffiti complementa:

Por outro lado, a escola não ajuda, utiliza uma linguagem, fala de aprendizado, mas não se esforça em falar a nossa língua e entender a nossa realidade. É um olhar preconceituoso, de cima para baixo, como se não tivesse valor o que vem da comunidade. Paulo Freire fala sobre ensinar conforme as condições da pessoa e dificilmente se vê isso (sic).

Estudiosa sobre o fracasso escolar, Maria Helena Souza Patto elabora teorias e sinaliza que algo no processo que envolve o educar está impedindo a obtenção do sucesso e aprendizagem. Nos anos de 1970 a teoria da carência cultural atribui ao ambiente a causa da perpetuação da desigualdade e preconceito. O estudante de baixa renda é incapacitado, deficiente e as escolas buscam reverter e reverter déficit psicológico e cultural. Logo, é possível perceber uma explicação racional para as diferenças, eximindo a divisão da sociedade em classes.

Para Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (1975), a escola acaba reproduzindo o discurso dominante. No interior de uma sociedade existem diferenças culturais. As classes burguesas possuem um patrimônio cultural constituído de normas de falar, de expressão, de costumes e valores. Já as classes trabalhadoras possuem características diferenciadas que lhes têm permitido sua manutenção enquanto classes. A escola, no que lhe diz respeito, desvalida estas diferenças socioculturais, privilegiando e escolhendo em sua teoria as manifestações e os valores culturais das classes dominantes. Logo, a escola favorece o grupo que faz parte dessa cultura.

Quando a cultura que a escola tem objetivamente por função conservar, inculcar e consagrar tende a reduzir-se à relação com a cultura que se encontra investida de uma função social de distinção só pelo fato de as condições de aquisição monopolizadas pelas classes dominantes, o conservadorismo pedagógico que, em sua forma extrema, não assinala outro fim ao sistema de ensino senão o de conservar-se idêntico a si mesmo (...) (BOURDIEU; PASSERON, 1975, p. 37).

Os pensamentos de Bourdieu (1974) e Althusser (1983) carregam a ideia de uma concepção crítica de escola como reprodutora de ideologia a serviço das relações entre classes. Nesse contexto, os autores acreditam que se espera por um aluno específico, ideal para que a aprendizagem ocorra. A dominação, ou seja, a imposição da cultura dos bens sucedidos transmite a noção de que não há conhecimento e saber nos outros grupos da sociedade. Luck reflete:

A cultura hip-hop deveria estar mais nas escolas. Aulas de história, música e sociedade de grande valor porque a ideia do hip-hop é justamente passar esse conhecimento. Saber como foi para valorizar seu irmão, sua comunidade. Olhar com olhar de valorização e não desprezo, porque da miséria e pobreza já sabemos, mas há coisas boas, é só procurar (sic)."

2.6. Instituto Enraizados e o Pioneirismo da Cultura hip-hop na Baixada Fluminense: Ativismo e Militância para Transformação Social

Fonte de inspiração para o “Batidas e Rimas” e sem dúvidas para outros movimentos culturais, a história do “Enraizados” surge a partir de inquietações de Flávio Eduardo, mais conhecido como Dudu de Morro Agudo ou DMA. Morador de Morro Agudo, bairro da cidade

de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, Dudu concedeu uma entrevista narrando parte de sua trajetória e da história do Instituto Enraizados.

Como boa parte dos moradores, em sua juventude, Flávio acreditava que ser bem-sucedido significava migrar para outra região. Em sua perspectiva, o território de Morro Agudo não tinha valor e importância, questão que posteriormente o hip-hop iria desconstruir. Inicialmente, conheceu o Rap, principalmente grupos de São Paulo e alguns de Brasília. Essas canções traziam algumas respostas para essa fase da adolescência, e serviram de inspiração para escrita de poemas e músicas narrando o cotidiano do bairro. No início da década de 90 seu gosto era voltado exclusivamente para o funk, mas devido à violência associada ao gênero acabou migrando para o *Rap*. Dudu de Morro Agudo, diz:

Comecei a escrever cartas para uma revista chamada Rap Brasil. Enviei cartas para pessoas cujo endereço estava na revista, e a partir dessa comunicação interestadual fui entendendo que o hip-hop não é apenas Rap, que há os elementos e uma cultura envolvidos. Isso mudou minha vida a ponto de querer que outros jovens também conhecessem o hip-hop. O Hip-hop foi um desvio na minha vida porque a partir do momento que conheci essa cultura, automaticamente minha visão de mundo mudou, assim como minha postura (sic).

Logo, DMA constatou que para que outros jovens também tivessem acesso, entendimento e automaticamente uma nova visão de mundo, algo deveria ser feito, e a forma que encontrou para concretizar esse desejo foi a partir da criação de um movimento, de um grupo, para troca de informações e produção de arte. Assim, o grupo “Enraizados” foi criado em 1999 como um coletivo de hip-hop que começa a ver Morro Agudo e a Baixada Fluminense como um cenário cultural (Figura 08). Dudu acrescenta:

Comecei a conectar artistas da região, a produzir música e eventos. Foi o passo inicial do que o Enraizados é hoje. Nessa mesma época vários coletivos surgem a partir do hip-hop, alguns se perderam pelo caminho e outros se desenvolveram. Como posse de hip-hop, somos os mais antigos na Baixada Fluminense (sic).

Com as transformações que o hip-hop pode proporcionar, viu-se a necessidade de disseminar essa cultura por meio da educação, que é um instrumento capaz de transmitir valores e as práticas artísticas. A instituição cresce, e passa a ser vista não apenas como um espaço cultural, e sim um ambiente de formação e educação. Por consequência, o nome da sede muda e a ONG passa a ser chamada “Quilombo Enraizado”, local de acolhimento e ensino/aprendizagem.



Figura 8 - Interior das instalações do Instituto Enraizados.

Fonte: Instituto Enraizados, 2021.

Em 2004 ocorreu o primeiro evento do Enraizados sem contato, vínculo ou qualquer financiamento da prefeitura, apesar de DMA manter diálogo com órgãos da cultura por conexões e atividades anteriores. Vale destacar que não há patrocínio institucional, são trabalhos e iniciativas próprios do Enraizados. A falta de parcerias deixou ainda mais evidente a importância e necessidade de se institucionalizar. Primeiro o coletivo associou-se a um outro CNPJ para captação de recursos, e posteriormente a independência institucional veio, no ano de 2015. Atualmente o Enraizados é uma organização de hip-hop, uma ONG. Dudu, comenta:

Quando recebemos algum convite, sempre parte do professor, do diretor ou dos próprios alunos. Nossa sede é em um espaço público, mas não há financiamento da prefeitura. Gostaríamos de um financiamento para existir, mas em vinte e poucos anos isso nunca aconteceu. Nosso modelo de trabalho é próprio, único. Aprendemos a trabalhar dessa forma e está dando certo, temos projeção mundial mesmo sem tantos recursos financeiros (sic).

Por ser caracterizado como um grupo de posicionamento crítico, de embate direto com um sistema que busca anular as lutas, a identidade e cultura de um coletivo negro, constatouse que o tipo de música, arte e expressão cultural produzidos não teriam uma projeção de mercado, justamente por seu direcionamento, por sua luta racial e de classe. O grupo criou sua própria maneira de disseminar suas produções, a partir de sua própria mídia, por meio de rádios, páginas na *web*, jornais de bairro e revistas.

O espaço físico conta com um calendário de atividades a serem desenvolvidas, como saraus de poesia, cineclube, além do calendário externo onde parceiros deslocam-se para a sede e realizam atividades. Mais uma vez, Dudu de Morro Agudo, acrescenta:

Em virtude da pandemia, as atividades foram paralisadas. A última foi em março de 2019. Algumas oficinas de parceiros realizadas na escola, migraram para o *online* diante da impossibilidade de encontros e suspensão das aulas. Uma de nossas parcerias *online*, que ocorre terças e quintas com alunos da rede estadual do Rio de Janeiro, é o projeto RAPLAB, realizado por uma ONG de psicólogos (núcleo de atenção a violência, NAVI) com o patrocínio da Petrobrás (sic).

Em 22 anos de história, o impacto do Enraizados no território de Morro Agudo, nas redondezas, e na história da Baixada Fluminense é inestimável. São os valores, os ideais do hiphop a serviço da comunidade e em busca de melhorias para a população em um local ainda marcado pela pobreza. É produção de arte, conhecimento e conscientização sobre a própria história (Figura 09).

O grupo já ganhou campeonato mundial de hip-hop, fez doação de cestas básicas durante a pandemia, criou vários projetos direcionados a educação, possui um livro narrando sua trajetória, documentários, apresentações em programas de TV, seu mentor já se apresentou no Rock in Rio, mas ainda não é o bastante. Perguntado sobre qual seria o próximo passo, o que o Enraizados ainda não alcançou, Dudu foi objetivo:

(...) uma das coisas que é fundamental na nossa filosofia, na nossa existência é desconstruir a ideia dos moradores de que o local não é bom. Nosso objetivo é trazer um sentimento de pertencimento, o que não é uma tarefa fácil, porque aqui se ouve muito mais quem é de fora, seja jornal, revista ou artista. A ideia é tornar Morro Agudo em um bairro modelo, quase turístico, e que nos vejam como um local detentor de cultura potente (sic).



Figura 9 - Graffiti no interior do Instituto Enraizados.

Fonte: Instituto Enraizados, 2021.

2.7. Grupo Batidas e Rimas: Transformação Social por Meio da Produção de Cultura na Periferia

A história do “Batidas e Rimas” começa em 2010, a partir do encontro entre dois apaixonados por música: o produtor cultural Romildo e o também produtor e DJ Júlio Cesar de Oliveira, mais conhecido como “Moska”. Morador da favela de Vigário Geral, localizada na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, Júlio presenciou a chacina que ocorreu em 29 de agosto de 1993, e o massacre motivou seu deslocamento para Queimados-RJ, município da Baixada Fluminense.

Ao chegar, começou a trabalhar na rádio Novos Rumos, apresentando um programa de uma hora semanal, o que despertou o interesse por parte de Romildo, que como ouvinte passou a estreitar laços com o hip-hop e até começou a fazer parte da atração apresentando e produzindo. De 2007 a 2011 saíram do estúdio em busca de vivenciar a música em ambientes externos. Finalmente, em 2011 sentiram a necessidade de um evento próprio. Constata-se que o “Batidas e Rimas” surgiu a partir de uma falta, da carência de que o hip-hop tivesse espaço no município já que o cenário musical era dominado pelo funk. O coletivo não inicia sua trajetória como um movimento social, mas gradativamente as demandas do território motivaram mais formas de atuação.

O hip-hop como gênero de música popular, transcende a musicalidade por estar ligado às lutas sociais e políticas, prega união, solidariedade e reivindica o direito à autodeterminação

dos povos oprimidos. O que iniciou em uma rádio, “por curtir um som” expandiu-se, foi para a rua e hoje faz a diferença. Deu-se então o início de uma “posse”, de um coletivo que utiliza a música como base para trazer mudanças, melhorias e assim transformar a sociedade. Romildo se apresenta:

Meu nome é Romildo sou de Queimados da Baixada Fluminense no RJ, tenho 38 anos e sou um ativador cultural por meio do hip-hop através do BATIDAS & RIMAS. Minhas atividades ligadas ao hip-hop onde sou o responsável pelo projeto BATIDAS & RIMAS que há quase uma década realiza dezenas de atividades como: shows, batalha de MCS, exposições, palestras, saraus, break, grafite, exibição de documentários, troca e distribuição de livro, campeonato de skate, programa em rádio comunitária, entre tantas outras atividades (sic).

Atualmente, conseguir apoio e incentivo financeiro é uma tarefa difícil, não existem patrocinadores fixos e o grupo ainda não pode ser caracterizado como uma ONG. Todavia, seus fundadores já deram início aos trâmites legais para que o “Batidas” se torne uma entidade sem fins lucrativos. No ano de 2021, o grupo ganhou uma sede no Bairro São Roque, o *Music Studio* (MRB).

Em novembro do mesmo ano, o DJ Moska foi convidado pela escritora Gisele Maria, atuante na Secretaria dos Direitos Humanos. O convite consistia em uma homenagem, para receber uma moção de aplausos na Câmara Municipal de Queimados-RJ referente ao Dia da Consciência Negra. Um reconhecimento pelos seus esforços em levar a cultura hip-hop para o território da Baixada Fluminense e adjacências, e pelo fomento ao cenário cultural que proporciona oportunidade aos jovens artistas. Até o dia 22 de dezembro de 2021, foi possível visitar a Exposição Sankofa⁶: histórias que inspiram. A apresentação encontrava-se no hall da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), com totens contendo um resumo da história de cada um dos condecorados, e suas lutas pelos Direitos Humanos e contra o racismo.

⁶ Sanko = voltar; fa = buscar, trazer. Derivado de um provérbio tradicional entre os povos de língua Akan da África Ocidental. Quer dizer que não é errado voltar atrás e buscar o que esqueceu. Como um símbolo Adinkra, Sankofa pode ser representado como um pássaro mítico que voa com a cabeça voltada para trás e carregando no seu bico um ovo, o futuro.

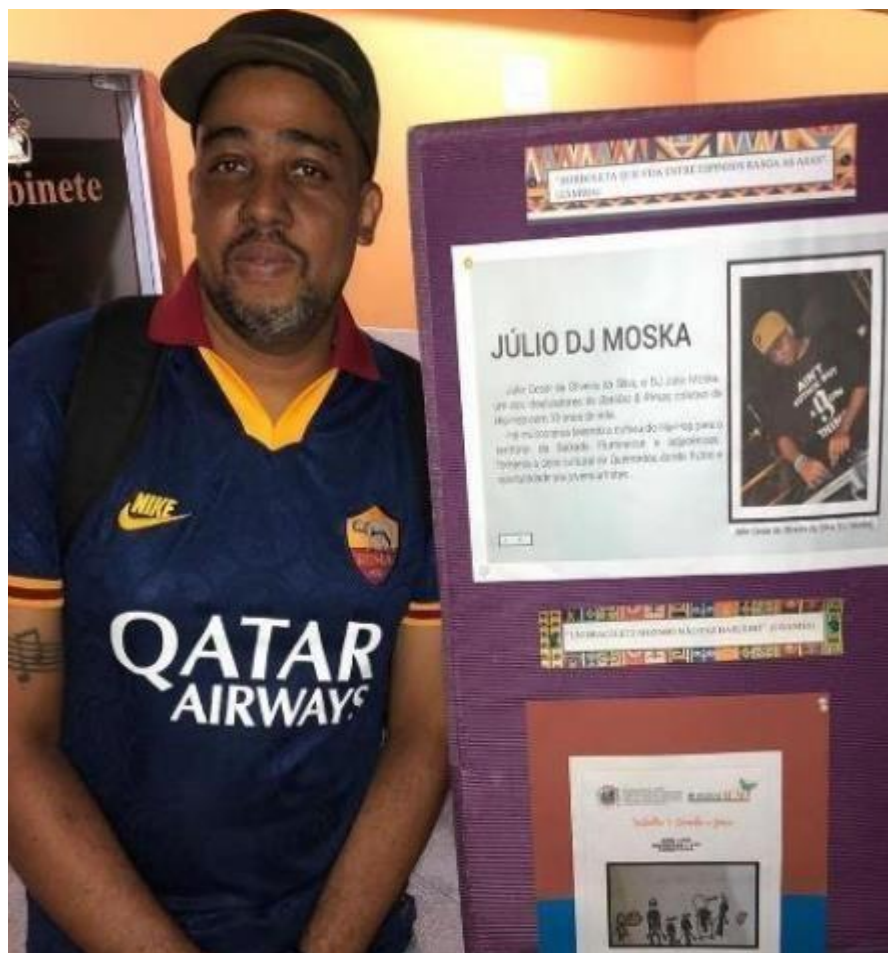


Figura 10 - DJ Julio Moska na exposição Sankofa.

Fonte: DJ Julio Moska, 2019.

Por enquanto, para angariar fundos, elaboram projetos e buscam apoio em lojas, mercados, restaurantes entre outros. Diante das circunstâncias e da necessidade de adaptação, alguns eventos ocorrem em locais fechados, abrindo espaço para o funk, apesar de a vertente principal ser o hip-hop. Alguns artistas de distintas localidades do Rio de Janeiro alcançaram visibilidade, todavia, o questionamento que se faz gira em torno da dificuldade de músicos oriundos de Queimados-RJ se consolidarem no campo artístico musical. Romildo, fala:

Por mais que se traga artistas de fora, renomados, há muitos jovens em Queimados produzindo suas músicas em casa. A ideia é trazer um artista “grande”, aproveitar a visibilidade e introduzir no show esses artistas locais (sic).

O evento clássico, na sua vertente principal, é realizado em praças, com apresentações e batalhas de Rap. O último evento desse tipo foi realizado em agosto de 2020, com estimativa de 700 pessoas reunidas na Praça Dona Branca. Com mais de 50 edições em 10 anos, além de disseminar as produções críticas e reflexivas na Baixada Fluminense, o “Batidas e Rimas” assume também uma responsabilidade social ao arrecadar brinquedos, alimentos, roupas e incentivar a leitura. Divulgar o trabalho de jovens também possui o intuito de evitar uma possível criminalidade. O último evento realizado em praça antes da pandemia foi em 25 de janeiro de 2020, na Praça Nossa Senhora da Conceição em parceria com a Prefeitura Municipal de Queimados-RJ. O “Ocupa Praça” reuniu jovens para batalha de MCs, shows com DJs, exibição de documentários e rodas de conversa (Figura 11). Romildo acrescenta:

Nosso projeto consistiu durante todo esse tempo em fazer um intercâmbio trazendo os grandes nomes da cena como Filipe Ret 2012 / 2017, MC Marechal 2011 / 2012 / 2016 , Sant 2018/2014/2012 , Djonga 2017/2018 , BK' 2018 , DJ Negralha 2017/2018/2019 (O Rappa). Nesses eventos com esses grandes nomes, nós abríamos oportunidade para nossos artistas locais que são desconhecidos poderem se apresentar para um grande público com uma estrutura bacana (sic).



Figura 11 - Participantes do evento “Ocupa Praça”, último evento aberto realizado antes da pandemia Covid-19.

Fonte: Batidas e Rimas, 2021.

De acordo com Romildo, um dos pilares do grupo cultural é dar visibilidade a jovens artistas que se dedicam especialmente ao rap e hip-hop. São criações que carregam o estigma de serem oriundas da periferia, é uma produção cultural não legitimada, sem reconhecimento social. Para o fundador, os eventos e a organização coletiva deixam a mensagem de que a periferia possui um discurso político, é consciente, detentora de senso crítico e que busca a partir da arte romper, ou no mínimo provocar a ordem vigente e dominante.

Como instrumento de comunicação e resistência, o Rap e o Hip-hop são expressões culturais que ao partir da voz do excluído e menos favorecido, promovem ou provocam reflexões na contemporaneidade a respeito de temas polêmicos como: violência, pobreza e identidade. A luta contra o racismo e a desigualdade social está presente na formação discursiva dos jovens, que reproduzem a realidade a partir da interpretação de seu ponto de vista. Perspectiva de um jovem artista morador da Baixada Fluminense:

Ramal Japeri

*Dias contados igual as molas do meu nike shox
Eu tô portando dri-fit*

*Willy wonka, serei louco e gênio ao mesmo tempo
Tenho fábrica de hit
Trilha sonora da esquina
Vejo meus manos faturando grana na esquina
Doses de adrenalina (ainda)
Problemas com escola eu tenho mil
Metade dos meus amigos trabalhando no sinal
E a outra metade tá trabalhando com fuzil
Ficha mais sujo que sola de kenner
Desmascarando Mc Mr.M
Desde pequeno piso em puma disk
Nós não nascemos pra portar supreme
Tem algo errado na linha do tempo Ou
são minhas rimas que estão avançadas?
Eles pedem pra que eu seja modesto
Meu altere o corta igual navalha
Ramal Japeri: selva onde todos somos leões
Cês não passam de gatinho
Mesmo no inferno sonhando em voar para o céu
Trampando de aviãozinho
Quem tá no topo só pode cair
Então olha pra baixo, te mostro o declínio
Um desses mano veio me assaltar Ele
me disse “passa o raciocínio”
Fazendo o corre da braba no jaca
Desde pequeno corro esse perigo
Identidade no bolso da calça
Pra não ser confundido com bandido
Baixada city só área de risco
Liberdade pros meus mano privado
Firma tá forte só AK cromado
Pentão de 10, goiabada esticado
Morro 22 você já sabe
Profissão perigo, bandana vermelha tu já sabe o motivo.*

Artista: DiPaul4 (Baby Puto)

2.8. Retomada das atividades após dois anos de pandemia covid-19

Após um longo período de atividades e projetos suspensos por consequência da pandemia Covid-19, o “Batidas e Rimas” realizou o primeiro encontro de retomada de suas atividades, em especial, em local público. Enquanto a vacinação avançava, algumas parcerias musicais foram realizadas, todavia, em locais privados. No dia 18 de dezembro de 2021 ocorreu o Sarau Solidário, de volta às origens, na pracinha de cultura no bairro São Roque (Figura 12).



Figura 12 - Foto do evento Sarau Solidário.

Fonte: Acervo pessoal, 2021.

O evento uniu música, poesia e a história de Queimados. Houve a exibição do documentário *Queimados: vozes da emancipação*, que conta a história do processo emancipatório no município, poesia com a poeta Sandra Remígio, autora do livro *Poemas Pretos*, e apresentações musicais durante as 07 horas de duração. Das 16h às 23h, houve também a pintura simultânea de duas geladeiras, pelos pintores Alan Tavares e Luis Arthur. O projeto social das geladeiras literárias consiste na coleta e distribuição de livros em pontos estratégicos da cidade. O objetivo principal é incentivar a leitura sem qualquer custo envolvido, pois o compartilhamento de livros é gratuito (Figura 13 e 14).



Figura 13 - Pinturas e Graffiti em Geladeiras Literárias.

Fonte: Acervo pessoal, 2021.



Figura 14 - Pinturas e Graffiti em Geladeiras Literárias finalizadas.

Fonte: Acervo pessoal, 2021.

No Sarau, um outro ativista entrou em cena, o Professor Fábio Castelano. Formado em letras e literatura, atua ativamente no município com ações sociais voltadas para a educação com o Projeto Professor Fábio Castelano. Como exemplo, se pode mencionar o Pré-Enem Social com aulas aos vestibulandos queimadenses e o Escambo Literário, onde se deixa um livro e pode escolher qualquer outro no lugar. De forma itinerante, o intuito é tornar a literatura mais acessível, enquanto no preparatório social a ideia é fornecer informações sobre o campo profissional e suporte para que mais alunos da região possam ser aprovados em universidades públicas. O Professor complementa:

Conheci o “Batidas e Rimas” em 2012 em um evento. Em alguns momentos realizamos ações juntos. Como professor a ideia central sempre foi a literatura. Um exemplo é a geladeira literária, e a ideia é intensificar as ações. O “Batidas e Rimas” envolve inclusão. O início foi em um evento público e o objeto é disseminar cada vez mais. É mais que música, é um duplo acesso: consumir cultura e produzir cultura, é para os que querem se apresentar e os que querem consumir música na Baixada. É uma abertura, é cidadania! (sic).

Na praça, pessoas de diferentes idades acompanharam o evento. Adolescentes, jovens acompanhados por amigos, por crianças e até senhoras que conheceram o “Batidas” pelos filhos estavam presentes. Alguns conheceram pelas redes sociais, outros por pessoas próximas e os demais estavam conhecendo naquele dia, e acompanhavam os que de fato possuem algum vínculo com a música. Os que foram perguntados sobre a relação com o grupo cultural, responderam prontamente.

A participante do evento e entrevistada Camila Brandão, acrescenta:

Admiro muito o trabalho que o Romildo faz, essa mobilização que envolve música, arte e cidadania. Já vi um movimento semelhante em São Paulo a acompanho esse trabalho como moradora do município, professora e geógrafa (sic).

Fernanda Nunes, também participante fala:

Sou adepta ao grupo porque me identifico como uma mulher negra, me vejo na cultura *Hip-hop*, no *Rap* e incentivar a criação de cantores da Baixada é muito importante para o desenvolvimento do território (sic).

Sandra Remígio, também contribui:

Quem conhece muito o Batidas é o meu filho que não mora mais em Queimados (RJ). Ele me apresentou e eu gostei, estou aqui prestigiando com meus amigos e familiares que também gostam desse tipo de música (sic).

Batalhas de *rap* e apresentações de artistas locais também marcaram o dia. Para muitos, como já foi dito, essa é a única oportunidade de expor suas criações. Rodney Fabiano é um desses jovens e falou um pouco sobre sua trajetória e ligação com o grupo cultural. Com pai e avô músicos, Rodney relata que sempre se interessou por música, e seus familiares tiveram um grande papel para que se desenvolvesse esse gosto. Aos 09 anos já queria cantar, começou a aprender a tocar violão e a compor canções. Depois dos 13 anos de idade viu a primeira batalha de rima, estava acompanhado por seu irmão e alguns de seus amigos que já rimavam e alega que ali tudo mudou, que foi amor à primeira vista pois nunca tinha visto a tensão e a energia de uma roda cultural.

A batalha ocorreu na Pedra do Sal, localizada no bairro da Saúde, perto do Largo da Prainha, na cidade do Rio de Janeiro. Conheceu o "Batidas" por um grande amigo que também é produtor cultural, mas já conhecia o Romildo, só não sabia sobre os eventos. O primeiro encontro que presenciou foi na inauguração da pista de skate na praça Dona Branca, com show do Marechal. Desde então, passou a acompanhar o trabalho do grupo e participar expondo suas letras. A música ainda não é sua principal fonte de renda, mas vende algumas composições, possui clientes fixos e esporadicamente surge a oportunidade de tocar em algum show.

*Vou consolar a lágrima do morador
Tô vendo o Brasil caindo e a favela sangrar
Eu vi o sofrimento do meu pai como trabalhador
E ele é professor
Quando eu me expressar
Já me disseram que a melhor verdade é o silêncio
Isso é desculpa esfarrapada
Eu posso ajoelhar*

*Seguir um presidente desse não é meu ofício
E o que seria do Brasil se o rap se calar
Eu vim pra mudar essa história
Do que adianta esquecer o futuro
E só mostrar os momentos de glória
O futuro o passado o afoga
E o presente é só o passado preso em uma gaiola.*

Artista: Rodney Fabiano

No Sarau Solidário, além dos livros, alimentos não perecíveis e roupas também foram recolhidos para fornecer assistência a Instituição Professora Marli Esteves. A primeira geladeira foi colocada na Praça Dona Branca, berço do Batidas e Rimas, e a segunda está no Horto Municipalidade. Infelizmente, a geladeira da praça foi furtada e posteriormente encontrada no ferro-velho mais próximo ao local, sem a porta, com arranhões e amassados. O dono se desculpou, alegou não conhecer o projeto e deu todo suporte na locomoção da geladeira para a sede.



Figura 15 - Um pouco de imagens do evento “Ocupa Praça”.

Fonte: Fotógrafa Ana Beatriz e Grupo Batidas e Rimas, 2021.

O evento (Figura 15) foi fruto da parceria com a Secretaria de Cultura e Turismo de Queimados através da lei Aldir Blanc, por meio do Edital do Fazer Cultural Queimadense. Regulamentada em 29 de junho de 2020, a lei 14. 017 discorre sobre ações emergenciais direcionadas ao setor cultural durante o estado de calamidade, setor fortemente afetado durante a pandemia covid-19. A legislação homenageia o compositor Aldir Blanc, que faleceu no Rio de Janeiro em 2020 e aos 73 anos, vítima de complicações causadas pelo Coronavírus.

Art. 8º - Compreendem-se como espaços culturais todos aqueles organizados e mantidos por pessoas, organizações da sociedade civil, empresas culturais, organizações culturais comunitárias, cooperativas com finalidade cultural e instituições culturais, com ou sem fins lucrativos, que sejam dedicados a realizar atividades artísticas e culturais (...) (BRASIL, 2020).

Em março deste ano, o Plenário do Senado aprovou o Projeto de Lei 1.518/2021, que cria a Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura. Conhecido como Lei Aldir Blanc 2, é a segunda lei de auxílio ao setor cultural que recebe o nome do letrista. De acordo com o texto, a União vai repassar anualmente R\$ 3 bilhões aos governos estaduais e municipais, durante cinco anos. Os recursos serão divididos entre programas e projetos que tenham por objetivo democratizar o acesso à cultura, além de editais, produções, cursos e chamadas públicas.

Art. 4º A Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura tem como beneficiários os trabalhadores da cultura e as entidades, pessoas físicas e jurídicas que atuem na produção, na difusão, na promoção e na preservação e aquisição de bens, produtos ou serviços artísticos e culturais, inclusive o patrimônio cultural material e imaterial (BRASIL, 2021).

Para os organizadores, a lei constitui grande avanço no incentivo e disseminação da cultura. Contar com recursos provenientes do governo permite com que os eventos possam sair do papel, possibilita mobilidade de ação e o mais importante, a essência e integridade do grupo são preservados. Assim, a recorrente vulnerabilidade diante dos desejos de patrocinadores deixa de existir. O Professor Felipp orgulhoso diz:

O evento de hoje pertence a lei. Os artistas e a estrutura serão pagos, são financiados. Pela primeira vez, os artistas serão pagos sem a necessidade de patrocínio. Os editais também permitem a possibilidade de aos poucos construirmos uma estrutura sem precisar correr atrás de verbas que nem sempre se concretizam (sic).

Desde o princípio, o vínculo com a rádio Novos Rumos (98.7fm) foi estratégico no processo de disseminação da cultura Hip-hop. A parceria permanece, e o Batidas e Rimas participa periodicamente de programas voltados para a cidadania. A última atividade foi realizada no dia 12 de novembro de 2021 e o diálogo foi a respeito do atual cenário e toda a história do Hip-hop. Infelizmente, pela variante Ômicron do Coronavírus e pelo vírus H3N2 variante do vírus Influenza A, as atividades e eventos abertos ao público no âmbito público e privado foram suspensas e retomadas em março do mesmo ano.

No dia 25/03/21, o Sarau Solidário foi realizado na Pracinha da Associação, localizada no Bairro do Fanchem. Apresentações artísticas e de poesias, barracas com artesãos locais, exibição de documentários e pintura das geladeiras literárias marcaram presença, uma vez que são elementos que representam a identidade do evento. Junção de arte, música e poesia pela parceria com a Prefeitura Municipal de Queimados-RJ, Governo do Estado do Rio de Janeiro e Governo Federal, através da Lei Aldir Blanc.

Além do Sarau, o Batidas e Rimas está expandindo sua atuação para o espaço escolar, pela primeira vez em sua trajetória uma Batalha Estudantil foi realizada com alunos da rede pública por meio da Lei Aldir Blanc. O encontro ocorreu no dia 05 de abril de 2022, no CIEP 396 Luiz Peixoto localizado em Queimados-RJ, no Bairro do Fanchem (Figura 16). Vale ressaltar que a iniciativa que é a primeira ocorrência de um circuito de batalhas de rimas improvisadas de hip hop com alunos da rede municipal e estadual.



Figura 16 - Batalha Estudantil no CIEP 396. Fonte:
Grupo Batidas e Rimas, 2022.

3. CAPÍTULO II

3. A CULTURA NA INTERFACE DAS RELAÇÕES HUMANAS AO LONGO DAS GERAÇÕES

Ao procurar estabelecer uma precisa definição e sentido a respeito da palavra cultura, é depara-se com a complexidade e abrangência de suas significações. Sob a ótica do senso comum, cultura tem a ver com saber e grau de instrução, uma pessoa culta possui um repertório de informações e detém um conhecimento que se destaca. Nesta perspectiva, um país onde a educação básica ainda é um desafio e a desigualdade social é um problema que afeta boa parte da população, a cultura não está acessível para todos, ela é restrita, limitada aos que podem se

apropriar do que é erudito e excepcional. Todavia, a cultura transcende esse entendimento, pois não reduz ao consumir, mas ao produzir, onde a atividade humana ao longo da história gera valores, tradições, ideias e costumes, se tornando expressões de diferentes grupos que as conceberam.

Cultura, do latim *culturae*, significa “ação de tratar”, cultivar. Originalmente, a palavra *culturae* deriva de outro termo em latim *colere*, que expressa: cultivar as plantas ou ato de plantar e desenvolver atividades agrícolas. No século XVIII, o sentido de cultura assume o sentido de substantivo abstrato, associado a intelectualidade, como conjunto de práticas legitimadas socialmente. Para discutir elementos circunscritos ao campo da cultura, faz-se necessário compreender o sentido do termo historicamente, para além da etimologia. Logo, aspectos históricos, fundamentais para apreender a maneira como se entende cultura nos dias de hoje são objeto de estudo.

Compreender cultura é entender as dinâmicas presentes nas sociedades que perpassam distintos campos, como o político e econômico. Logo, o termo cultura se corporifica ao longo dos estudos e pesquisas por considerar um conjunto de componentes que estão em constante relação, dentre eles: hábitos sociais, crenças e modos de pensar, que conseqüentemente geram determinados tipos de comportamento. De acordo com Stuart Hall (1997), as práticas sociais carregam uma dimensão cultural que se alastra para distintos pontos da vida social, gerando impacto direto na construção do sujeito e o modo como o mesmo se posiciona como ator social.

Como estes grupos são hierarquizados entre si, percebe-se que as hierarquias sociais determinam as hierarquias culturais, o que não significa que a cultura do grupo dominante determine o caráter das culturas dos grupos socialmente dominados. As culturas das classes populares não são desprovidas de autonomia nem de capacidade de resistência. (CUCHE, 2002, p. 14).

Com suas especificidades e particularidades, todas as sociedades têm uma cultura que se apresenta em seu modo de viver. Modo que retrata costumes e hábitos, deixando sua marca na história pela ação do homem no espaço e no tempo. Antes de mesmo de uma definição conceitual, a ideia de uma cultura atravessa gerações e já existia em tempos primitivos. Os saberes transmitidos oralmente, os valores éticos, as crenças religiosas, mitos e lendas refletem certo povo e formam seu patrimônio cultural. No Brasil, antes da colonização, as características das tribos indígenas estabeleciam diferenças entre si e mais ainda se comparado ao de fora, o colonizador. O momento pós colonização, das expedições que tinham como intuito povoar as terras brasileiras diem muito sobre a diversidade cultural. A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 explicita o que é e o que abarca o patrimônio cultural do país. “Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira[...]” (BRASIL, 1988).

Sob o olhar da Unesco, a Diversidade Cultural representa a “multiplicidade de formas pelas quais as culturas dos grupos e sociedades encontram sua expressão”. Transmitidas entre grupos e sociedades, esses modos de criar, produzir e distribuir expressões não são vistos de forma imparcial e igualitária, logo, há o reconhecimento da heterogeneidade, ainda assim, algumas formas culturais buscam romper preconceitos e perspectivas estereotipadas. Neste aspecto, é difícil conseguir se esquivar da condição de camada social que determinado grupo pertence. Para Munanga (2020), a sociedade colonial e a diáspora que consiste na dispersão de pessoas de seu local de origem, gera o desejo de retomada, de volta às origens e contestação da

marginalização. É a curiosidade e desejo de conhecer sua própria história. “É negação do dogma da supremacia colonizadora em relação à cultura do povo dominado (...) (MUNANGA, 2020, p. 43)

Quando essa busca por conhecer a si sai do campo individual para o coletivo, essas questões políticas e econômicas geram conflito, explícito ou não. Os agentes utilizam de um lugar de fala contra um lugar de subordinação. Romildo, Dudu de Morro Agudo e demais ativistas mencionados no capítulo anterior partem da cultura Hip-hop e a utilizam como fio condutor cujo objetivo é desconstruir a visão de que a periferia produz apenas violência e marginalidade. A música liga os pontos e expressa uma discussão mais aprofundada sobre dialogar com outras culturas além da busca por ser reconhecida e não silenciada. É um conflito aberto, onde os excluídos se tornam ativos em prol da valorização de uma região, história e modos de viver.

As noções de cultura são subjetivas e apresentam especificidades, logo, o modo como as pessoas se apropriam dela também é singular. Embora integrantes de um mesmo grupo, o sentido das expressões culturais varia de um sujeito para outro, sem “igualdade” entre seus membros. Para alguns, a conexão com a cultura Hip-hop se resume em conhecer cantores ou rappers, para outros, a apropriação cultural significa uma filosofia de vida. Em uma parte de seu relato, Luke critica os adeptos ao movimento Hip-hop que não conhecem os primeiros atores, os que deram início ao movimento. Em sua fala, é nítida a importância dada ao componente histórico, porém, é possível interpretar que a falta de um fragmento deste elemento deslegitima esse integrante e sua identidade. Pode-se constatar que as culturas não são “puras” e homogêneas, elas estão constantemente influenciando e sendo influenciadas a começar pelas relações que são tecidas em determinado espaço e período de tempo. A identidade daquele jovem mencionado pelo ativista é resultante de uma história particular, não apenas de discursos culturais e políticos (Hall, 2020).

O resultado do mix cultural, ou sincretismo, atravessando velhas fronteiras, pode não ser a obliteração do velho pelo novo, mas a criação de algumas alternativas híbridas, sintetizando elementos de ambas, mas não redutíveis a nenhuma delas -como ocorre crescentemente nas sociedades multiculturais, culturalmente diversificadas [...] (HALL, 1997, p. 19).

3.1. Cultura como Objeto de Estudo da Antropologia

Sob uma perspectiva antropológica, o conceito científico de cultura apresenta como gênese a segunda metade do século XIX, a partir dos estudos do antropólogo britânico Edward Burnett Tylor (1832-1917). Para o teórico, a expressão “cultura” é resultante da vida social humana, formada a partir de elementos materiais, comportamentais e espirituais. Para ele, cultura envolve crença, arte, moral, lei, costume ou outros hábitos formados e adquiridos em sociedade.

Ainda no campo antropológico, a começar pelo século XVIII, duas linhas de pensamento são elaboradas. De um lado, a tradição iluminista francesa elaborava uma cultura com sentido e significado igual ao conceito de civilização, e em contrapartida, uma segunda cultura, concebida a partir da tradição romântica alemã como sinônimo de Kultur é desenvolvida. (Gonçalves, 2010). De acordo com a primeira leitura da cultura, a racionalidade, exclusiva aos seres humanos, é capaz de conduzi-los ao alcance da civilização. Com base em um processo de

concentração, o arsenal formado torna-se fruto do uso da razão, que é capaz de levar os grupos sociais ao ápice da evolução.

Sob influência de estudiosos como Charles Lyell (1797-1875) e Charles Darwin (1809-1882), a teoria de Tylor pressupunha o evolucionismo, e pregava que a cultura/civilização está no topo de um modelo hierárquico e linear que transita por três estágios distintos. Charles Lyell, geólogo britânico que em 1830 publicou o primeiro volume de *Principles of Geology* (Princípios da Geologia) e em sua teoria propôs uma teoria que existe uma ação uniforme e constante de forças na terra, processo que recebeu o nome de “Uniformitarismo”, uma vez que processos químicos, biológicos e físicos se desenvolvem ao longo do tempo, e não por meio de acontecimentos repentinos.

Em 1859, ao publicar o livro *On the Origin of Species* (A Origem das Espécies), Charles Darwin propôs a teoria de que todos os seres vivos descendem de um ancestral em comum e que por meio de um movimento evolutivo, através da seleção natural sobrevive o que melhor se adapta às condições ambientais do local onde vive, e não necessariamente o mais forte. Aqui, para Edward Tylor, a cultura não é vista de forma plural ou relativizada, ela é etnocêntrica e universal, demonstrando que os seres humanos podem, mas nem todos são civilizados. Assim sendo, se produz inevitavelmente a categorização entre os que carecem e os que detém, rótulos que corroboram a classificação entre os que são tidos como superiores e os identificados como inferiores, argumentação essencial para fundamentar as ações do período colonialista europeu.

(...) formas de conhecimento aliadas à dominação: o vocabulário da cultura imperial oitocentista clássica está repleto de palavras e conceitos como “raças servis” ou “inferiores”, “povos subordinados”, “dependência”, “expansão” e “autoridade”. E as ideias sobre a cultura eram explicitadas, reforçadas, criticadas ou rejeitadas a partir das experiências imperiais. (SAID, 1993, p.30).

Segundo a teoria evolucionista, existem três estágios de avanço e desenvolvimento possíveis, são eles: selvageria, barbárie e civilização. Logo, os grupos sociais partem da selvageria em direção à civilização por meio de um processo evolutivo, do arcaico ao refinado. Aqui, as diferenças eram vistas como etapas a serem avançadas, como meio para alcançar o progresso. Assim, a humanidade, ao passar pelos estágios seria capaz de ascender, diferenciando-se dos “primitivos” e selvagens que são incapazes de realizar tal façanha. Outra premissa da teoria é de que o pensamento de todo ser humano parte de uma unidade psíquica comum a todos, independentemente do atual estágio evolutivo.

Por conseguinte, as culturas humanas poderiam ser classificadas como sendo mais ou menos complexas, reforçando automaticamente o etnocentrismo, conceito em que determinado grupo ou nação considera-se mais importante do que as demais culturas e sociedades. “(...) apesar da contínua interferência da degeneração, a tendência central da cultura, desde os tempos primevos até os modernos, foi avançar, a partir da selvageria, na direção da civilização (TYLOR, 2005, p. 93).

”Lewis Henry Morgan (1818–1881) antropólogo norte-americano visto como um dos fundadores da antropologia moderna, realizou pesquisa de campo para escrever sobre a relação entre cultura e sociedade. De acordo com um dos representantes do evolucionismo cultural no século XIX, o estágio que marca o início do evolucionismo rumo à civilização recebe o nome de selvageria, que significa o período em que a ação humana estava relacionada com o uso dos

recursos oriundos da natureza, seja para alimentação ou para a invenção de ferramentas para o uso cotidiano. A etapa posterior, conhecida como barbárie, é caracterizada pelo manuseio de alguns materiais, como: pedra, porcelana, ferro e pela realização de atividades voltadas à agricultura. O último nível de elevação é conhecido como civilização e é marcado pela invenção do alfabeto fonético e o uso da escrita.

Como a humanidade foi uma só na origem, sua trajetória tem sido essencialmente uma, seguindo por canais diferentes, mas uniformes, em todos os continentes, e muito semelhantes em todas as tribos e nações da humanidade que se encontram no mesmo status de desenvolvimento (MORGAN, 1877, p. 46).

Como meio para sair da selvageria e da ignorância, a civilização é fruto de melhorias alcançadas ao longo dos anos em um processo histórico. Embora compartilhem o mesmo ponto de partida, na prática, essa perspectiva vertical e hierárquica deixa claro os que avançaram e os que estagnaram. As culturas indígenas e africanas, por exemplo, são vistas como sociedades que não alcançaram o ápice de evolução, e em contrapartida, a cultura ocidental e europeia simboliza a civilidade, uma vez que se encontra em estágio superior, melhor se comparada às outras. A ação dos grupos que reivindicam espaço para que a cultura Hip-hop possa existir surge precisamente da tomada de consciência sobre a assimetria e hierarquização cultural, assim como desigualdade social e preconceito. Os ativistas afirmam que o Hip hop é feito pelo excluído para excluído, do favelado para favelado, deixando em evidência a compreensão que possuem sobre o lugar que ocupam socialmente.

Franz Uri Boas (1858-1942) não explora o conceito de cultura sob uma ótica singular, linear e desenvolvimentista, o método científico nos estudos antropológicos e etnográficos, se apresenta sob a expressão: “antropologia cultural” para determinar a ênfase na cultura. Ao retomar o exemplo anterior, para o antropólogo, artefatos das culturas indígenas e africanas, por exemplo, não correspondem ao atraso das sociedades em questão, representam as especificidades que conservam a essência dos grupos sociais, ilustrando o conceito de relativismo cultural. O termo, que embora não tenha sido cunhado por Boas, consolidou-se a partir de seus fundamentos teóricos ao partir do pluralismo e da diversidade culturais. “Para ele, cada cultura representava uma totalidade singular e todo seu esforço consistia em pesquisar o que fazia a sua unidade.” (CUCHE, 2002, p.45). O hip-hop é caracterizado justamente por um todo, uma totalidade, não apenas na perspectiva teórica dos livros, mas também dos indivíduos que compartilham esses ideais, a essência que se reflete como um modo de ser e estar no mundo.

Com uma ferramenta pseudocientífica para o alicerçamento da ideologia etnocentrista, uma falácia é a diversidade de expressões culturais na ótica evolucionista, e o comparativismo existente em seus fundamentos é objeto de crítica na perspectiva de Boas. A ideia de que um fenômeno etnológico se desenvolve da mesma maneira, independente de variações como localidade, busca homogeneizar suas causas, consequências e implicações. Comparar fenômenos culturais em busca de uniformidade ignora as particularidades de grupos sociais, e por mais semelhantes que possam aparentar ser, os fenômenos étnicos possuem distintas origens e as crenças, valores e costumes circunscritos a uma determinada cultura não representam o objetivo principal da pesquisa antropológica, embora seja parte importante do processo. A finalidade aqui é compreender os motivos que fundamentam a existência desses elementos.

(...) quando interpretados segundo a suposição de que os mesmos aspectos devem ter se desenvolvido sempre a partir das mesmas causas, leva à conclusão de que existe um

grande sistema pelo qual a humanidade se desenvolveu em todos os lugares, e que todas as variações observadas não passam de detalhes menores dessa grande evolução uniforme. (BOAS, 1896, p. 32)

Segundo o autor, estudar a história de uma cultura implica considerar o que está cerceado a esse objeto. O movimento é indutivo, partindo da particularidade da experiência empírica e sensível para a generalização, para a formulação de leis gerais, ainda que não seja possível uma formulação com absoluta clareza sem o estabelecimento de algumas comparações. Ainda assim, se difere do caminho trilhado pelo modelo comparativo que parte de uma teoria formada, que objetiva encaixar o fenômeno aos conceitos já existentes. “(...) O método comparativo somente pode ter a esperança de atingir os efeitos pelos quais tem se empenhado quando baseia suas investigações nos resultados históricos de pesquisas dedicadas a esclarecer as complexas relações de cada cultura individual” (BOAS, 1896, p. 38).

Dessa forma, as observações e análises dos sistemas culturais não partem de um modelo definido e determinado como o ideal, a priori, não há a categorização de expressões a partir do arquétipo eurocêntrico, debruça-se sobre os fenômenos de forma partidária, imparcial, fundamento presente no relativismo cultural. Presente na história da filosofia, ao declarar a relativização do conhecimento, o termo relativismo afirma que não há verdades, valores e perspectivas absolutos. Pertinente é a frase: “todo ponto de vista é a vista de um ponto”, pois o modo como os eventos são vistos e interpretados estão limitados ao olhar do pesquisador. Transcendendo a etnografia descritiva e comparativa, se procura compreender os muitos processos que circundam a diversidade presente nas sociedades. O hip-hop se apresenta enquanto cultura não apenas no âmbito musical, mas com uma junção de vários elementos que representam um grupo e sua forma de ser e se expressar. Os gostos, modos de vestir e falar são reflexos e ações de um grupo que se difere dos demais. É possível identificá-los pelo contraste que existe com outros coletivos, que inclusive, também se colocam de maneira singular, própria.

Vemos, ao contrário, que cada grupo cultural tem sua história própria e única, parcialmente dependente do desenvolvimento interno peculiar ao grupo social e parcialmente de influências exteriores às quais ela tenha estado submetido. Tanto ocorrem processos de gradual diferenciação quanto de nivelamento de diferenças entre centros culturais vizinhos. Seria completamente impossível entender o que aconteceu a qualquer povo particular com base num único esquema evolucionário (BOAS, 1920, p. 47).

A ruptura com a supremacia cultural do ocidente estende o campo de pesquisa e por meio de uma nova abordagem teórica. A análise de dados oriundos de determinada civilização fundamenta-se em uma contextualização e conseqüente avaliação sob a ótica de acontecimentos, fatos econômicos, históricos, sociais, políticos e geográficos restritos a sociedade em questão, em um determinado período de tempo e espaço. Dessa forma, o eurocentrismo e sua maneira de valorizar sua cultura por meio da desqualificação das demais passa a ser questionado, especialmente suas conseqüências diretas, como o racismo apoiado na eugenia e o colonialismo. Logo abaixo, a fala de alguns adeptos ao grupo Batidas e Rimas corroboram a dimensão teórica do que está sendo desenvolvido aqui. A entrevistada Elisabeth, de 55 anos, participante do evento, acrescenta:

Eu conheci o Batidas pelo meu filho, que gosta muito de Hip-hop. Pra quem está de fora pode parecer ser só música com palavrão, mas aos poucos entendi que tudo que é feito aqui é um pedaço do que eu vivo, da minha história. Aqui o que vem do preto e da baixada tem valor, eu cresci ouvindo e achando que nada que sai da pobreza pode ser positivo.

Nota-se que as culturas são relativas, pois os itens que fazem parte de um todo, de um complexo cultural estão associados a um contexto, e que seu valor está intrinsecamente relacionado ao coletivo que se identifica e vivencia aquelas práticas. Logo, cada cultura é um exemplar de originalidade que não pode ser medida para avaliar se é possível considerá-la relevante ou não, se comparada às outras manifestações. Todas são equivalentes, com o mesmo peso na escala de importância. Para Franz Boas as culturas não são passíveis de categorização, uma vez que todas estão em grau de igualdade. “Boas insistia em outro aspecto do relativismo cultural. Um aspecto que poderia talvez ser um princípio ético que afirma a dignidade de cada cultura e exalta o respeito e a tolerância em relação a culturas diferentes” (CUCHE, 2002, p. 46).

Por sua vez, o relativismo moral corresponde ao dualismo existente em cada sociedade. A significação do que é bom ou ruim, certo ou errado é dada pelo coletivo social de determinada cultura. Aqui, o conceito de relativismo preconiza que comportamentos atrelados aos distintos grupos sociais não devem ser vistos com estranhamento, pois para as pessoas que vivem a cultura, no âmbito de suas especificidades, há sentido, importância e valor nas ações e costumes. O aceitável e reprovável, os princípios morais são baseados nas experiências partilhadas pelo grupo.

Ora, se o moral e imoral é relativo e específico a cada sociedade particular, seus valores são inquestionáveis? Ainda que venham ferir direitos civis e políticos; direitos econômicos, sociais e culturais? Perguntas que simbolizam algumas das limitações e contradições da maleabilidade do conceito. “A tolerância não é, de forma alguma, a decorrência natural do relativismo moral, como é frequentemente afirmado. A tolerância tem seu fundamento numa convicção moral bem determinada, uma convicção para a qual exige-se universalidade” (SPAEMANN, 1994, p. 23).

Ainda que com afincos preguem uma postura que possibilite a abertura para que as culturas até então subordinadas, de baixa significância possam ser vistas como dignas de respeito, possuidoras de peculiaridades capazes de acrescentar algo à humanidade como um todo, o relativismo cultural recebe algumas críticas. Ao relativizar e de certa forma flexibilizar os entendimentos possíveis a respeito das diferenças, o conceito pode estar negando a compreensão científica das culturas, uma vez que a fragmentação de critérios explicativos compromete a pesquisa etnográfica. A ideia de que não há uma verdade absoluta e de que tudo é válido e legítimo apresenta contradições na lógica que circunda a cientificidade, todavia, traços comuns, como a linguagem, independentemente de sua variação estão presentes em todas as sociedades e a antropologia parte desse critério, preceito em que há metodologia e fundamento.

3.2. Cultura Dominante, Cultura Dominada na Formação e (Trans)Formação de Sentidos

Como já foi visto anteriormente, houve um período na história em que buscou-se compreender o sentido e abrangência da palavra cultura a partir da categorização de sociedades. Mudanças na conjuntura social, especialmente no modo como o “diferente” pode ou deve ser visto trouxeram novas formas de se relacionar com o “outro” (tolerância, movimentos contra discriminação e reconhecimento de minorias étnicas são alguns exemplos), por mais que se perpetua nos dias atuais, ainda que de maneira sutil a ideia de que existem culturas superiores e inferiores.

Relações assimétricas de poder são recorrentes ao longo da história, visto que confrontos no campo físico ou simbólico envolvem a defesa de pontos de vista. A hierarquia entre as culturas se apresenta nesse campo de luta, a partir do contato entre esses distintos modos de ser, se expressar e viver. Entretanto, de acordo com Cuche (2002), a disparidade entre as culturas não pode ser reduzida ao raciocínio de que os grupos assumem posições antagônicas a partir da lógica: de um lado o forte impõe e de outro o fraco “acata”.

(...)uma cultura dominada não é necessariamente uma cultura alienada, totalmente dependente. É uma cultura que, em sua evolução, não pode desconsiderar a cultura dominante (a recíproca também é verdadeira, ainda que em um grau menor), mas que pode resistir em maior ou menor escala à imposição cultural dominante. (CUCHE, 2002, p. 145)

Por consequência, diante da complexidade dessas relações, a reprodução do modelo dominante como correto e ideal a ser seguido em especial no campo cultural, retrata de maneira sutil uma estruturalmente vertical onde as relações de poder são dissonantes. De acordo com o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002), a cultura dominante utiliza de instrumentos, mecanismos pelos quais a relação de poder se personifica, para legitimação de sua cultura como referência, e para paralelamente distanciar as demais expressões culturais, vistas como subculturas e subalternas. Aqui, “o poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo e em particular do mundo social” (BOURDIEU, 1989, p.09). A partir de instrumentos simbólicos estruturantes (relacionados a construção de um mundo objetivo) e estruturados (meios de comunicabilidade e correspondência), os sistemas simbólicos refletem a estrutura hierárquica das classes sociais pois asseguram a imposição e a dominação de um grupo sobre outro:

A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções (BOURDIEU, 1989, p.10).

O poder simbólico é exercido de modo “discreto”, ou seja, não por enfrentamento direto. Assim, resistir a esse tipo de dominação aparentemente imperceptível é uma tarefa difícil, em especial quando não se tem noção de sua existência. Para que a lógica do poder simbólico se torne real e se perpetue, faz-se necessária a contribuição dos dominados. Sujeitos a um refinado e metamorfoseante modo como as forças são “apresentadas”, cujo objetivo é o controle e domínio sobre as massas, ocorre a validação onde nenhuma contestação é realizada a respeito da violência a que são submetidos.

Como consequência do poder simbólico, a violência simbólica nada mais é do que uma “violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento” (BOURDIEU, 2003, p. 7-8). Violência no aspecto psicológico e cognitivo, pois afeta a percepção, o pensamento e em última instância o comportamento dos dominados e nesta ocasião, a escola, dentre outras formas de dominação simbólica será mencionada. Monique (28 anos), uma das participantes do último evento acontecido em 2022, mencionou:

A gente luta sem arma, buscando reconhecimento de que os elementos e a cultura Hip-hop não é só violência e p****. Essa cultura está presente na vida e não só nos

eventos, a gente não esquece quando vai pra casa. O trabalho da galera é muito legal porque bate de frente com o sistema e com tudo que vai contra ao que é a base do que eles fazem (sic).

Para Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (1982), a escola acaba reproduzindo o discurso dominante. No interior de uma sociedade existem diferenças culturais. As classes burguesas possuem um patrimônio cultural constituído de normas de falar, de expressão, de costumes e valores. Já as classes trabalhadoras possuem características diferenciadas que lhes têm permitido sua manutenção enquanto classes. A escola, no que lhe diz respeito, desvalida estas diferenças socioculturais, privilegiando e escolhendo em sua teoria as manifestações e os valores culturais das classes dominantes. Na perspectiva dos autores supracitados, toda ação pedagógica consiste em uma espécie de violência simbólica. Essa violência consiste na reprodução do modelo dominante como ideal, retratando um modelo de socialização que favorece estruturalmente as relações de poder.

Longevo é o ensino da história enquanto ciência, e sua finalidade como disciplina é estabelecer uma narrativa, uma identidade nacional. Depara-se aqui com o risco da homogeneização cultural a partir da perspectiva em que essa história será contada. Quando o ensino da cultura e história afro-brasileira se torna estereotipado, caricato e em contrapartida o discurso que relata as expressões culturais eurocêntricas são demasiadamente vangloriados e hegemônicos, percebe-se que a ideia de um passado comum possui distintos pesos e medidas, configurando notório exemplo de violência simbólica.

A diferença entre dominantes e dominados localiza-se em particular numa luta simbólica em prol de suas inclinações políticas, econômicas e culturais. O espaço em que ocorre a produção simbólica é marcado pela distinção entre os que desejam a manutenção do modelo vigente e os que buscam romper a subjugação, para assim também lograr exercer poder na esfera social “As diferentes classes e frações de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição de mundo social mais conforme aos seus interesses” (BOURDIEU, 2003, p. 11).

Como já foi visto, durante quase uma década, o “Batidas e Rimas” briga por espaço para expressar seus valores e sua visão de mundo no município de Queimados-RJ. As conquistas alcançadas ao longo dos anos partem de uma mudança nas pessoas, nos moradores do município e adjacências que passam a conhecer, compreender o que é a cultura Hip-hop, ou até mesmo desconstruir uma visão preconceituosa, reducionista e estereotipada do que é este movimento. Após dez anos, o “Batidas” agora pode ter acesso ao ambiente escolar, espaço que considerava a cultura eurocêntrica como modelo a ser reproduzido enquanto os elementos do Hip-hop a serem ignorados por serem símbolo de violência e sexo.

3.3. Os Enfoques Bourdieusiano na Compreensão dos Sentidos, Territórios e Diversidades

No entendimento trivial, a palavra campo, do latim *campum* é associada de imediato a um delimitado espaço, embora sua multiplicidade de sentidos faça com que a palavra se estenda e seja aplicável em distintos contextos, do território agrícola, passando pelo esportivo e pelo da física, área da ciência que se dedica ao estudo das propriedades da matéria e da energia. Reflexões acerca do impacto e das diferenças existentes nas relações de poder no campo cultural podem ser potencializadas a partir da compreensão do local onde essas disputas ocorrem, ideia que corresponde ao conceito de campo cunhado por Pierre Bourdieu.

O campo, no seu conjunto, define-se como um sistema de desvio de níveis diferentes e nada, nem nas instituições ou nos agentes, nem nos atos ou nos discursos que eles produzem, tem sentido senão relacionalmente, por meio do jogo das oposições e das distinções (BOURDIEU, 2003, p. 179).

No sentido abstrato, Campo é um microcosmo, composto pelas constantes relações entre dominados e dominantes, marcado por disputas antagônicas e permanentes para preservar ou transformar esse espaço (BOURDIEU, 2004). Composto por agentes físicos ou coletivos, de posições objetivas e de ordenações subjetivas, o campo estabelece o que se pode ou não fazer, assim como o que é aceitável ou reprovável. Para o autor, a concepção de campo é resultante do estruturalismo genético que parte da premissa de analisar as estruturas objetivas dos campos. Como local estruturado em que ocorrem as inter-relações, é um espaço social detentor de leis e regras específicas que geram impacto no campo social mais amplo. Esse ambiente social é constituído por diversos campos, que correspondem a um conjunto de elementos interligados capazes de moldar, de modo engenhoso, ações perceptíveis e imperceptíveis nesse espaço de relações hierárquicas.

Crítico do pensamento bourdieusiana, ao problematizar as noções de Campo, o sociólogo francês Bernard Lahire aponta que a ênfase nas posições antagônicas assumidas em busca do poder faz com que se desconsidere a vida dos agentes para além desse campo. “Ao contrário do que as fórmulas mais gerais podem levar a acreditar, nem tudo (indivíduo, prática, instituição, situação, interação (...)), portanto, pode ser incluído em um campo.” (LAHIRE, 2002, p. 50). Configurando-se uma generalização e reducionismo quanto aos atores sociais.

Espaço de estruturas fluidas e dinâmicas, o campo é composto por um complexo de interesses restritos que determinam as ações econômicas, políticas e culturais. As especificidades de cada campo geram habitus específicos, assim como leis e arranjos que ordenam a busca pela dominação (Bourdieu, 1984). Os interesses circunscritos ao campo da dominação recebem o nome de capital, seja de bens culturais, sociais e econômicos. Logo, os grupos dominados e dominantes estão em constante tensão que objetiva o fortalecimento e monopolização de seu capital nesse espaço representativo.

(...) as variáveis geracionais, de grupos, de classe, de sexo e até mesmo de capacidades pessoais integram uma luta pela legitimidade. Essa legitimidade, como no caso religioso, passa pelo domínio e posse de um elemento simbólico específico, imanente ao espaço social delimitado e determinado por esse elemento (MONTAGNER, 2011, p. 259).

Cada campo possui dinâmica própria, com ideias e valores compartilhados por seus membros. Em determinado campo religioso ou cultural, existem regras, normas e comportamentos que unem indivíduos formando uma coletividade. Na presente pesquisa, o grupo de hip-hop Batidas e Rimas a partir de eventos em distintas localidades do Estado do Rio de Janeiro reúne literalmente agentes em sintonia e conformidade com a proposta principal proposta cultural que é a consolidação de um campo artístico e musical no âmbito da Baixada Fluminense através da resistência que se corporifica em produções críticas e reflexivas, na voz do excluído e menos favorecido, se promove e provoca reflexões na contemporaneidade a respeito de temas polêmicos como: violência, racismo, desigualdade social. Felipe (19 anos), também entrevistado no evento de 2022, contribui:

De certa forma, me sinto encaixado com os “irmãos”, na escola e em outros lugares eu me sentia meio que desajustado e aqui a gente meio que pensa igual, tem as mesmas ideias sobre as coisas, tem sintonia (sic).

Batidas e Rimas caracterizam um campo, um microcosmo social em que tanto os autores das canções, intérpretes e seguidores juntam-se em torno de uma perspectiva, de um modo de se posicionar no mundo, e a respeito de problemas sociais. Essas pessoas compartilham o mesmo habitus. Ora, determinados campos e conseqüentemente habitus possuem maior “relevância” em detrimento de outros, por isso a incessante busca de alguns grupos por reconhecimento que se traduz em formas de protesto e resistência, é a ruptura com um rótulo estereotipado atribuído e cristalizado ao longo dos anos.

Mostra que a cultura não é só um código comum, nem mesmo um repertório comum de respostas a problemas comuns ou um grupo de esquemas de pensamento particulares e particularizados: é, sobretudo, um conjunto de esquemas fundamentais, precisamente assimilados, a partir dos quais se engendram, segundo uma arte da invenção semelhante à da escrita musical, uma infinidade de esquemas particulares, diretamente aplicados a situações particulares (BOURDIEU, 1982, p. 349).

Esquemas particulares, todavia, assimétricos entre si, pois algumas representações passam a ser consideradas como expressão da realidade social ganhando assim maior visibilidade. São as narrativas eurocêntricas, hegemônicas que representam um grupo social em detrimento dos demais, anulando outros campos e habitus. A cultura dominante consolida-se como modelo a ser seguido, com valores, regras, normas e comportamentos a serem reproduzidos. Resultantes de um processo histórico, de uma trajetória percorrida, o habitus é composto por um conjunto de apropriações e ações vivenciados e postos em prática confrontados constantemente por novas experiências (Bourdieu, 1992). São esquemas individuais maximizados e transportados para a experiência coletiva uma vez que o campo é uma estrutura compartilhada. A começar pela relação entre sujeito e sociedade, essa dialética que implica a consolidação do gosto, dos comportamentos e perspectivas.

O modo como o sujeito se coloca no mundo está associado diretamente a condições externas, de maneira que não é possível uma fidedignidade inalterada do ser social. Fruto de processo histórico e de uma trajetória, o habitus assim como o campo não são engessados, e descontextualizados de outros períodos e com ênfase em uma única época. Capaz de conciliar a individualidade e o meio exterior, esse habitus está em constante relação com o mundo objetivo e subjetivo, o diálogo entre passado, presente e futuro é dinâmico, flexível em função das vivências. A cultura Hip-hop desabrocha em um ambiente específico, em um contexto marcado pela desigualdade e violência, por uma sociedade que classifica e exclui. O plano de fundo é esse, e hoje, o Hip-hop é fruto do desenrolar dessas questões no espaço e no tempo.

Presente no corpo (gestos, posturas) e na mente (formas de ver, de classificar) da coletividade inscrita em um campo, automatiza as escolhas e as ações em um campo (...). O habitus é o produto da experiência biográfica individual, da experiência histórica coletiva e da interação entre essas experiências (BOURDIEU, 2003, 50).

O termo capital cultural criado na obra *Les héritiers* de Bourdieu e Passeron (1964) se faz referência na apreensão das relações de dominação presentes na sociedade. Esse capital cultural pode ser entendido como forma de localizar as classes em uma sociedade estratificada, e um instrumento de poder que dita o que corresponde a uma cultura legítima e ilegítima pela riqueza que detém, uma forma de se distanciar das expressões culturais corriqueiras e ordinárias

pelo capital que dispõe. No aspecto econômico corresponde ao fluxo de rendimentos, de recursos e bens. Da mesma forma, o capital cultural corresponde a um tipo de posse, relacionada aos bens, atividades culturais, assim como interesses, gostos e informações.

Os poderes sociais fundamentais são: em primeiro lugar o capital econômico, em suas diversas formas; em segundo lugar o capital cultural, ou melhor, o capital informacional também em suas diversas formas; em terceiro lugar, duas formas de capital que estão altamente correlacionadas: o capital social, que consiste de recursos baseados em contatos e participação em grupos e o capital simbólico que é a forma que os diferentes tipos de capital toma uma vez percebidos e reconhecidos como legítimos (BOURDIEU, P. 1987. p.04).

Portanto, aqui a cultura é apresentada como uma outra forma de poder, e a relevância da cultura na obra de Bourdieu está diretamente associada aos processos e efeitos de dominação, já que o espaço social como já mencionado é um espaço de lutas, por isso a importância das estruturas simbólicas para a execução e manutenção da dominação de um grupo sobre os outros. Gostos, estilos de vida e valores estão presentes quando Pierre discorre sobre a cultura, como uma forma de aprofundar a compreensão e distinção não apenas econômica do lugar ocupado por cada classe.

De acordo com Bernard Lahire, a transmissão do capital cultural não ocorre de forma automática, por meio de uma transferência inevitável entre quem transmite e quem recebe. Da mesma forma que não há uma padronização e uniformidade na transmissão e recepção, não existem garantias de que a internalização ocorrerá, tampouco de maneira linear. Para o teórico, as pessoas são diferentes, compreendem e internalizam de maneira peculiar e distintas entre si. “O ator plural pode ativar esquemas de ação (disposições...) diferentes e, mesmo, por vezes, contraditórios em contextos sociais diferentes” (LAHIRE, 2001, p. 128).

O habitus funciona como princípio gerador de hábitos sociais, desenvolvendo signos. É uma lógica ligada a simbologia que depende de elementos culturais que tenham acesso, componentes desenvolvidos socialmente, não sendo inato e que influencia o modo de pensar, agir, vestir e pensar. Os compositores de rap/hip-hop, integrantes e seguidores possuem sua visão de mundo, seus próprios signos, se reconhecem, são aceitos e cada pessoa possui um repertório formado a partir de experiências que determinam as escolhas. É um sistema de disposições que interferem nas formas de percepção do mundo social no aspecto psicológico e nas preferências consideradas “naturais”. Logo, a ideia de liberdade de escolha não se sustenta porque a trajetória e circunstâncias da vida modelam as escolhas que estão circunscritas a um determinado habitus, ou seja, diferentes vivências geram diferentes habitus.

(...) agentes que ocupam posições vizinhas nesse espaço (...) estão sujeitos aos mesmos fatores condicionantes; conseqüentemente eles têm toda a chance de desenvolver as mesmas disposições e interesses e de produzir as mesmas práticas e representações. Aqueles que ocupam posições semelhantes têm toda a chance de desenvolver o mesmo habitus ... " (BOURDIEU, P. 1987. p. 05).

Algumas das especificidades de uma classe social, como o gosto musical (relacionado ao presente trabalho) é visto de forma subalterna e negativo se a referência for as camadas sociais superiores, média e alta. A Música Popular Brasileira e a Música Clássica são legitimadas socialmente, por se configurarem em uma espécie de estética superior, da mesma forma que o Hip-Hop, Rap e Funk representam um padrão estético ruim. A repressão de manifestações culturais de origem periférica e negra datam do início da história no país, de

modo que a resistência e crítica presente nas letras são uma resposta contra classificações e hierarquizações. São gêneros musicais majoritariamente associados à criminalidade, uso de drogas, violência e vulgaridade. "não há nada tão poderoso quanto o gosto musical para classificar os indivíduos e por onde somos infalivelmente classificados". (BOURDIEU, p. 1979. p.17). Mais um participante do evento, Moisés (35 anos), menciona:

Tem muita coisa para melhorar ainda, para evoluir tanto em Queimados como no mundo todo mesmo. Aos poucos o Hip-hop, o trabalho do Romildo está crescendo, chegando nas escolas, recebendo financiamento, né? Vai demorar pra entenderem que rap não é só Drake e Eminem, mas sou otimista e faço minha parte para que saibam disso (sic).

3.4. Um Pouco Sobre Bernard Lahire na Compreensão do Homem Plural

Nascido em 1953, o francês Bernard Lahire, é sociólogo e estudioso que trabalha nas áreas da sociologia, da educação e da cultura. Professor de sociologia da Université Lumière de Lyon (1986-2000), e posteriormente da École Normale Supérieure de Lyon (2001 - atual) seus escritos dialogam sistematicamente com as noções de Pierre Bourdieu. A obra *O Homem Plural*, de 1998, traz críticas ao pensamento bourdieusiana, especialmente na teoria da prática e nos conceitos de campo social e de habitus, Lahire aproxima a sociologia de uma proposta programática no nível individual. No espaço empírico, o modo como o indivíduo introjeta elementos do campo social não é explorado em toda sua complexidade nos estudos de Bourdieu, resultando generalizações que impactam no modo como os agentes são percebidos na perspectiva empírica. Logo, pode haver o reducionismo na apreensão dos fenômenos.

A sociologia de Bernard considera a subjetividade presente no modo de vida dos sujeitos sociais e as implicações que acarretam variações individuais que impactam na assimilação desses atores em um contexto social, histórico e político. Aqui, a perspectiva do autor não pode ser caracterizada como generalizada ou individual, a ênfase está no pluralismo em função das multiplicidades e heterogeneidades de sujeitos. Ainda que compartilhem da cultura Hip-hop, os pioneiros entrevistados e os adolescentes também entrevistados se apropriam de forma específica e singular, da mesma forma que se expressam de forma subjetiva apesar de serem integrantes de um mesmo "grupo". Não há um "selo identidade Hip-hop" que caracterize todos os integrantes como seres iguais, de modo que a cultura e as formas de ser se coloquem da mesma maneira. Na obra de Lahire, o homem plural, a ideia principal é discutir a sociologia sem generalizações, reducionismos e possíveis homogeneizações no âmbito social, sua perspectiva não envolve uma compreensão unilateral de mundo, assim como um único princípio de todas as práticas. Sua sociologia parte do geral para particular por estar ligado à psicologia, aos processos mentais circunscritos ao sujeito individual.

(...) O social existe no seu estado individualizado, incorporado, "dobrado", assim como no seu estado coletivo, objetivado, "desdobrado". É, pois, preferível falar em sociologia à escala individual, de sociologia de patrimônios individuais de disposições e de competências (do social no seu estado incorporado) e de sociologia das variações inter e interindividuais dos comportamentos.

(Trecho de uma entrevista feita com Bernard Lahire em 2012).

3.5. Os Estudos Culturais como Benesses na Ampliação do Popular, Simbólico e Territorial na Música, Estilo e Grupo

Como campo de estudo e pesquisa, os Estudos Culturais originam-se a partir de 1964, com a criação da Universidade de Birmingham do Center of Contemporary Cultural Studies (CCCS), tendo como referência o professor Richard Hoggart (1918-2014), acadêmico no campo da sociologia, literatura inglesa e estudos culturais, suas produções destacam a cultura popular britânica. A gênese desses estudos localiza-se na Inglaterra, após a guerra e apresenta como característica a produção de intelectuais que por meio de uma análise cultural procuram problematizar as compreensões do que até então era classificado como cultura. A relação da cultura na contemporaneidade com a sociedade é objeto de investigação. As problematizações situam-se nas formas e práticas culturais, assim como as implicações sociais oriundas dessas relações. Desse modo, o conceito de cultura atinge novas dimensões, transcendendo seu entendimento como um campo hierárquico que segrega e categoriza as produções culturais que possuem valor erudito das demais formas de cultura.

A rápida ascensão dos Estudos Culturais deve-se ao fato de que a intenção era estudar aspectos da cultura das sociedades, tornando-a prática central; a cultura seria então o resultado das interações existentes no social. O aparecimento dos Estudos Culturais possibilitou a proliferação de pesquisas até então reprimidas, pela ausência do método adequado. (CARACRISTI, 2003, p.86).

A cultura popular passa a ser objeto de estudo, como meio de compreender o contexto em que a mesma floresce, território de conflitos e questionamentos. Maneira pela qual os intelectuais buscam compreender a relação entre as classes, e como os grupos desprivilegiados são capazes de produzir cultura, assim como a classe social consolidada como erudita. Durante anos as noções de cultura estavam restritas a uma perspectiva dominante, e o que estava circunscrito à sua definição eram obras (de arte ou literárias), autores e artistas legitimados, pertencentes a uma elite. Gradativamente, essa restrita perspectiva expandiu-se, para conceitos mais amplos, que abarcam diferentes áreas de conhecimento.

Em suas teorias econômicas e sociais, o filósofo Karl Marx (1818-1883) não aborda a cultura como um campo conceitual autônomo, visto que suas produções são voltadas para o materialismo. Segundo o autor, a cultura é uma espécie de efeito aos fenômenos de base econômica e do antagonismo entre as classes. Logo, a cultura está sob o domínio da relação assimétrica entre as classes e ao que se desenrola na superestrutura. Em contrapartida, o jornalista, crítico literário, político italiano e filósofo marxista Antonio Gramsci (1891-1937) apreende o conceito de cultura de forma ampliada, sem restringir-se ao aspecto econômico. Para o autor, a cultura representa um “modo de viver, de pensar e de operar” (GRAMSCI, 1999, p. 258). O campo cultural envolve disputas políticas, tomada de consciência e busca por hegemonia na sociedade de classes. Ou seja, “não pode existir quantidade sem qualidade e qualidade sem quantidade (economia sem cultura, atividade prática sem inteligência e viceversa)” (GRAMSCI, 1999, p. 408).

São Estudos dedicados ao operariado, e aos demais grupos com expressões marginalizadas e negligenciadas por não serem vislumbradas com relevância equivalente ao modelo dominante. O vocábulo “cultura popular” está associado ao que se contrapõe ao que é tido como erudito e hegemônico (preceitos inacessíveis às pessoas simples), são valores, costumes, práticas e comportamentos vindos do povo, sem estar alicerçado em uma longínqua intelectualidade, distante da realidade da maior parcela da população.

Ainda que a relação entre as classes se sobressaia em detrimento de outras formas de diálogo possíveis, é preciso estar atento ao reducionismo da expressão. Para Stuart Hall, a definição de cultura popular envolve atribuições de valor e: “vai além, insistindo que o essencial em uma definição de cultura popular são as relações que colocam a ‘cultura popular’ em uma tensão contínua (de relacionamento, influência e antagonismo) com a cultura dominante” (HALL, 2003, p.255). De acordo com o autor, aqui, a cultura assume posição de relevância no campo social, enriquecendo as discussões nas Ciências Humanas e Sociais embora não seja fruto de modificações gradativas que respeitem uma sequência linear ao partir do anterior e restrito modo como a cultura era vista para novas concepções:

Ao invés disso, o que se percebe é um desenvolvimento desordenado, porém irregular. O que importa são as rupturas significativas – em que velhas correntes de pensamento são rompidas, velas constelações deslocadas, e elementos novos e velhos são reagrupados ao redor de uma nova gama de premissas e temas (HALL, 2003, p.131).

No texto "Estudos Culturais: dois paradigmas" o teórico ainda discorre sobre correntes de pensamento e problematiza questões. A ruptura mencionada a priori aponta para um alargamento no modo como a classe intelectual compreende a relação entre o conhecimento e as condições de produção, onde se configura um complexo campo investigativo. Para Stuart, o culturalismo e o estruturalismo são paradigmas que representam diferentes óticas, e que direcionam a maneira como o objeto é percebido, o que possibilita a elaboração de novos princípios e referências. “Mudanças em uma problemática transformam significativamente a natureza das questões propostas, as formas como são propostas e a maneira como podem ser adequadamente respondidas” (HALL, 2003, p. 131).

De acordo com o culturalismo, a experiência comum, o ordinário se destaca. A reflexão entre sociedade e modo como a mesma compreende a atribui sentido às próprias experiências torna a reflexão sobre o campo cultural mais complexa ampliando suas arestas contrastando-se ao conceito de cultura classificada como erudita até então. O objeto de estudo são os processos inerentes aos modos de vida na sociedade, suas práticas, ideias, valores, ações que são vividos e experimentados A inter-relação desses elementos simboliza a cultura.

O paradigma inicial que guiou os fundadores do Centro de Estudos de Cultura Contemporânea - Raymond Williams, E. P. Thompson e Richard Hoggard - Stuart Hall denomina de “culturalista”, em virtude do foco dirigido para o nível experiencial, ou seja, para a interpretação do modo como as estruturas são vividas, e a concepção de que nenhum modo de produção ou cultura dominante pode impedir a criatividade na vida (MARTINS; SERVIO, 2018 p. 04).

Em contrapartida, para o estruturalismo, o macrocosmo cultural não pode ser compreendido a partir da experiência, pois não constitui base para o entendimento de campo. O que é vivido e experimentado parte de categorias pré-definidas, referenciais linguísticos já delineados de acordo com cada cultura, como se o modo de vida, e a maneira como os sujeitos se colocam, fosse reflexo das relações que ocorrem no interior das superestruturas (Ideologia, Estado, Leis, Instituições jurídicas, Política. O estruturalismo é um território teórico que tem como referência o antropólogo e filósofo Claude Lévi-Strauss (1908 – 2009).

A linguagem, em uma perspectiva estruturalista, representa a relação dos vocábulos com o mundo, que se estabelece por operações derivadas de vinculações estruturais. Reconhecer e ser reconhecido está diretamente relacionado aos signos compartilhados por esses sujeitos. Aqui, a dimensão social permite que a língua opere, forneça lógica às regras e

convenções. Logo, a conexão entre significado e significante transcende o campo do idioma e do conceito da palavra, uma vez que a língua não é dada, é fruto de uma construção onde os elementos linguísticos fazem parte de uma estrutura onde há poder, dominação e subordinação.

Os Estudos Culturais contribuíram significativamente para compreensão do campo cultural na contemporaneidade, gerando modificações no modo como as massas são vistas. Uma geração de intelectuais marxistas que objetivava conciliar uma proposta intelectual com uma intervenção política na vertente social e ligados ao surgimento da primeira Nova Esquerda Britânica (*New Left*), produziram reflexões que corporificam os Estudos Culturais como campo de estudo.

A música é uma das formas de expressão da cultura popular que exerce uma importante função na construção de identidades modernas. Ela desempenha um papel político e social ao abordar processos históricos e sociais, trazendo a especificidade do espaço e tempo. Além disso, a música na cultura brasileira é fundamental para expressar um ponto de vista, uma identidade, a partir de uma representação artística. As canções na ditadura civil militar criticavam o regime autoritário, eram recheadas de simbolismos e metáforas que buscavam mostrar seu descontentamento com o período que o Brasil vivia. A música Hip-hop segue o mesmo raciocínio: por meio da arte deixa explícita sua visão sobre diferentes aspectos da vida em sociedade: violência, desigualdade social, luta de classes e pobreza, por exemplo. É uma expressão popular que como o próprio nome diz pertence ao povo e é feito por ele, há propriedade sobre o que é dito e criticado e um dos objetivos é mostrar que a classe “popular” é consciente, compreende a complexidade que é viver em uma sociedade capitalista, racista, preconceituosa das mais diversas formas e também desigual. Aqui, há a tomada de consciência sobre a “razão das coisas” e qual é o lugar de cada um nesse contexto.

3.6. Edward P. Thompson e Cultura a partir da Experiência dos Sujeitos do HipHop

Historiador britânico, Edward Palmer Thompson (1924-1993), nascido e criado no meio religioso, esteve em constante contato com a diversidade cultural, e com a classe operária, visto que seu pai esteve durante em anos em uma colônia inglesa fazendo uma espécie de “trabalho missionário”. Durante a segunda guerra mundial, fez parte da resistência e oposição à ditadura fascista italiana, comandada por Benito Mussoline. Aderiu ao partido comunista britânico, todavia, posteriormente passou a considerar o partido conivente com os absurdos cometidos por Stalin e afastou-se em 1956. 10 anos antes, em 1946 formou um grupo de estudo sobre marxismo com intelectuais como: Eric Hobsbawm e Perry Anderson. Foi professor universitário na Inglaterra e nos Estados Unidos da América. Uma de suas mais famosas foi: *A Formação da Classe Operária (1963)*; traz uma narrativa em que as classes subalternas são “resgatadas” do distanciamento ao qual encontravam-se para serem vistos como sujeitos ativos na história.

Não é ocioso lembrar que noções tão frequentadas pela historiografia mais recente, tais como tempos e espaços sociais, disciplina e controle, costumes/hábitos, ritos, sociabilidades, histórias de vida, inovação, entre outros, foram objeto das preocupações de Thompson desde os anos 50 do século XX pelo menos, justamente na tentativa de conferir aos marginalizados pela história oficial o seu lugar na construção da história (OLIVEIRA, 2008, p.02).

O teórico rompe com o princípio marxista de que a sociedade estava dividida em infraestrutura e superestrutura. Para entender melhor a sociedade capitalista, Karl Marx constatou que há uma divisão entre o que de certa forma é corporificado, materializado e o que é impalpável. Sob esta ótica, a infraestrutura corresponde a matéria-prima, aos meios de produção e aos trabalhadores. Nota-se que são elementos circunscritos ao campo econômico e que as relações de trabalho são enfatizadas. Do outro lado, a superestrutura encontra-se a serviço da classe dominante, por meio de estratégias que legitimam os interesses desse grupo. Para Althusser, são os Aparelhos Ideológicos do Estado, formados por instituições específicas, compostas por componentes intangíveis, e ideológicos como: meios de comunicação, escola, religião entre outros.

As vicissitudes do sistema econômico capitalista na contemporaneidade podem ser entendidas a partir da dimensão cultural, pois independente das estruturas já mencionadas, a ação humana para Thompson é essencial para que se compreenda a história, opondo-se ao determinismo de outras correntes de pensamento. Logo, o conceito de classe não está atrelado exclusivamente ao capital, e sim aos condicionantes sociais que são frutos das ações do homem. A relação entre classes ocorre no território em que existe uma vida baseada na materialidade, nas relações que os sujeitos estabelecem entre si, entre si e a natureza e por meio do trabalho. Essas partes são vistas como um todo para que se compreenda a sociedade. Pela experiência, homens e mulheres estabelecem de maneira dinâmica suas práticas e pensamentos.

Como instrumento que possibilita o acesso à realidade social, a cultura abarca trocas e conflitos em diferentes esferas, seja no território físico ou simbólico. A historicidade pode ser compreendida pela relação que os homens estabelecem entre si e com a natureza, através do trabalho. Ao vincular experiência e cultura, Edward Thompson assimilou que tanto no campo social quanto laboral, os sujeitos vivenciam experiências que possibilitam a construção de valores e ideias.

As noções de classe não se restringem ao campo econômico, expandindo-se para a formação de uma cultura, resultado direto de experiências de homens concretos, racionais e que refletem sobre o que acontece ao seu redor. A relevância presente na historicidade está em evitar a simplificação de processos sociais ao considerar a dimensão cultural.

Pela experiência os homens se tornam sujeitos, experimentam situações e relações produtivas como necessidades e interesses, como antagonismos. Eles tratam essa experiência em sua consciência e cultura e não apenas a introjetam. Ela não tem um caráter só acumulativo. Ela é fundamentalmente qualitativa (THOMPSON, 1981, p.99).

Os agentes sociais restritos ao grupo “Batidas e Rimas” podem ser vistos como representantes de uma classe, na medida em que é um coletivo unido por concepções culturais e sociais que se constitui pela diferenciação de si com os demais grupos, distinguindo-se de outras classes, embora todas estejam sujeitas ao tempo e possibilidades que o mesmo pode suscitar. Se no materialismo histórico de Marx e Engels as condições materiais (associado aos meios de produção, aspecto econômico em uma sociedade capitalista) moldam e são determinantes para a tomada de consciência do sujeito social, Thompson acredita que as condições materiais construídas ao longo da história não se resumem ao campo financeiro. Os eventos culturais e sociais não secundários, ou apenas um reflexo da situação econômica. “(...) é de grande importância lembrar que os fenômenos sociais e culturais não correm atrás do

econômico após longa demora; estão na sua origem, imersos no mesmo nexos relacional” (THOMPSON, 1998, p. 99).

De acordo com o teórico, a realidade social se apresenta como parte de um processo histórico dinâmico onde as classes não são passivas e estáticas. Nesse sentido, os jovens integrados ao Batidas e Rimas são agentes ativos, que vivenciam experiências em um contexto social específico e respondem a essa dialética de modo particular. A consciência, a apropriação e identificação com determinada cultura e identidade não são dadas, e sim construídas historicamente.

3.7. A Cultura e Sociedade em debate na formação social das identidades e circularidades da cultura

Referência quando fala em estudos culturais, Raymond Williams nasceu em 1921, no País de Gales, localizado no sudoeste da Grã-Bretanha. Integrante do movimento *New Left* (nova esquerda) revista acadêmica política fundada em 1960 no Reino Unido. Assim, realizou uma espécie de adequação da teoria marxista que centraliza seus esforços na análise do sistema capitalista e suas implicações na sociedade, para a inclusão de uma análise cultural que salienta as implicações da experiência e da subjetividade.

A teoria crítica prática surge de preceitos dos estudos literários ingleses que vislumbravam que a relação que se estabelece com a literatura ocorre entre a pessoa e o texto, sem partir de um contexto e das relações que se estabelecem no mesmo: “A teoria literária não pode ser separada da teoria cultural, embora possa ser distinguida dentro dela” (WILLIAMS, 1979, p.145). De imediato, nota-se que no pensamento do teórico a arte está intimamente relacionada com o âmbito social, e que transformações históricas ocorridas na sociedade são fundamentais para a elaboração de um conceito de cultura. Mudanças no âmbito político, industrial e social acarretaram transformações nas práticas culturais, na literatura e na arte.

Para Williams, a cultura transfigura-se num espaço de dominação, onde as relações entre grupos são assimétricas na qual se reafirma a hegemonia de uma determinada classe. Para a manutenção dessa dominação, há a legitimação dessa superioridade por meio da incorporação e difusão de seus valores e práticas em distintas categorias:

Os processos de educação; os processos de uma formação social muito mais ampla no seio de instituições como a família; as definições práticas e a organização para o trabalho; a tradição seletiva em um plano intelectual e teórico: todas essas forças estão envolvidas no contínuo fazer e refazer de uma cultura dominante eficaz cuja realidade, como algo vivido e construído em nossa vida, delas depende (WILLIAMS, 2011, p. 54).

O gênero musical de destaque do coletivo que é objeto de estudo, *Batidas e Rimas* é o *rap* e o hip-hop. Recentemente, um projeto de lei objetiva criminalizar o *Rap* e o funk. O Projeto de Lei 5194/2019, “altera o artigo 287 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940, transformando seu atual parágrafo único em parágrafo primeiro, para especificando como crime qualquer estilo musical que contenha expressões pejorativas ou ofensivas. A ideia é criminalizar estilos musicais que “incentivam de qualquer forma a propagação de crimes ou situações vexatórias”, incluindo letras que estimulem o uso e o tráfico de drogas e armas, a prática de pornografia, pedofilia ou estupro, ofensas à imagem da mulher e ódio à polícia.

Caso seja aprovada, a lei não atingirá músicas específicas, e sim todo o gênero musical, que será visto de maneira pejorativa e ofensiva. Paralelamente, músicas de gêneros musicais legitimados, pertencentes à cultura dominante e que fazem apologias equivalentes não sofrem represálias e retaliações, pois há autonomia neste campo artístico assim como a legitimação tanto do artista quanto da obra. “A cultura popular é um dos locais onde a luta a favor ou contra a cultura dos poderosos é engajada (...). É a arena do consentimento e da resistência” (Hall, 2009, p. 246).

Quando se fala em produção/expressão cultural, existe categorização da cultura popular ainda em posição antagônica a cultura erudita, dominante e hegemônica conceituada de acordo com uma análise estética que entende cultura como um privilégio restrito. Logo, o meio, a cultura em complexidades e em seus atravessamentos interferem sobre como se estrutura a identidade, que é um processo psicológico, assim como social e biológico. A cultura é para todos, uma vez que todas as sociedades humanas possuem, todavia, é subjetivo e particular o modo como a experiência humana em determinado meio e contexto, as relações sujeito-mundos contribuem para a construção da identidade.

Jovem Aprendiz

*Brasileiros armas e bebidas russas no plantão
Os meno vira barbeiro ou camelô pelos vagão
Farmacêutico da esquina sem curso de formação
Jovem aprendiz do crime cursado na facção
Despertador de morador é bala
Todo dia a Polícia mata um
Nunca subiram pela madrugada
Na barricada vai ouvir pá-tum
Se a Polícia sobe com cesta básica
Com certeza não vai morrer nenhum Mas
eles querem trocação de bala
Sempre fodem mais um preto comum
Ultimamente eu tô vendo mulheres de classe média querendo engravidar
Acostumado com minas do ensino médio com 14 querendo abortar
Ignorado por vários "amigos" quando nós mandava o som pra divulgar Quando
virar vão dizer que foi sorte, toca essa só pra contrariar.*

Artista: Dipaul4

4. CAPÍTULO III

4. ENTENDENDO E CONTEXTUALIZANDO O CONCEITO

DE IDENTIDADE

Conceituar o termo identidade não se mostra uma tarefa fácil, ainda que a expressão esteja presente no cotidiano, a começar pelo nascimento onde um registro e número diferencia o novo ser humano dos demais. O Registro Geral (RG) documento de identificação que contém a Impressão Dactiloscópica do indivíduo, conhecidas como impressões digitais, é um registro emitido por um órgão público que diferencia e caracteriza cada cidadão. No ramo empresarial, organizações e até mesmo propostas de marketing procuram imprimir uma identidade para serem reconhecidas e vistas por seu caráter particular, fruto de características únicas.

Como já foi visto, a cultura é resultante de condições ambientais, conexões históricas assim como fatores psicológicos, logo, essa forma de organização social não compartilha do mesmo ponto de partida já que elementos tangíveis e intangíveis como costumes, valores, normas, comportamentos, formas de religiosidade se difundem de uma em diferentes áreas de distintas formas. Arelado à cultura, a identidade e sua construção são atravessadas por essas diferenças, que impactam na maneira como o sujeito se percebe e na tomada de consciência da diferença existente entre si e os outros.

O que diferencia e concomitantemente caracteriza e individualiza, geram processos identificatórios que influenciam os modos de ser, agir, pensar e se colocar no mundo. Os indivíduos pertencentes a um movimento, ou grupo compartilham das particularidades mencionadas, logo, fica nítida a relação entre identidade, subjetividade e como ambas caminham juntas.

Conhecidos também como identitários, os movimentos coletivos giram em torno de uma linguagem, de símbolos e códigos próprios que possibilitam identificações que fazem parte do que seus integrantes são. Gênero, orientação sexual, etnia, e classe exemplificam movimentos que contestam a realidade, mas de maneira coordenada em busca de mudança na sociedade. Um dos movimentos políticos pioneiros são os da comunidade operária, objeto de estudo do teórico Karl Marx. Para o autor, os movimentos estavam diretamente associados aos sindicatos de trabalhadores e à luta de classes. A teoria Marxista focaliza a relação entre o trabalho e o capital que gera conflito, exploração e conseqüentemente desigualdade social. A problemática em torno da divisão de posições é adotada para entender seus agentes, seus interesses e o que impulsiona suas ações (GOHN, 2007).

A partir de 1970 distintas problemáticas passaram a ser inseridas, deslocando a ênfase do aspecto político para a sociedade civil (SCHERER-WARREN, 1996). Os sindicatos gradativamente perderam espaço para os movimentos do bairro que se tornaram lugar de *política*. Ao longo dos anos, alguns movimentos sofreram alterações ou deram espaço para outros em função dos agentes envolvidos, especialmente em conformidade com a dinâmica existente nos processos sociais e na que está presente na relação sujeito-mundo. O Batidas e Rimas e o Enraizados são exemplos de um movimento, um coletivo que teve início no bairro, na rua entre os moradores de determinada comunidade. Nos dois casos, percebeu-se a necessidade assim como o desejo de mudança, e um dos pontos centrais é refletir e assumir uma postura crítica sobre questões sociais que possuem grande impacto na vida desses sujeitos.

4.1. A Psicologia e sua Vertente Sócio-Histórica na Compreensão Identitária

Ainda que todo ser humano compartilhe uma série de características, como a presença de material genético e celular, a diferença que se faz presente entre os sujeitos, transcende o campo biológico e fisiológico, ao atingir o que é incorpóreo e próprio de cada sujeito, como o interpretar, o agir, e o se comportar. Para a psicologia, área do conhecimento que se debruça sobre a compreensão de processos na esfera biológica, social, e que utiliza da ciência oriunda do empirismo no estudo dos processos mentais e do comportamento humano, o termo subjetividade, muito usado atualmente explicita o que é singular, particular, que diferencia um indivíduo de outro. Todavia, antes de mergulhar no campo da subjetividade, é importante fazer algumas considerações sobre a psicologia e sua consolidação como campo de conhecimento.

Para muitos estudiosos, a psicologia se constituiu como um campo de saber próprio no século XIX, mas suas inquietações e questionamentos sobre a psique⁷ humana já estavam presentes desde os filósofos da antiguidade. Os primeiros passos dados pela psicologia foram dados a partir da filosofia com o intuito de compreender ações, comportamentos e impulsos dos seres humanos. A psicologia passou a ser objeto de reflexão epistemológica e a ser ciência em 1879, no primeiro laboratório de Psicologia, localizado na Alemanha e coordenado por Wilhelm Wundt (1832- 1920), conhecido como o “pai da psicologia experimental”. A concepção de psicologia muito comum naquele período tratava a mente como se fosse uma entidade espiritual ou material, e o teórico rompe justamente com essa visão ao propor uma psicologia de base empírica e científica, a partir da experiência e da interpretação dos processos psíquicos tendo como base outros processos psíquicos. Na psicologia wundtiana, só existe o que é dado na experimentação que não é compreendida de forma autônoma, mas interligada e atravessada por outros processos. (WUNDT, 1911).

Logo, pode-se concluir que inicialmente o objeto da psicologia era o indivíduo encerrado em si mesmo pelo reconhecimento de uma instância individual, do homem na sociedade e não com o indivíduo sujeito da história, essa perspectiva surge em um outro momento. As inquietações e perturbações do sujeito são de sua responsabilidade, e procura-se um “ajustamento” para a vida em sociedade, a resolução do problema está na pessoa, eximindo o questionamento ou reflexão sobre uma pessoa que vive no coletivo e que atravessado por aspectos sociais. A partir do laboratório experimental, a psicologia foi se desenvolvendo, sendo construída à medida que o sujeito vai construindo a si e ao seu mundo. “Todas as abordagens se constituíram como esforços para que a ciência psicológica pudesse dar conta de compreender o homem e seu contato com o mundo real” (BOCK, 2004, p. 16).

Como campo investigativo para a compreensão da mente humana, diferentes perspectivas ajudam a entender a complexidade do indivíduo assim como eventos vivenciados por ele, considerando fatores biológicos, psicológicos e sociais que impactam as relações interpessoais e com o mundo. Ainda que todo ser humano compartilhe uma série de características, como a presença de material genético e celular, a diferença também se faz presente entre os sujeitos ao atingir o que é incorpóreo e próprio de cada sujeito, como o interpretar, o agir, e o se comportar.

Assim, os humanos passaram a ter necessidade de construir uma ciência que estudasse e produzisse visibilidade para a experiência subjetiva. Surge assim a psicologia. A

⁷ Deriva-se da palavra grega *psiquê* que significa alma

psicologia é produto das dúvidas do homem moderno, esse humano que se valorizou enquanto indivíduo e que se constituiu como sujeito capaz de se responsabilizar e escolher o seu destino (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2011, p. 40).

Com essa constatação, diferentes abordagens teóricas e perspectivas conceituais procuram compreender o ser em sua individualidade e desta forma surgem as 3 grandes forças da psicologia: psicanálise, behaviorismo/comportamental e a humanista-existencial. Cada uma tem suas abordagens clínicas, assim como visão de ser humano. A abordagem teórica psicanalítica parte do inconsciente e consciente, e dispõe de grandes pesquisadores: Sigmund Freud (1856-1939) e Jacques Lacan (1901-1981).

A psicologia comportamental surge a partir dos estudos de John B. Watson (1878-1958), psicólogo americano, que direciona seu olhar para o comportamento, o que é possível ver. Suas pesquisas em laboratório sobre condicionamento operante consistem em análises da observação de fatos práticos, do que é observável. No campo da segunda onda, houve uma amplificação do conceito que liga psicologia e o comportamento, que recebeu o nome de Terapia Cognitivo Comportamental (TCC).

Watson também defendia uma perspectiva funcionalista para a psicologia, isto é, o comportamento deveria ser estudado como função de certas variáveis do meio. Certos estímulos levam o organismo a dar determinadas respostas e isso ocorre porque os organismos ajustam aos seus ambientes por meio de equipamentos hereditários e pela formação de hábitos (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2011, p. 58).

A óptica Cognitiva Comportamental que possui como pioneiro o psiquiatra Aaron Beck (1921 – atual) e outros teóricos como Judith Beck (1954- atual) consiste em uma união entre a terapia cognitiva e a terapia comportamental. É um tipo de psicoterapia em que o foco está no modo como a pessoa compreende as informações que podem gerar sofrimento, ou seja, entende que cognições, percepções (pensamentos) e crenças influenciam diretamente o comportamento (Bandura, 1969). “A teoria social cognitiva é facilmente indicada para aplicações sociais, pois especifica determinantes modificáveis e a maneira como estes devem ser estruturados, com base nos mecanismos pelos quais operam” (BANDURA, 2005, p. 18).

Como terceira onda, a Gestalt-Terapia deriva da fenomenologia, e o termo “*gestalt*”, de origem alemã, significa forma ou configuração. Teóricos existencialistas como Heidegger, Jean-Paul Sartre foram importantes no processo de sua consolidação como campo de conhecimento, pois sua fundamentação está baseada em três pilares: a Fenomenologia, o Humanismo, e o Existencialismo. “O existencialismo baseia-se no método fenomenológico. Fenomenólogos existenciais focam a experiência da pessoa, as relações interpessoais, as alegrias e os sofrimentos assim como são diretamente experiências” (BOCK, 2004, p. 17).

Criada pelo alemão Friedrich S. Perls (1893-1970), consiste em uma psicoterapia existencial fenomenológica com foco no aqui e agora, e com a noção de que o organismo é central, como um todo, desde o funcionamento orgânico até a participação desse organismo em seu meio para criar um campo único de atividades. As abordagens acima mencionadas, embora majoritariamente associadas ao contexto clínico não se limita ao consultório ou encontros semanais. De fato, a psicoterapia foi arraigada ao longo do tempo como prática psicológica, e a psicologia clínica desfruta de maior prestígio, o que diminui o status social de outras práticas da Psicologia.

Em uma destas práticas e áreas de pesquisa encontra-se a psicologia social, que direciona seu olhar para os processos socioculturais e para o sujeito como parte ativa e integrante desses elementos interligados. A relação do indivíduo com seus semelhantes e com a sociedade é o foco de investigação que transcende a Psicologia Social, ramificando-se para psicologia social crítica e psicologia social histórico-crítica. “A interação social, a interdependência entre os indivíduos, o comportamento dos indivíduos a partir de um lugar social, o encontro social são os objetos investigados por essa teoria” (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2011, p. 177).

A psicologia social mostra-se como um âmbito em que a psicologia e a sociologia convergem entre si, as teorias, os conceitos oriundos da própria psicologia e da sociologia se atravessam. Nota-se uma preocupação e interesse de estudiosos com fenômenos sociais e políticos em sua dimensão subjetiva, o que permite e impulsiona a produção de conhecimentos e diálogo entre distintos saberes, com destaque nos aspectos psicológicos e sociais.

O surgimento da psicologia social é marcado por eventos de grande relevância no século XIX, como a expansão, consolidação e crise do capitalismo. Defendia-se o foco no sujeito e os estudos deveriam concentrar-se nos estímulos e na influência do meio social. (FERREIRA, 2010). Tornou-se importante e necessário entender o comportamento das pessoas no coletivo. Desde o nascimento, as condições históricas, a família nuclear e extensa, as ocupações, a cultura do grupo em que está inserido configuram influências históricas e sociais. Se na aprendizagem o reforço funciona como um incentivo para repetição e também modelagem, o meio, a história do coletivo onde aquela pessoa está inserida, irá determinar o que funciona como reforço⁸ ou punição⁸ (LANE, 1999).

Se debruçar sobre a psicologia social implica procurar apreender sobre o modo como os indivíduos se organizam, se relacionam, assim como seus valores e costumes. Uma inquietação é entender a pessoa no processo histórico, o modo como age sobre um mundo que não é estático e como transforma a sociedade e faz história. Em um primeiro momento, as teorias a respeito da psicologia social vislumbravam a separação entre indivíduo-sociedade, todavia, um segundo bloco de teorias critica a separação presente na primeira, por ver indivíduo e sociedade como partes de um mesmo processo. A psicologia social vai se desenvolver a partir de duas perspectivas: social e psicológica. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2011)

Entender o comportamento das pessoas que se encontravam inseridas em grandes grupos, em massas era uma grande preocupação. A psicologia dos povos, por exemplo, busca determinar características mentais e morais dos povos. Na obra, Wundt discorre sobre a investigação realizada que examina os diferentes graus de evolução psíquica do homem, indo do primitivo até a complexidade presente nas culturas. Na Alemanha, foi uma forma encontrada para contribuir com a formação da nação (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2011).

O livro Psicologia social: uma resenha e um livro texto, de Edward Ross e a obra Uma introdução à psicologia social, de William McDougall, foram publicadas no início do século XX, no ano de 1908, marcam o uso sistematizado da expressão Psicologia Social.

⁸ Em psicologia, significa a consequência de um comportamento que torna mais provável sua repetição ⁸ Em psicologia, de acordo com Skinner, punição é compreendida como um procedimento que busca tentar eliminar uma conduta/comportamento indesejada ou levar alguém a se portar de determinada maneira.

Mas é o pragmatismo americano que, no século XX (a partir de 1920), vai permitir o grande desenvolvimento da psicologia social. Descolam-se da ideia de psicologia das massas e trazem o pequeno grupo e as relações interpessoais para o lugar de objeto básico da investigação científica nesse campo (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2011, p. 178).

De acordo com Ferreira (2010), as pesquisas direcionadas aos grupos foram pouco a pouco sendo substituídas por análises de indivíduos, com o objetivo de estabelecer uma “generalização”. Por meio de leis universais, a psicologia social passa a se constituir como uma ciência empírica sem considerar os aspectos socioculturais, apenas o lado cognitivo de cada um. Nos anos de 1970, a “crise da Psicologia Social” surge justamente em função de questionamentos e críticas diante do distanciamento de questões sociais importantes para que se compreenda a realidade em que se vive. Para a autora, essa crise contribuiu para a internacionalização da Psicologia Social, partindo da América do Norte para Europa e América do Sul.

Sob uma visão sociológica, o ser humano é um ser sociável pois vive em um meio social, convivendo com outras pessoas e compartilhando experiências. Cada indivíduo nasce e cresce pertencendo a determinado grupo. Mostra-se aqui que a convivência com o outro é fundamental para a sobrevivência humana, para que suas necessidades sejam realizadas. O homem, enquanto ser social, necessita do outro, pois na sociedade cada indivíduo cumpre determinada função, determinados comportamentos são esperados historicamente e legitimados por meio de normas que objetivam a manutenção do grupo (LANE, 1999).

“Política”, de Aristóteles, é um grande clássico da filosofia constituído por 8 livros com uma análise sobre política, governo e sociedade. Segundo o filósofo, a expressão política significa “a ciência da felicidade humana” por estar relacionada aos costumes, modos de viver e entidades sociais. O homem é naturalmente um animal político, uma vez que seu destino é viver em sociedade, logo é elementar compreender a razão pela qual embora compartilhem a vida na natureza, o homem é mais sociável do que os animais: ele detém o dom da palavra (ARISTÓTELES, 2011).

O nascimento de um bebê ocorre em um espaço privado, e o novo ser passa a ser integrante de uma família onde cada membro desempenha seu papel socialmente. Formado por um aglomerado de famílias, o Estado é superior ao indivíduo, pois a coletividade é superior a individualidade, e o bem comum é superior ao bem particular, aquele que não precisa viver em sociedade, não carece de nada a não ser a si próprio é evoluído, uma figura superior e perfeita a ponto de não fazer parte do estado, já que a natureza induz os homens a estabelecerem teias, relações, associações entre si (ARISTÓTELES, 2011).

A primeira teoria consistente sobre grupos foi elaborada por Kurt Lewin, alemão e professor refugiado do nazismo, a partir de 1930 nos Estados Unidos. Entretanto, reflexões sobre o que mantém um grupo coeso e organizado estiveram sob o olhar e análise de Sigmund Freud, que discorreu a respeito em 1921 na obra Psicologia das Massas e a Análise do Eu. Para Freud, não apenas a relação entre pais e filhos, assim como todas as relações podem ser vistas sob a ótica de fenômenos sociais e não apenas psicanalíticos. Ainda, pesquisar e classificar os possíveis modos de formação e organização das massas e dos eventos psíquicos suscitados por ela demandam muita observação. “Portanto, a psicologia de massas trata o ser individual como membro de uma tribo, um povo, uma casta, uma classe, uma instituição, ou como parte

de uma aglomeração que se organiza como massa em determinado momento, para um certo fim” (FREUD, 2011 p. 11).

Os grupos sociais são caracterizados por sua regularidade, pelas relações estabelecidas entre pessoas que compartilham interesses e objetivos em comum. Como dito anteriormente, a família constitui uma forma de organização e representa um grupo social dado que seus integrantes dividem crenças, valores, regras e significações. Os primeiros estudos sobre grupos foram feitos no final do século XIX pela até então conhecida como psicologia das massas, tendo como um de seus principais pesquisadores Gustav Le Bon (1841-1931). Pesquisadores como Le Bon foram de certa maneira influenciados pela Revolução Francesa que mobilizou um expressivo contingente humano em prol de uma causa (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2011).

A obra *Psicologia das Multidões* (1895) de Le Bon faz uma análise sobre a "alma coletiva" e as diferenças individuais. Em um sentido simplista, uma multidão significa o coletivo de pessoas, grande quantidade ou ajuntamento. Na perspectiva psicológica, em circunstâncias específicas, há o desaparecimento da personalidade consciente e o aglomerado de indivíduos assume traços novos, diferentes se comparado a cada pessoa individualmente. Logo, elementos e ideias são conduzidos em uma única direção, com características bem definidas e que se organizam como unidade formando assim a chamada alma coletiva (LE BON, 2019).

Uma multidão psicológica não pode ser compreendida como um grupo de sujeitos reunidos de forma desordenada, sem qualquer fim determinado. Não é sobre pessoas em um mesmo espaço, e sim características especiais compartilhadas. Algumas noções, concepções e até sentimentos emergem apenas em multidão, não individualmente, do mesmo modo que o pensar, sentir e agir se manifestam de forma diferente no âmbito individual e no coletivo, o indivíduo em multidão é dessemelhante do indivíduo isolado. Independentemente dos traços, diferenças e conformidades existentes, uma multidão representa uma alma coletiva.

Na massa, acredita Le Bon, as aquisições próprias dos indivíduos se desvanecem, e com isso desaparece sua particularidade. O inconsciente próprio da raça ressalta, o heterogêneo submerge no homogêneo. Diríamos que a superestrutura psíquica, que se desenvolveu de modo tão diverso nos indivíduos, é desmontada, debilitada (...) (FREUD, 2011 p. 14).

De acordo com Freud, a psicanálise constitui a terceira ferida narcísica da humanidade, pois sua “descoberta” carrega a constatação de que o homem não possui controle sobre sua própria vida psíquica e que há dentro de cada um uma força com leis próprias de funcionamento. Embora seja parte constituinte do ser humano e tenha influência sobre seu corpo e sobre suas ações, ele é simbólico, não tangível. Nota-se que a mente humana possui um lado cognitivo, de raciocínio e de lógica, mas que concomitantemente abriga conteúdos reprimidos que simplesmente desapareceram da consciência. A compreensão sobre essa estrutura psíquica gera impacto sobre estudos a respeito da identidade e do entendimento de como funciona a subjetividade.

Na obra “*A Interpretação dos Sonhos*” de 1900, Freud disserta sobre o aparelho psíquico do ser humano, e o organiza por meio de uma divisão em sistemas ou instâncias interligadas entre si, mas com funções específicas. Conhecido como primeira tópica freudiana, o aparelho psíquico é composto por três estruturas: o inconsciente, o pré-consciente e o consciente. O inconsciente é uma dimensão psíquica ausente do campo da consciência, desejos

insatisfeitos, ideias dolorosas ou até mesmo insuportáveis são banidas, encobertas por censuras internas. O conteúdo reprimido pode ter sido consciente em algum momento, mas ao se tornar inconsciente passa a ser inacessível (FREUD, 1996).

Para Lacan (1901-1981), psicanalista francês que teoriza sobre a psicanálise após Freud, a linguagem possui importante função no desenvolvimento da identidade. Em conjunto com representações simbólicas, a identidade é moldada externamente ao sujeito. “Existe, assim, um contínuo processo de identificação, no qual buscamos criar alguma compreensão sobre nós próprios por meio de sistemas simbólicos e nos identificar com as formas pelas quais somos vistos por outros” (HALL; WOODWARD, 2014 p. 65).

O pré-consciente, popularmente também conhecido como subconsciente, é o sistema em que os conteúdos estão “guardados”, mas acessíveis. Aqui, as informações estão latentes e podem ser acessadas, podem chegar ao consciente, entretanto não permanecem lá. O consciente capta a partir da percepção, dados internos e externos como os relacionados à vida social. É o sistema que concentra pensamentos acessíveis através de uma introspecção e busca o equilíbrio entre as três instâncias (FREUD, 1996).

As características específicas já mencionadas, manifestam-se a partir de determinadas causas, que podem ser divididas em três classes: Primeira é aquela em que a força presente no quantitativo, no fator numérico é o suficiente para que instintos reprimidos individualmente possam vir à tona na multidão. A segunda menciona o contágio mental como causa. Tanto na área da infectologia como na história da medicina, o contágio significa algo ligado à transmissão, ao contaminar e corromper, é uma concepção presente em diversas culturas desde o início da civilização.

A propagação de crenças, ideias e opiniões faz com que o interesse coletivo se sobreponha ao individual. A terceira cita o poder da sugestão. Relacionado ao contágio, a sugestão quando o sujeito se encontra no coletivo pode fazer com que o mesmo assuma uma postura diferente daquela que poderia ter sido tomada por si só. (LE BON, 2019). Para Freud, Gustav não deixa explícito os efeitos e a diferença entre as duas últimas, já que o contágio deve ser também uma manifestação da sugestibilidade. É possível compreender o contágio como algo individual que é passado para os demais membros enquanto as sugestões funcionam de outra maneira.

Constata-se que inibições individuais são abandonadas quando os sujeitos estão inseridos em uma massa, conseqüentemente, alguns instintos destrutivos e/ou brutais são aguçados em busca de satisfação além do aumento de afetividade provocado no indivíduo. Por outro lado, por meio do contágio e sugestão, as massas são capazes de demonstrar atos de grandeza e devoção. São dois lados de uma mesma face, se em uma direção é possível vislumbrar grupos extremistas como o partido nazista, por outro, o hip hop assim como o Batidas e Rimas mostram uma massa, uma alma coletiva com valores, ideais e motivações em torno de algo positivo. “Mas também a alma coletiva é capaz de geniais criações do espírito, como a própria língua demonstra, acima de tudo, e também o canto popular, o folclore etc. (FREUD, 2011 p. 24). O entrevistado Rodrigo (18 anos) aponta:

Eu acho que cultura é tudo o que Romildo e Moska fazem. As geladeiras, o incentivo à leitura, recolher alimentos, tudo isso é a cara do Batidas, é tipo os valores. Me sinto orgulhoso por fazer parte de algo assim e falo para os meus amigos também, sempre chamo eles porque sei que pro movimento crescer precisa ter gente também (sic).

Ao falar em grupos e massas, se deve levar em conta a percepção social, a forma como os membros do coletivo se percebe. Diante da presença do outro, é possível alcançar um conjunto de características que possibilitam formar uma “opinião” a respeito de alguém ou algo ligado a essa pessoa. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2011). Logo, a percepção social está ligada ao modo como se atribui características internas ao outro a partir da observação de ações e comportamentos. Em psicologia, a percepção começa pelos órgãos dos sentidos que recebe o estímulo sensorial, o decodifica para finalmente interpretar e atribuir assim significado.

O processo perceptivo é atravessado por algumas variáveis como a experiência prévia, ou seja, a ideia de que se percebe melhor o que já se conhece previamente, os estereótipos, expectativas, preconceitos e valores, sintetizando alguns elementos culturais, por exemplo. A maneira como se percebe o mundo envolve uma dimensão pessoal e histórica, essas interferências influenciam a forma como a postura e ação do outro é entendida, independente da finalidade dele e de seu real sentido ou significado.

Na interpretação, etapa do processo perceptivo, a comunicação interpessoal, verbal e não verbal, o modo como a mensagem é compartilhada também interfere na compreensão do receptor. “Com isso, nossa percepção é dirigida pela nossa própria história de vida e pela nossa cultura. Vemos, ouvimos, sentimos, degustamos, tocamos de acordo com nossa história de vida e história de nossa cultura” (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2011, p. 156).

Na década de 1970, a psicologia social passa por um processo de mudança, pois surgem críticas quanto ao modo como o conhecimento é produzido. O principal questionamento refere-se ao olhar estreito sobre o fenômeno social, pois a psicologia social vai além da relação e interação entre as pessoas. Se deve ampliar o olhar para a formação da realidade social, para a transformação e construção de um sujeito que age sobre o mundo e que é simultaneamente influenciado por ele. O papel da psicologia social é estabelecer uma ligação, um diálogo entre as partes objetivas e subjetivas pois não são independentes (GONÇALVES, 2001).

Em psicologia muito se fala sobre subjetividade, e a mesma é conhecida por representar um conjunto de percepções, ideias e significados baseados em uma ótica, em um ponto de vista. O que é subjetivo emerge de dentro para fora, é uma forma única, janela exclusiva em que o indivíduo enxerga o que é exterior a si. Essa moldura particular é formada e carregada por marcas singulares oriundas da formação do indivíduo, de suas crenças, valores compartilhados na dimensão cultural que contrasta com a objetividade que centra sua atenção no objeto, sem depender de uma pessoa, ou seja, a validade de um conhecimento ou de uma representação independe do sujeito que lida ou faz uso usa aquele conhecimento.

A psicologia social está aqui compreendida como o estudo, no âmbito da psicologia, dos fenômenos sociais na sua dimensão subjetiva. Interessa a essa área compreender os fenômenos sociais a partir da análise da subjetividade que vai sendo constituída ou modificada no decorrer da atuação e inserção social dos sujeitos e, ao mesmo tempo, vai constituindo os fenômenos (GONÇALVES; BOCK, 2003, p. 41).

O psicólogo cubano Fernando Luis Gonzalez Rey (1945-2019), propõe deprender a respeito da subjetividade sob uma perspectiva histórico-cultural, como um sistema complexo, dinâmico e em permanente modificação. Para Rey, a teoria da subjetividade “se orienta para uma apresentação da subjetividade que em todo o momento se manifesta na dialética entre o momento social e o individual” (2003, p. 240). De acordo com o teórico, a subjetividade ocorre no âmbito individual e social, pois as experiências vivenciadas no coletivo ganham sentido e

significação para o sujeito. Como a subjetividade não é algo dado e estático, a cultura em que se desenvolve o sujeito individual constitui um sistema subjetivo e gerador de subjetividade. Logo, cultura, sujeito e subjetividade estabelecem uma relação de interdependência, onde a ocorrência desta produção subjetiva constitui-se em uma zona mais restrita que abarca singularidades específicas em que há ritos, hábitos e códigos próprios, uma espécie de afunilamento diante das possibilidades que o campo cultural é capaz de proporcionar.

O homem constitui sua subjetividade mediante o processo de apropriação dos conhecimentos construídos historicamente, desenvolvendo, assim, suas funções psicológicas superiores, tais como raciocínio lógico, pensamento abstrato, capacidade de planejamento, entre outras funções. Esse é um aspecto fundamental para o desenvolvimento da subjetividade e está assentado, também, na relação com outros homens (AITA; FACCI, 2011, p.36).

Ainda segundo Rey (2003), duas perspectivas de subjetividades podem ser vislumbradas: a social e a individual. Embora conceituadas separadamente, não são autônomas entre si e compartilham a manifestação no meio social. “Não é possível considerar a subjetividade de um espaço social desvinculado da subjetividade dos indivíduos que a constituem” (MARTINEZ, 2005, p. 20). Enquanto a subjetividade individual se arranja em torno do sujeito em si, de sua personalidade, de seus traços e modos, a subjetividade social abarca além da individual elementos circunscritos ao contexto social, o sentido que é atribuído às experiências, sua significação que se constitui no âmbito social. Assim, o sujeito é gerador e gerado por essa subjetividade social em constante transformação “(...) Não é possível compreender a constituição da subjetividade individual sem considerar a subjetividade dos espaços sociais que contribuem para sua produção” (MARTINEZ, 2005, p. 20).

A atividade humana assim como as relações sociais são peças chave na psicologia social, e a cultura atravessa ambas categorias. Nesta perspectiva, que critica a dicotomia, a separação entre indivíduo e sociedade, a ação humana gera impacto em algumas dimensões: há uma transformação individual e interior (sujeito-sujeito), outra no âmbito coletivo (sujeitooutro) pois as transformações não se limitam ao indivíduo enquanto unidade, mas se expande ao coletivo e ao mundo material (sujeito-mundo) que vai sendo moldado em conformidade com as experiências humanas.

Estamos assim apontando a existência de um âmbito, às vezes pouco percebido, que se refere aos aspectos subjetivos, psicológicos de toda a história social humana. São emoções, sentimentos, pensamentos, sentidos, significados e desejos vividos pelos indivíduos e pelo coletivo, tendo, portanto, existência social e presença nos produtos criados pelos humanos na cultura. ” (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2011, p. 185).

Percebe-se que independente da abordagem teórica ou perspectiva conceitual, distintos fatores interferem no modo como o sujeito se posiciona no mundo, suas ações, gostos, a então chamada subjetividade que faz parte da existência. Seja qual for o prisma explicativo, o Psicanalítico, que parte do inconsciente e consciente, e que dispõe como grandes pesquisadores Sigmund Freud (1856-1939) e Jacques Lacan (1901-1981), seja sob a ótica Cognitiva Comportamental do psiquiatra pioneiro Aaron Beck (1921 – atual) e outros teóricos como Judith Beck (1954- atual) que salientam a importância do meio, o objeto de estudo da psicologia, a busca pela compreensão do ser humano e de seus processos mentais em sua particularidade envolve considerar fatores culturais e ambientais, pois ambos desempenham importante papel na construção de cada pessoa, única em seu modo de pensar, de falar e de agir.

4.2. Psicologia Sócio-Interacionista e o “Batidas e Rimas” em Perspectiva

No presente estudo, o indivíduo, seus pensamentos e ações são vistos a partir da relação que se estabelece com o outro em determinado lugar e tempo. Logo, como já foi visto até aqui, não é possível entender aspectos do ser humano desvinculando-o de uma conjuntura e de suas implicações. A psicologia social, expõe uma concepção sobre o ser e estar no mundo, assim como processos simultâneos e inter-relacionados. Neste panorama, a perspectiva histórica complementa o que já foi mencionado por compreender os processos psicológicos não como dados, mas construídos a partir das experiências constituídas no coletivo. É fruto de um processo histórico onde o meio, a cultura e as relações estabelecidas em determinada sociedade influenciam a maneira como o indivíduo estabelece seu pensamento, e consequentemente o comportamento. A entrevistada Márcia (38 anos) admite:

Eu levo o Batidas no coração, com certeza. Eu sei que a cultura Hip hop é antiga, faz tempo e já aconteceu muita coisa depois desse início, em Queimados é relativamente novo. Eu tenho muito sentimento porque acompanho desde cedo e sei que é feito aqui, não é “importado”, é 100% original e está evoluindo. Cada conquista representa muito para quem realmente conhece e se vê como parte do grupo (sic).

A psicologia sócio-histórica reprova visões reducionistas e certezas existentes no campo da psicologia fundamentando-se no Marxismo e no materialismo histórico. Neste caso, o homem é histórico, e a sociedade fruto das transformações feitas por este homem a partir de uma realidade material. Logo, a subjetividade não é data ou determinada de maneira que o sujeito seja passivo no processo, e sim desenvolvido, construído.

No estudo do universo psíquico como construção histórica e social da humanidade, o psicólogo bielo-russo Lev Vygotski (1896-1934), salienta que o fenômeno psicológico não é propriedade da natureza humana, e sim relacionado ao modo como se atua sobre o mundo transformando-o. Para exemplificar a importância do ambiente e da cultura, não apenas sob a ótica psicológica mas também cognitiva, Vygotsky discorre sobre o processo de aprendizagem, e afirma que o meio é fundamental para o progresso cognitivo. De acordo com o autor, a aquisição da linguagem deixa manifesto que o aprender está intrinsecamente conectado com as relações estabelecidas no ambiente social.

O filme Francês “O Garoto Selvagem” (*L'enfant Sauvage*) conta a história de um menino encontrado na selva e que anda como um bípede e não profere uma palavra sequer. O esforço do educador Jean Marc-Gaspard Itard em adaptar a criança após adoção, não é o suficiente para que a mesma alcance hábitos, pensamentos e comportamentos tidos como “normais”. A privação do contato social, especialmente nas fases iniciais do desenvolvimento foram determinantes para que Victor nunca se encaixasse ao que concerne ao mundo civilizado. Para Lev, elementos e atributos humanos se instituem para além de fatores biológicos, configurando desse modo uma construção de acordo com a história, nomeado assim, como uma Teoria Sócio Interacionista (VYGOTSKY, 1996).

As perspectivas do pensamento ocidental, o liberalismo que busca pela liberdade, pelos direitos individuais, pela proteção da propriedade privada, e a Revolução Burguesa que institui novas ideias, contrastantes com o modelo feudal que vigorava até então modificam a forma como o indivíduo passa a ser visto. Uma sociedade em que a religião era detentora não apenas de poder espiritual como também de terras, influência sobre os modos de pensar e as formas de

comportar, ademais o fato de que o nascimento determinava as posições ocupadas por cada ser, e a falta de um olhar sobre a individualidade passam a ser questionados.

Esse movimento está fundamentado nas necessidades e no desenvolvimento das formas de produção capitalista que se desenvolvem ocupando o lugar das formas medievais. Os humanos passam a ser tomados cada vez mais como indivíduos, isolados e livres (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2011, p. 39).

Agora, aquele mundo fixo e estável concede espaço para um mundo dinâmico, que se movimenta e em que o homem consome e também produz. A concepção do "Eu" além de ser construída gradativamente, é algo moderno e o capitalismo fornece a noção de liberdade para vender sua força de trabalho para fazer escolhas, pensar e viver de forma individual e subjetiva. Na transição do período feudal ao mundo moderno a figura do homem é central, marcada pela razão, vontade e autonomia humanas. Se antes o homem ainda que privado da liberdade possuía referenciais, certezas e segurança, sem essa imagem "autoritária" o sujeito passa a lidar com a dúvida, ausência de respostas, solidão e responsabilidade (SANTI, 1998).

Ao se debruçar sobre a emergência do individualismo depara-se com Georg Simmel (1858-1918) sociólogo alemão que defende a sociedade como resultante das ações dos atores sociais. De acordo com Simmel, há dois tipos de individualismo na história do Ocidente: o quantitativo e o qualitativo dos séculos XVIII e XIX respectivamente. O individualismo quantitativo possui uma aparência econômica, resultado do liberalismo racional de França e Inglaterra é centrada nos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, fundamentando-se em uma universal igualdade onde todos possuem capacidade para desenvolvimento monetário. Aqui, a objetividade da economia monetária facilita a separação da "pessoalidade" das relações, o dinheiro, utilizado como meio para troca de bens acaba igualando as pessoas e afastando a subjetividade, tornando-os indistintos e iguais (SIMMEL, 1977).

Diante da indiferença imposta pelo aspecto econômico, o individualismo qualitativo consiste em, de fato, uma particularidade e singularidade do sujeito, impulsionado pelo romantismo que se alastrou na Europa no século XIX e pelo espírito germânico. Percebe-se uma procura pela compreensão de si, um olhar para a interioridade e valorização das diferenças individuais.

A busca da independência continuou até o ponto em que indivíduos, que haviam se tornado independentes dessa maneira, também queriam distinguir-se uns dos outros. O que importava agora não era mais ser um indivíduo livre como tal, mas ser um indivíduo singular e insubstituível (SIMMEL *apud* FIGUEIRA, 1981, p. 91).

Essas ideias de igualdade e de diferenças individuais no mundo moderno possibilitaram o emergir do fenômeno psicológico, cuja ocorrência se dá no interior de cada ser, contudo, é atravessado por elementos externos, biopsicossociais, ou seja, por dimensões biológicas, psicológicas e sociais de um indivíduo. Logo, a relevância do meio cultural e social apresenta-se. O mundo externo não é natural ao sujeito, e isso demanda uma "adaptação" a esse espaço que é cultural, social e econômico. Se adequar ao universo envolve trocar, agir sobre a sociedade, visto que, para compreender o que é interno se faz necessário passar pelo mundo externo, faces de uma mesma moeda. O fenômeno psicológico é o fenômeno da dialética, da relação entre objetividade e subjetividade, da conversão do social para individual. (BOCK; GONÇALVES; FURTADO; 2007).

Os modos de pensar e agir, assim como os sentimentos se apresentam de maneiras distintas pelas possíveis formas de subjetivação. O fenômeno psicológico não ocorre por conta própria, ele se desenrola a partir desse movimento, da transformação do mundo e da ação humana sobre o mesmo. Vale destacar que se fala aqui de um fenômeno em determinado período, espaço e conseqüentemente cultura como visto no capítulo anterior. Como ciência que investiga o mundo subjetivo, a psicologia compreende que sujeito e mundo se complementam, dando resultado a uma subjetividade baseada na construção de sentido e significado, a partir das experiências vivenciadas que envolvem elementos externos ao sujeito como relações familiares, violência, mídia, arte, fatores que formam uma cultura como suas normas e valores.

Como visto, a dialética entre sujeito e mundo se inicia logo após o nascimento, nas primeiras fases do desenvolvimento humano. A identidade ergue-se em um sistema social construído historicamente, e a especificidade dessa identidade exterioriza-se no comportamento que se manifesta em um campo que considera fatores internos e externos, como já foi visto. Para Ciampa (1987), a identidade é metamorfose, e o indivíduo vai se apresentando e ao mesmo tempo se modificando. Ele é ativo no processo, transforma o mundo ao mesmo tempo em que é transformado, as mudanças não são impostas ou arbitrárias, ficando à mercê de determinações.

A partir das noções de identidade e subjetividade na modernidade, se percebe a princípio um entendimento sobre essa subjetividade no campo privado, fundamentada na afirmação de que as pessoas são donas de si e livres e detentoras de autonomia para fazer escolhas. Posteriormente, essa ideia de indivíduo entra em crise, gerando assim uma incerteza sobre a identidade. Individual ou coletiva, ela está presente em todas as sociedades, e sua construção é atravessada por fatores internos, externos, culturais e políticos. “A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais” (GOMES, 2005, p. 41). Igor (27 anos), que também foi entrevistado pela autora, acrescenta:

Nossos eventos são todos juntos e misturados. Nosso grupo gira em torno da música, mas as letras falam de várias coisas, de amor, de violência, de desigualdades, injustiças, política e várias outras coisas. A música é só o começo de um negócio profundo, eu vejo essa “postura” como um jeito de ver e encarar a vida (sic).

Segundo Hall (2015), a identidade em sua perspectiva pós-moderna rompe com a ideia de estabilização pois o sujeito não é mais unificado e homogêneo, as novas identidades são caracterizadas pela fragmentação. O que era certo, determinado e fixo experimenta a incerteza e a dúvida. Fatores econômicos e culturais, novas formas de produzir e consumir gerados pela globalização geraram novas identidades, globaliza. Se por um lado há uma homogeneidade cultural, por outro, novas formas e posições identitárias passam a existir (HALL, 2014).

O fenômeno conhecido como diáspora que descreve o movimento de imigração ao redor do mundo gera novas culturas e novas identidades. “Essa dispersão das pessoas ao redor do globo produz identidades que são moldadas e localizadas em diferentes lugares e por diferentes lugares” (HALL, 2014, p. 22). Como afirmação de uma nova identidade ou retomada de uma identidade “esquecida” ou neutralizada ao longo da história, percebe-se que não há uma única origem para essas identidades, passado e presente desempenham importante papel, seja na construção ou reconstrução. Embora semelhantes em seu “eixo central”, pelo compartilhamento de valores, princípios e ideais, os coletivos baseados na filosofia Hip-hop são distintos entre si em função de sua origem, localização e agentes. Como já foi visto, em Nova Iorque se manifesta de uma forma, no Rio de Janeiro de outra maneira e dentro desse

território, neste Estado, há a ramificação dos grupos, eles partem da mesma “inspiração”, mas se consolidam com características próprias. A partir de sua percepção, a jovem Ariane (26 anos) menciona essa distinção em seu relato:

Hoje eu sei que tem grupo dentro do grupo. O hip-hop na teoria é um só, mas cada grupo é de um jeito diferente, tem seu toque especial, entende? Já estive em outros eventos com uma outra galera que também curte esse lance cultural e musical, mas ao mesmo tempo em que somos iguais também somos diferentes. Eu acho que tem um Hip-hop mais raiz, outro mais nutella, outros ficam no meio e por aí vai. O que pra mim é muito igual, independente do lugar, é ter uma cara de resistência que quer cortar esse negócio de que uns são melhores e outros não (sic).

O processo que envolve a construção da identidade surge a partir da tomada de consciência das diferenças existentes entre “nós” e “eles”. Aqui, há diferença na igualdade, pois os grupos se enxergam como irmãos e semelhantes ao mesmo tempo que compreendem as diferenças existentes, seja em função do contexto social e político que marcam o início do coletivo, seja pela década de origem e/ou anos já percorridos. Independente desses fatores, eles não se enxergam sob uma ótica de competitividade ou por meio de padrões comparativos ou de qualificação, mas como partes de um todo, que caminham na mesma direção trilhando caminhos diferentes. Até o presente momento, foi possível entender que a complexidade da identidade engloba elementos históricos, culturais, políticos, linguísticos e também raciais. Kabengele Mudanga disserta sobre três fatores importantes quando se fala em identidade cultural: o fator histórico, psicológico e linguístico.

O fator histórico expõe a importância da trajetória histórica vivida por um grupo. Uma consciência histórica é capaz de fornecer força ao coletivo, coesão e união. A fala do ativista Luck, no primeiro capítulo, é carregada de elementos históricos que funcionam como uma linha do tempo para que se entenda a origem do movimento (passado) e o modo como ele se desenvolveu e se encontra na atualidade (presente). Assim, é possível apreender sobre representações, significados e identidades produzidas. “O fator histórico parece o mais importante, na medida em que constitui o cimento cultural que une os elementos diversos de um povo através do sentimento de continuidade histórica vivido pelo conjunto de sua coletividade” (MUNANGA, 2020, p. 12). O fator psicológico refere-se às ideias compartilhadas pelos membros do grupo como uma espécie de ideologia que reforça o grupo como entidade, envolve a percepção social, a forma como os membros do coletivo se percebem e se contrapõe aos membros de outros grupos.

Os estudos culturais após o estruturalismo apresentam o conceito de identidade, e a esclarece sob uma visão essencialista e não essencialista, diretamente relacionado às relações de poder. Uma definição essencialista da identidade seria aquela que consiste em um conjunto de características fixas, autênticas, compartilhadas por um grupo e que não se alteram. Sobre o olhar da cultura Hip-hop, pode-se dizer que esse essencialismo consiste em conhecer todos os quatro elementos culturais que são a base do movimento (*Rap*, *MC- Master of Ceremony* (mestre de cerimônia) e *DJ*, *Graffiti* e o *Breakdance/breaking*), assim como os artistas pioneiros, o contexto social e político da época e demais elementos imutáveis que fazem referência a história.

No “Batidas e Rimas”, a lógica permanece, um sujeito detentor dessa identidade seria aquele que acompanha desde os primeiros passos, os primeiros encontros e os agentes importantes para sua expansão e localização. Já a definição não essencialista vislumbra as

diferenças, as características comuns e o modo como passa por mudanças ao longo do tempo. Nesse campo identitário, a diferença é fundamental para que se estabeleça uma identidade, pois a partir das interações sociais é possível vislumbrar que a complexidade presente no outro, é distinta do eu, o que torna possível perceber-se como diferente.

Em geral, consideramos a diferença como um produto derivado da identidade. Nesta perspectiva, a identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença. Isto reflete a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos (SILVA, 2000, p. 75-76).

A palavra identidade, se forma a partir do adjetivo “idem”(com o significado de “o mesmo”) e do sufixo “dade” (indicador de um estado ou qualidade) de origem latina, conduz à sua aplicação em situações em que se qualifica aquilo que é idêntico a si mesmo e diferente do restante, identificando algo que permanece. Para Sócrates e Platão, o desejo por uma definição do que são as coisas, ou seja, a busca por um fundamento no pensamento filosófico ocasionou a gênese da expressão. Pode-se compreender identidade como um conjunto de características subjetivas e particulares que individualiza, diferencia o sujeito em determinada sociedade. De acordo com a sociologia, não é algo dado ou determinante, uma vez que se encontra em constante construção e transformação. Envolve identificação e atribuição de sentido aos elementos circunscritos ao âmbito social.

Para o sociólogo espanhol Manuel Castells (1942 – atual), a construção da identidade para o sujeito ocorre a partir de peculiaridades oriundas de um campo cultural. Território este de elementos inter-relacionados onde alguns se sobrepõem aos demais atributos culturais. Vale destacar que a identidade transcende o campo dos papéis desempenhados no âmbito social, pois os significados atribuídos pelos agentes possibilitam uma internalização repleta de sentidos que propiciam uma auto definição e individuação. O “acervo” fornecido pela sociedade, como religião, etnia, gênero, história, política passam pelo processo de percepção, que na perspectiva cognitiva representa os estímulos que são recebidos pelos sentidos e que possibilitam a identificação de e acontecimentos. Logo após, há uma assimilação que ocasiona a reorganização do sentido de acordo com a estrutura social, o espaço e tempo (CASTELLS, 1999).

Na teoria, o discurso padrão prega o respeito à diversidade, a tolerância e o reconhecimento de que existe valor na diferença. Na prática determinadas identidades são cristalizadas, naturalizadas em detrimento de outras. Ora, pode-se presumir que o respeito ao distinto está diretamente relacionado às relações de poder. No livro *O Poder da Identidade*, Manuel discorre sobre a construção identitária neste ambiente, que pode ser dividida em três origens e formas distintas. Em primeiro lugar, a identidade legitimadora, como o próprio nome diz, é aquela ratificada que objetiva perpetuar sua autoridade em relação aos demais. Em segundo lugar, ênfase do presente trabalho, está a identidade de resistência formada por indivíduos que compreendem a assimetria de poder, possuem a consciência de que estão em uma posição subalterna e buscam por meio da resistência romper com a lógica dominante. O entrevistado Isaque (22 anos) menciona: “o Batidas e Rimas na baixada passa uma mensagem o tempo todo, de que não somos alienados e de que entendemos as injustiças desse mundo (sic).

De acordo com Castells, a terceira forma de construção identitária é aquela em que os sujeitos constroem sua identidade a partir de uma espécie de síntese do material cultural disponível. Ao fazê-lo percebe-se uma mudança de postura em relação a dinâmica social. Nomeada Identidade de projeto, é possível citar como exemplo os manifestantes que não são

diretamente afetados pelo “Can’t breath” (Não posso/consigo respirar), seja pela região em que vivem, pela classe social que ocupam ou pela cor de sua pele, mas são capazes de assimilar a problemática em torna dessa minoria e assim buscar uma nova forma de vida partindo de sua experiência, redefinindo sua posição na sociedade e colaborando para a modificação estrutural da mesma.

De acordo com o sociólogo francês Claude Dubar (1945-2015), identidade não é caracterizada pela rigidez, mas pela identificação que ocorre de maneira incerta e imprevista. Segundo o teórico, essa identidade é resultado de uma dupla operação linguística: a diferenciação e a generalização. No campo identitário, a diferença é fundamental para que se estabeleça uma identidade, pois a partir das interações sociais é possível vislumbrar que traços, elementos complexos presentes no “Outro” são distintos do “Eu”, o que torna possível perceber-se como díspar. Aqui, o contato e a interação com o “Outro” permitem que o mesmo tenha duas atribuições: Fornecer a divergência e dissemelhança para que o contraste possibilite o reconhecimento de si. E em segunda instância sua identidade é ratificada pelo reconhecimento dessas diferenças. A alteridade e a identidade variam ao longo da história e dos contextos.

Indivíduo e sociedade como fundamentos distintos, mas como partes que se complementam em um mesmo processo. Uma vez que o nascimento ocorre em uma sociedade que embora dinâmica, preserva alguns artefatos como linguagem por exemplo, o ser e estar no mundo pode ser interpretado como uma parcial herança do que se desencadeou na sociedade para que seu formato no momento correspondente seja como for, deste modo, o eu é inseparável do social. “O indivíduo e a sociedade são gêmeos, (...) a noção de um ego separado e independente é uma ilusão” (COOLEY, 1909, p.05).

Ainda segundo o autor, a consciência que esses sujeitos possuem de si é fruto de uma espécie de relação entre o meio interno (si mesmo) e externo (os outros e o mundo que o rodeia). Nomeada originalmente como *Looking-glass self* (espelho próprio), o conceito compreende que a identidade se estrutura, ganha forma por meio das interações sociais que se desenrolam em determinado contexto social, ou seja, as relações estabelecidas ao longo da trajetória funcionam como um espelho. Exemplificando: Para Cooley, o processo de reconhecimento de Lucas não ocorre a partir da compreensão do que os outros pensam a seu respeito dele, mas pela percepção que o mesmo concebe sobre como é visto, o que pensam a seu respeito, o que pode ocasionar apreensões corretas e incorretas que suscitam emoções e sentimentos que interferem no pensamento e consequentemente comportamento. Três elementos são essenciais neste conceito de self social de Charles: o modo como se imagina como os outros o veem, o que se conclui sobre o julgamento do outro e os sentimentos sobre si mesmo a partir da avaliação feita por terceiros.

Da mesma forma que ao vermos nossa face e roupas no espelho ficamos interessados neles porque são nossos, e satisfeitos ou não com eles se eles respondem ou não ao que nós gostaríamos que eles fossem; na imaginação nós percebemos na mente do outro algum pensamento de nossa aparência, maneiras, objetivos, ações, caráter, amigos e assim por diante, e somos afetados por isso de diversas formas (COOLEY, 1902, p.181).

Como já mencionado, o sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall (2006) apresenta o conceito de identidade cultural, aquela vinda do pertencimento, o que abarca distintos valores, hábitos e culturas. A sociedade atual apresenta mais possibilidades de identificação, como uma espécie de fragmentação de alguns elementos como classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e

até nacionalidade. Desta forma, as identidades também estão mudando, se comparado ao passado “Esta perda de sentido de si estável é chamada, algumas vezes, de duplo deslocamento ou descentração do sujeito” (HALL, 2006, p. 9). Características compartilhadas por um grupo e pertencentes a determinada identidade que não se alteram, simbolizam a perspectiva essencialista e imutável. Esse descentramento do sujeito questiona o que é dado e concebido como verdade absoluta.

As diferenças e a identidade estão em constante modificação sob a influência do poder que gere as relações, que estabelece a normalidade e organiza a vida em sociedade (SILVA, 2007). A diferença é fundamental para que se corrobora a identidade, esta identificação ocorre de maneira dinâmica e complexa, influenciada pelas interações sociais. Segundo Hall (2006), a identidade estabilizada é inviável. Estamos expostos a uma variedade de identidades e estamos suscetíveis a nos identificar.

O sentido da palavra self para a psicologia relaciona-se a uma questão de identidade, pelo modo de se enxergar como único e particular. Envolve processos únicos que diferenciam os indivíduos por meio de experiências conscientes e pensamentos específicos que geram representações correspondentes a essas experiências únicas. Logo, o desenvolvimento da autoimagem, a constituição de um autoconceito se transcorre a partir da relação de si com o outro, possibilitando uma construção identitária:

Se a identidade representa o self enquanto sujeito, o autoconceito pode ser definido como um conjunto de pensamentos e sentimentos que se referem ao self enquanto objeto, sendo formado a partir das experiências e das interpretações que efetuam do ambiente que os rodeia, ou seja, permite perceber-se como indivíduos dotados de atitudes, valores e comportamentos (ANDRADE, 2016, p. 139).

Se em algum momento na história não havia estímulo ou ênfase ao individualismo, a partir da modernidade, período histórico que se consolida no século XVIII, as mudanças no plano social, político e econômico estendem-se, e as noções de indivíduo e subjetividade se tornam objeto de discussão especialmente sob a ótica iluminista, ao afirmar que o indivíduo possui a capacidade de se descentrar, de fazer escolhas próprios e ter autonomia de si mesmo. (...) O homem deixa de ser seu clã, sua cidade, sua nação e passa a existir por si mesmo, com suas exigências próprias, com seus direitos intransferíveis à felicidade e à auto realização. (ROUANET, 1993. p. 35).

4.3. Lembranças e Memórias como Elementos Constituintes da Identidade

No capítulo dois, identidades coletivas de sua obra *O medo dos Bárbaros*, publicado em 2010, Todorov defende a idéia de que cada indivíduo participa ao mesmo tempo de inúmeras identidades, amplas e variadas, de acordo com muitos aspectos, que podem criar ambientes e reflexos, como a “cultura”, com um caráter mais sentimental de apego à terra dos antepassados; na cívica, ao Estado, que versa sobre o país do qual são cidadãos; e ao projeto moral e político ao qual se decide aderir na defesa dos quais se lançam e são capazes de atitudes intransigentes.

Assim, um grupo se caracteriza pela união desses aspectos e traz em seu bojo características coletivas capazes definir-se num lugar, definir o seu lugar de fala e definir como pretende ser ouvido e por quem. Na música e no estilo, essa questão parece bastante profícua, desenhando contornos e simbologias que colocam o lugar, a fala e a distribuição para a

formação de sujeitos alinhados ao pensamento e reflexão das questões sociais, políticas e ideológicas que vão além do estar, mas do ser.

Como meio de caracterização e diferenciação, a identidade possibilita que o sujeito se “encontre” a partir de atributos específicos que estabelecem socialmente uma distinção com os demais. Identidade como fruto da dialética entre esse sujeito e a sociedade, propiciando a constituição da identidade pessoal. Hipoteticamente, ao considerar um recorde temporal de 50 anos, o que diferenciaria o posicionamento, o modo de ser estar no mundo dos jovens negros dos anos 70 se comparados à juventude de 2020? Aqui busca-se ressaltar justamente a ruptura com a ideia de que há um determinismo no que o ser é ou pode vir a ser, como se fosse possível um pacote dado, esgotando-se em determinado momento. Consequentemente, expectativas sobre o comportamento condizente com essas perspectivas são criadas como se não houvesse espaço para um desvio, para o novo.

Ou seja: só posso comparecer no mundo frente a outrem efetivamente como representante do meu ser real quando ocorrer a negação da negação, entendida como deixar de presentificar uma apresentação de mim que foi cristalizada em momentos anteriores – deixar de repor uma identidade pressuposta – ser movimento, ser processo, ou, para utilizar uma palavra mais sugestiva se bem que polêmica, ser metamorfose (CIAMPA. A. C. 1989 p. 70).

Percebe-se que a exemplificação citada acima, entre os jovens dos anos 70 e de 2020 possui como base a história como agente ativo no processo identitário. Falar de história envolve falar em memória e a relação que o indivíduo estabelece com a mesma. Se por um lado a percepção representa a captação de estímulos sensoriais oriundos do ambiente que chegam à consciência, por outro, a lembrança abarca representações que estavam até então “adormecidas”.

No campo da psicologia, a memória é uma das funções neuropsicológicas mais complexas, pois envolve o armazenamento e resgate de informações, experiências e conhecimentos. Pode-se dividir este processo em três etapas distintas e complementares. Primeiramente, na aquisição os dados chegam à consciência, ao sistema nervoso central por meio dos estímulos capturados pelos órgãos dos sentidos (visão, audição, tato, paladar e olfato) que são decodificados. As informações são posteriormente consolidadas, a partir do trabalho de neurotransmissores que agem no espaço existente entre dois neurônios (sinapses), e finalmente a evocação envolve a reconstrução e reelaboração do que foi acomodado. As memórias podem ser classificadas como sensorial, de trabalho e de longa duração (MLD) (JUNIOR; FARIA, 2015).

A memória permite que o passado venha à tona, e novas experiências e percepções derivadas da relação do presente com o passado possibilitam que a consciência da juventude de hoje seja distinta da que foi manifestada no passado. Logo, a memória do sujeito está diretamente relacionada ao ambiente em que está inserido, ao seu relacionamento com grupos próximos e de convivência. “Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor” (BOSI, 1979, p. 17). Essa memória subjetiva, particular está associada à memória de um grupo e automaticamente à memória de cada sociedade.

A história é elemento indissociável quando se fala na apropriação e internalização de uma cultura, seja ela qual for, neste caso a negra, uma vez que o que existe hoje é fruto do que existiu ontem, é resultado de um processo que se desenrola ao longo dos anos, e resgatar a memória nada mais é do que retomar um período que deixou marcas na vida de algumas pessoas. Para Le Goff (1990), a história perdura na consciência do homem, pois a memória possui a capacidade de preservar certos dados, automaticamente, e de maneira dinâmica o passado não é esquecido.

Para Pierre Nora, a contemporaneidade divide a noção de memória e história. Enquanto a primeira é tida como um processo dinâmico, detentor de uma herança que fornece forma e vida, a segunda é estática, se sobrepondo à memória por enxergar o passado como algo distante, a ser reconstruído, criando uma espécie de unidade no meio das várias identidades, fruto da modernidade. Para o autor, “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga a continuidades temporais, às evoluções, e às relações das coisas. A memória é o absoluto e a história o relativo” (NORA, 1993, p. 18).

Já para Munanga (2020), a história não pode ser feita sem a memória. Acontecimentos, agentes, lugares vividos e herdados atravessam esse campo empírico que sofre mudanças e reelaborações ao longo do tempo. Os lugares vividos trazem a subjetividade da experiência de determinado grupo, população e se distingue dos lugares herdados pois o mesmo apresenta uma história cuja narrativa é fruto do processo de socialização, podendo assim ser tendenciosa.

Diante da necessidade de um significado e de um sentido para a sociedade, Nora apresenta "Lugares de Memória" como um misto de memória e história, com elementos sincronicamente materiais, simbólicos e funcionais flexibilizando o distanciamento entre os termos. Estes lugares seriam construídos a partir da interação entre memória e história, sem sobreposições e transcende o âmbito das lembranças e dos processos sociais que desencadeiam essas produções, possuindo ao mesmo tempo um aspecto histórico. "Só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica [...] só entra na categoria se for objeto de um ritual." (NORA, 1988, p. 21). Estes ritos podem ser entendidos como formas de manifestação de uma cultura por meio de seus valores, objetos e ações. Marcele (23 anos), também contribui:

Os shows e batalhas (musicais) ocorrem na Baixada toda, mas os melhores eventos são os realizados na Praça Dona Branca. Foi onde tudo começou, foi onde a música passou a ter um novo sentido na vida de muita gente. Quando tem algo lá é como se voltasse a origem, a base, onde todo mundo faz parte, diferente de um público mais restrito como as festas pagas. A mobilização para que tudo dê certo é até maior, porque é um evento da gente feito pela gente, nos sentimos mais à vontade e nos lembramos o que somos e de onde viemos (sic).

No início do presente trabalho, a contribuição dos pioneiros do Hip-hop foi significativa, e mostra a importância da memória e da história. Não foi possível encontrar em livros dados sobre o desenvolvimento do Hip-hop em Queimados, todavia, por meio de relatos baseados na memória, nas lembranças de momentos cruciais, foi possível fazer discorrer a respeito. Vale destacar que nas entrevistas não apenas os fatos eram lembrados, mas as emoções e sentimentos gerados por aquelas experiências. Foi contagiante ver a emoção e empolgação que emergia a cada palavra, cada frase. Ao transmitir, eles revivem aquela experiência ratificando também que os valores e ideias da época em questão permanecem, mesmo com algumas modificações ao longo do tempo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para terminar este texto, mas não as considerações, é preciso dizer o quanto o presente trabalho gerou aprendizado. Inicialmente, a pesquisa estaria situada em uma instituição de ensino, no ambiente escolar. Todavia, as ramificações e mudanças do processo de produzir levou a outros caminhos, para muito além de Queimados. Foi possível transitar pela Baixada Fluminense, pelo Rio de Janeiro (capital), por São Paulo e inclusive Nova Iorque, muito além do que se cogitou originalmente.

Foi possível vislumbrar lindos trabalhos que mudaram e ainda mudam a vida de muitas pessoas. Os projetos desenvolvidos por Luck na comunidade, por Dudu em Morro Agudo e por Romildo em Queimados confirmam a ideia de que o Hip-hop vai muito além de música, e se apresenta como um modo de ser no mundo, como uma identidade. Foi um desafio e tanto, mas o prazer de conhecer e como esta cultura transforma vidas foi fascinante e inspirador. Um desafio e tanto. O batidas e Rimas é muito mais do que se pensava inicialmente, e este processo de descoberta levou à conclusão de que este grupo cultural salva-vidas, agrega a comunidade, ao município e ao mundo.

Nas conversas, foi possível compreender que pela frente, o caminho do Batidas é longo, e que as pequenas conquistas incentivam a luta por reconhecimento e investimento. Em função de tempo e outros atravessamentos, o Instituto Enraizados está um pouco mais “consolidado” tornando-se um exemplo para o Batidas e motivo de diálogo entre os gestores. Há troca, aprendizado, parceria e irmandade, perspectiva presente no universo Hip-hop.

Observar nas pessoas, de adolescentes a adultos, um raciocínio aprofundado sobre a história, a filosofia de vida e as questões sociais que esta cultura crítica e prega, foi prazeroso em muitos aspectos. Eles enxergam a Baixada como um local de produção de cultura, e sem dúvidas são sujeitos importantíssimos para transmitir aos que virão os valores e o circunda o universo Hip-hop.

Não é apenas música e/ou rap, é uma postura, uma identidade, um conjunto de elementos que influenciam o pensamento e as ações. É a busca por melhorias não só para si enquanto coletivo, mas para a sociedade. Retoma-se a fala de Monique (28 anos) que afirma que esta cultura está na vida, não apenas nos eventos, e que há total consciência de que o modo como se colocam representa uma oposição ao “sistema”.

As experiências proporcionadas durante essa pesquisa, aos poucos faz com que se compreenda o valor de resistir, insistir e não desistir. Foi possível vislumbrar as maravilhas e as riquezas de uma identidade, de simplesmente um modo de existir.

Em algum momento, no futuro próximo, seria de grande valor o registro do Batidas e Rimas e do Instituto Enraizados, pois ambos constituem um patrimônio cultural em função de sua relevância histórica e para a comunidade. O artigo 216 da Constituição federal diz:

Artigo 216 - Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I – as formas de expressão;

II – os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

(...)

IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Parágrafo 1º - O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação e de outras formas de acautelamento e preservação.

(...)

Parágrafo 4º - Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei. (BRASIL, 1988).

De acordo com o senhor Romildo, idealizador e um dos líderes do grupo “Batidas e Rimas”, as criações carregam o estigma da periferia. Arte e produção cultural não legitimadas, pois não há o reconhecimento social que torna versos triviais e corriqueiros em arte (Bourdieu, 2007). Para o integrante, os eventos e a organização coletiva deixam a mensagem de que a Baixada fluminense possui um discurso político, é consciente, detentora de senso crítico e que busca a partir da arte romper, ou no mínimo provocar a ordem vigente e dominante.

Que ambos os coletivos representam a identidade de um povo, sua história e memória, não há dúvidas, mas o caminho para este reconhecimento ainda precisa ser percorrido, todavia, os jovens entrevistados quanto demais sujeitos que se identificam provam que desde já este título é pertinente e mais do que merecido. Espera-se que nos próximos anos, os trabalhos seguintes já mencionem esta constatação, este reconhecimento.

6. REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. **A construção da Identidade, Auto-conceito e Autonomia em Adultos Emergentes**. Psicologia Escolar e Educacional, 2016, p. 139.

AITA, E. B., & FACCI, M. G. D. **Subjetividade**: uma análise pautada na Psicologia histórico-cultural. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jul/dez de 2008 p. 36.

ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Tradução de Maria Laura V. de Castro. Introdução crítica de José Augusto Albuquerque. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985 [1969]. p. 94.

BOAS, F. **Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar ed., 2006.

BOCK, A. M. B. **A Psicologia sócio-histórica**: uma perspectiva crítica em Psicologia. In: Bock, A. M. B; Gonçalves, M. G. G.; Furtado, O. (Orgs.). Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia. São Paulo: Cortez. 2004.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo, T. A. Queiroz, 1979.

BOURDIEU, P. **A Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____, P. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p. 10.

_____, P. **A dominação masculina**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 7-8.

_____, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004.

_____, P. **What makes a social class?** On the theoretical and practical existence of groups. Berkeley Journal of Sociology. Nº 32, p.5.

_____, P.; PASSERON, J.-C. **A reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Trad. de Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982. P. 349.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, C. (Org.) . **Evolucionismo cultural/textos de Morgan, Tylor e Frazer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. v. 1. 128 p. 69.

CIAMPA, A. C. **Identidade**. In: LANE, S. O homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1989. p.64.

COOLEY, C. H. **Human Nature and Social Order**. New York: C. Scribner's Sons, [1902], 1922. p. 36.

_____, C. H. **Social Organization: A Study of the Larger Mind**. New York: C. Scribner's Sons, 1909. p. 5.

CUCHE, D. **O Conceito de Cultura nas Ciências Sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.

DUBAR, C. **A crise das identidades: a interpretação de uma mutação**. Porto: Edições Afrontamento, 2006. p.9.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Ed. da Universidade Candido Mendes, 2001.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. v.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GONÇALVES, A. **O pensamento mítico na teoria da ação comunicativa**. "Ideias", Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Unicamp, 12 (2)/13(1). Campinas, 2005/2006.

HALL, S. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. In: Educação & Realidade. jul/dez. 1997. p. 17.

_____, S. **Notas sobre a desconstrução do popular**. In: Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 255.

_____, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015. p. 9.

_____, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG,2009.

LAHIRE, B. **Reprodução ou prolongamentos críticos?** Educação & Sociedade. Campinas: v. 23, n. 78, abr. 2002, p. 50.

LANE, S. T. M., & Araujo, Y. (Orgs.). **Arqueologia das emoções**. Petrópolis: Vozes, 1999.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LEVIN, J. D. **Theories of the self**. Washington: Taylor % Francis, 1992.

LUCCI, M. A. **A proposta de Vygotsky: a psicologia sóciohistórica**. Professorado. Revista de curriculum y formación del profesorado, v.10, n. 2, p. 1-11, 2006.

MARTÍNEZ, M. A. **A teoria da subjetividade de González Rey: uma expressão do paradigma da complexidade na psicologia**. In: GONZÁLEZ REY. F. (Org.) Subjetividade,

complexidade e pesquisa em psicologia. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005. p.20.

MORGAN, L. H. **A sociedade antiga**. In: CASTRO, Celso (Org.). Evolucionismo Cultural. Textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p.41-65.

NORA, P. **Entre Memória e História**: a problemática dos lugares. In: Projeto História. São Paulo: PUC. n. 10, p. 7-28, 1993.

OLIVEIRA, M. A. T. de. **O Pensamento de Edward Palmer Thompson como Programa para a Pesquisa Histórica em Educação**. Revista Brasileira de História da Educação, n. 16, Jan/abr 2008. p. 147-170.

REY, G. F. L. **Sujeito e Subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Thomson Learning, 2003. p. 240.

ROUANET, P. S. **Mal-estar na Modernidade**: ensaios. São Paulo. Companhia das Letras. 1993. p. 35.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo** / Edward W. Said ; tradução Denise Bottmann. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.30.

SCHERER-WARREN. **Redes de movimentos sociais**. 2ª edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Loyola/Centro João XXIII, (1996)

SILVA, T. T. **Documentos de Identidade**: uma introdução às Teorias de Currículo.3. ed. São Paulo: Autêntica. 2010. p. 75-76.

TYLOR, E. B. **A ciência da cultura**. In: CASTRO, Celso (org.) Evolucionismo cultural. Trad. Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 93

THOMPSON, E. **A miséria da teoria: ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.p. 99.

THOMPSON, Edward P. **As peculiaridades dos ingleses**. In.: NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sergio (orgs.). E. P. Thompson: as peculiaridades dos ingleses e outros artigos. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1998b. v. 2, p. 99.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.

_____, L.S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

WILLIAMS, R. **Cultura e sociedade**. Tradução de Leônidas H. B. Hegenberg, Octany Silveira da Mota e Anísio Teixeira. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

_____.**Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1979. p. 145.

_____.**Cultura e materialismo**. São Paulo: Ed. Unesp, 2011. p. 54.